KRISHNAMURTI

SOBRE RELACIONAMENTOS

ON RELATIONSHIP

Cultrix

SOBRE RELACIONAMENTOS

J. Krishnamurti

Em 1950, Krishnamurti disse: "Se nos preocuparmos com a nossa própria vida, se entendermos o nosso relacionamento com os outros, criaremos uma nova sociedade; caso contrário, perpetuaremos a atual desordem e confusão."

Apresentando uma base de longo alcance para a resolução de muitas das crises mundiais, *Sobre Relacionamentos* reúne os ensinamentos mais essenciais para o relacionamento do indivíduo com as outras pessoas, com a sociedade e com a própria vida.

Neste livro, o renomado mestre torna claro que o modo como lidamos com as nossas crises pessoais e os nossos relacionamentos tem um significado mais amplo, global, que nos conecta com os problemas de todas as pessoas. Não se pode acabar com as causas da guerra, por exemplo, se deixamos de ver a necessidade de um verdadeiro respeito dentro da família e em relação a todas as outras pessoas.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986), o renomado mestre espiritual, divulgou sua mensagem em conferências e em livros como *Reflexões sobre a Vida*, *A Rede do Pensamento*, *Diálogos sobre a Visão Intuitiva* e outros, publicados pela Editora Cultrix.

Nesta nova série, serão publicados os seguintes títulos:

- *Sobre Deus*
- *Sobre relacionamentos*
- *Sobre a vida e a morte*
- *Sobre o modo correto de ganhar a vida*
- *Sobre conflitos*
- *Sobre aprendizagem e conhecimento*
- *Sobre amor e solidão*
- *Sobre a mente e o pensamento*

EDITORA CULTRIX

KRISHNAMURTI SOBRE RELACIONAMENTOS

Sobre Relacionamentos

J. Krishnamurti

Sobre Relacionamentos

Tradução
PEDRO DA SILVA DANTAS, JR.

EDITORA CULTRIX
São Paulo

O problema não é o mundo, mas você no seu relacionamento com o outro, o que gera um problema; e esse problema, multiplicado, torna-se o problema do mundo.

Colombo
25 de dezembro de 1949

Sumário

Prólogo

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895 e, com treze anos, foi aceito pela Sociedade Teosófica que o considerou talhado para o papel de "instrutor do mundo", cujo advento vinha anunciando. Em pouco tempo, Krishnamurti despontaria como professor vigoroso, independente e original, cujas palestras e escritos não se ligavam a nenhuma religião específica nem eram próprios do Ocidente ou do Oriente, mas de todo o mundo. Repudiando com firmeza a imagem messiânica, em 1929 ele dissolveu dramaticamente a ampla organização monista que se constituía à sua volta e declarou ser a verdade um "território inexplorado", do qual não se podia aproximar através de nenhuma religião formal, de nenhuma filosofia ou seita.

Pelo resto de sua vida Krishnamurti rejeitou com vigor a condição de guru que tentavam lhe impingir. Ele continuou a reunir grandes multidões em todo o mundo, mas não atribuía a si mesmo nenhuma autoridade, não desejava discípulos, e falava sempre como um indivíduo se dirigindo a outro. No âmago de seus ensinamentos encontrava-se a constatação de que mudanças fundamentais na sociedade só podem ser conseguidas através da transformação da consciência individual. Ele acentuava constantemente a necessidade do autoconhecimento e de compreender as influências restritivas e separatistas da religião, bem como das condicionantes nacionalísticas. Krishnamurti apontava sempre a urgente necessidade de se manter o espírito aberto e o "amplo espaço da mente em que há inimaginável energia". Tal parece ter sido o manancial de sua própria criatividade e a chave para o poder catalítico que exercia sobre uma tão grande variedade de pessoas.

Ele palestrou sem cessar por todos os cantos do mundo até sua morte, ocorrida em 1986, aos noventa anos de idade. Suas palestras e diálogos, diários e cartas foram reunidos em mais de sessenta livros. Desse vasto corpo de ensinamentos compilou-se esta série de livros-tema. Cada livro focaliza um assunto que possui particular relevância e urgência na nossa vida diária.

Ojai, 16 de Junho de 1940

Para a maioria de nós, o relacionamento com outra pessoa baseia-se em dependência, seja ela econômica ou psicológica. Essa dependência cria medo, alimenta em nós a possessividade, resulta em atritos, suspeitas, frustração. A dependência econômica de outro pode eventualmente ser eliminada através de um conjunto de leis e de uma organização adequada, mas refiro-me em especial àquela dependência psicológica de outro, que é conseqüência da ânsia por satisfação pessoal, felicidade e assim por diante. Num tal relacionamento possessivo, a pessoa se sente enriquecida, criativa e ativa; ela sente que sua pequena chama de ser está aumentada pelo outro. De maneira a não perder essa fonte de plenitude, receia-se perder o outro, e assim formam-se os temores possessivos com todos os problemas deles resultantes. Assim, nesse relacionamento de dependência psicológica, deve haver sempre medo, consciente ou inconsciente, deve haver suspeita, com freqüência escondida sob palavras agradáveis. A reação a esse medo leva sempre a procurar segurança e enriquecimento através de diversos canais, ou a isolar-se em idéias e ideais, ou a procurar substitutos para satisfação.

Embora sejamos dependentes de outro, há ainda o desejo de ser inviolável, de ser pleno. A complexidade do problema do relacionamento está em como amar sem ser dependente, sem atrito ou conflito; está em como vencer o desejo de se isolar, de se afastar da causa do conflito. Se, para nossa felicidade, dependemos do outro, da sociedade ou do ambiente, eles se tornam essenciais para nós; nos apegamos a eles, e nos opomos a qualquer alteração neles pois deles dependemos para nosso bem-estar e segurança psicológica. Embora

intelectualmente percebamos que a vida é um processo de fluxo contínuo, de mutação com necessidade de transformações constantes, emocional ou sentimentalmente nos apegamos aos valores estabelecidos e confortáveis; daí haver uma constante batalha entre a mudança e o desejo de permanência. É possível pôr um fim a esse conflito?

Não pode existir vida sem relacionamentos, mas nós tornamos isso odioso e angustiante ao basear esses relacionamentos em amor pessoal e possessivo. Pode alguém amar sem, no entanto, possuir? A resposta verdadeira será encontrada, não na fuga, nos ideais, nas crenças, mas através do compreender as causas da dependência e da possessividade. Se se consegue entender com profundidade esse problema do relacionamento entre nós e o outro, então talvez possamos compreender e resolver o problema do nosso relacionamento com a sociedade, pois a sociedade não é mais do que uma extensão de nós mesmos. O ambiente que chamamos sociedade foi criado por gerações passadas; nós o aceitamos, na medida em que ele nos ajuda a manter a nossa cobiça, a nossa possessividade, a nossa ilusão. Nessa ilusão não pode haver unidade ou paz. A mera unidade econômica, conseguida através da compulsão e de um conjunto de leis, não pode pôr fim à guerra. Não poderemos ter uma sociedade pacífica enquanto não entendermos o relacionamento individual. Uma vez que nosso relacionamento é baseado em amor possessivo, precisamos estar cientes, nós mesmos, de sua origem, de suas causas, de sua ação. O tornar-se profundamente consciente do processo de possessividade, com sua violência, seus temores, suas reações, produz uma compreensão que é total, completa. Essa compreensão, por si só, liberta o pensamento da dependência e da possessividade. É no interior do indivíduo que pode ser encontrada a harmonia do relacionamento, não em algum outro ou no ambiente.

No relacionamento, a causa primeira de atrito é a própria pessoa, o si mesmo que é o centro de anseios aglomerados. Se ao menos pudermos verificar que, de primordial importância não é o modo de agir do outro, mas sim como cada um de nós age e reage, e, além disso, se pudermos entender com amplitude e profundidade essa ação e reação, então o relacionamento poderá sofrer uma transformação profunda e radical. Nesse relacionamento com outro, não há apenas

o problema físico, mas também aquele do pensamento e sentimento em todos os níveis, e só se pode estar em harmonia com o outro quando se está integralmente em harmonia consigo mesmo. No relacionamento, a coisa importante a se ter em mente não é o outro mas a si mesmo, o que não significa se isolar, mas perceber profundamente em si mesmo a causa do conflito e da dor. Na medida em que dependemos do outro para nosso bem-estar psicológico, intelectual ou emocional, essa dependência criará inevitavelmente o medo do qual se originará a dor.

Para compreender a complexidade do relacionamento é preciso haver paciência interessada e veemência. O relacionamento é um processo de auto-revelação no qual descobrimos as causas ocultas da dor. Esta auto-revelação só é possível no relacionamento.

Estou dando ênfase ao relacionamento porque, ao compreender com profundidade sua complexidade, estaremos criando entendimento, um entendimento que transcende a razão e a emoção. Se o nosso entendimento se basear apenas na razão, surge o isolamento, o orgulho e a falta de amor, e se basearmos o nosso entendimento meramente na emoção, então ele não terá profundidade; haverá apenas um sentimentalismo que logo evapora, sem nada de amor. Apenas desse entendimento pode resultar plenitude de ação. Esse entendimento é impessoal e não pode ser destruído. Não se dá mais sob o comando do tempo. Se não pudermos atingir o entendimento a partir dos problemas diários de cobiça e dos nossos relacionamentos, então buscar esse entendimento e amor em outros reinos da consciência é viver em ignorância e ilusão.

Não compreender inteiramente o processo da cobiça, e meramente cultivar a gentileza, a generosidade, significa perpetuar a ignorância e a crueldade. Não compreender integralmente o relacionamento, e apenas cultivar a compaixão, o perdão, significa cair no auto-isolamento e mergulhar em formas sutis de orgulho. Entender completamente o apego traz compaixão, perdão. As virtudes cultivadas não são virtudes. Essa compreensão requer um estado de consciência constante e alerta, um vigor flexível. O mero controle, com seu treinamento peculiar, é cheio de perigos, uma vez que é unilateral, incompleto e, portanto, superficial. O interesse traz consigo a sua con-

centração espontânea, natural, na qual floresce a compreensão. Esse interesse é despertado pelo observar, pelo questionar as ações da existência diária.

Para apreender o complexo problema da vida com seus conflitos e dores, é preciso atingir a compreensão total. E isso só pode ser feito quando se compreende com profundidade o processo de apego que atualmente se constitui na força central da nossa vida.

Questionador: Quando fala de auto-revelação, o senhor quer se referir ao fato de se revelar a si mesmo ou aos outros?

Krishnamurti: Com freqüência uma pessoa revela-se para os outros, mas, pergunto, o que é mais importante: ver-se a si próprio como se é ou revelar-se para o outro? Venho tentando explicar que, se o permitimos, todo relacionamento atua como um espelho no qual se pode perceber tudo o que é desonesto e tudo o que é direito. Ele dá o foco necessário para se poder ver com agudeza, mas, como expliquei, se estivermos ofuscados por opiniões, preconceitos, crenças, não poderemos, não importa quão intenso seja o relacionamento, ver claramente, imparcialmente. Nesse caso, o relacionamento não é um processo de auto-revelação.

Nossa consideração primordial é: O que nos impede de enxergar verdadeiramente? Não somos capazes de perceber, pois nossas opiniões a respeito de nós mesmos, de nossos temores, de nossos ideais, crenças, esperanças, tradições, tudo isso funciona como véus. Sem entender as causas dessas distorções, tentamos alterar ou nos ater àquilo que é percebido, e isso cria novas resistências e novas dores. O alterar ou aceitar o que foi percebido não deveria ser a nossa principal preocupação, e sim o tomar ciência das diversas causas que nos fazem ter estas distorções. Alguns poderiam alegar não dispor de tempo para se tornar cientes; eles vivem muito ocupados, e assim por diante, mas não é tanto uma questão de tempo, mas de interesse. Além disso, no que quer que eles estejam ocupados, há o início da tomada de consciência. Buscar resultados imediatos significa destruir a possibilidade de um completo entendimento.

Saanen, 31 de Julho de 1981

Questionador: Se o relacionamento de duas pessoas é marcado pela dor e pelo conflito, isso pode ser resolvido ou o relacionamento precisa acabar? Para haver um bom relacionamento será necessário que ambos mudem?

Krishnamurti: Espero ter entendido bem a pergunta. Qual é a causa da dor, do conflito e de todos os problemas que surgem no relacionamento? Qual a raiz disso? Por favor, ao responder a essas perguntas, estaremos pensando juntos. E não estaremos respondendo para você simplesmente rever ou aceitar ou rejeitar, mas sim examinando essas questões. E essa é uma questão que diz respeito a todos os seres humanos, sejam eles do Oriente, daqui ou da América. Esse é um problema que realmente diz respeito à maioria dos seres humanos. Aparentemente, dois seres humanos, um homem e uma mulher, não podem viver juntos sem conflito, sem dor, sem um senso de inadequação, sem aquela sensação de que não estão profundamente relacionados um com o outro. E por quê? As causas podem ser inúmeras: sexo, temperamento, sentimentos opostos, crenças, ambições. Podem haver muitas, muitas causas para essa falta de harmonia no relacionamento. Mas qual é realmente a fonte, a verdadeira raiz dessa fonte, que produz conflito em cada um de nós? Acredito ser esta a importante pergunta a fazer, e depois não esperar que a resposta venha de ninguém, como do orador, por exemplo, mas, tendo feito a pergunta, ter a paciência de esperar, de ponderar, de deixar a pergunta por si só criar semente, florescer, mover-se. Não sei se estou conseguindo transmitir essa sensação.

Eu pergunto a mim mesmo, sendo casado com uma mulher, ou vivendo com uma mulher, por que há esse conflito básico entre nós? Posso dar uma resposta superficial — porque ela é católica e eu sou protestante, por causa disto ou daquilo. Estas são todas razões superficiais, mas quero descobrir qual é a raiz profunda, ou a origem profunda desse conflito entre duas pessoas. Eu fiz a pergunta e agora estou à espera de que ela mesma floresça, ponha à mostra todas as complexidades da questão, e o que ela revela. Para isso, preciso ter um pouco de paciência — correto? —, saber esperar, observar, estar atento, para que a pergunta comece a se desabrochar. Quando ela começa a desabrochar, começo a enxergar a resposta. Não que eu queira uma resposta, mas a questão, ela própria, começa a se desenrolar, mostra-me a extraordinária complexidade que existe entre duas pessoas, entre dois seres humanos que talvez gostem um do outro, talvez estejam atraídos um pelo outro. Quando são muito jovens, eles se envolvem sexualmente, e assim por diante, e mais tarde, quando ficam mais velhos, se cansam um do outro e gradualmente escapam dessa monotonia através de outras pessoas, divorciando-se — você conhece o resto. Mas acabam encontrando o mesmo problema com outro. Assim, preciso ter paciência. Mas essa palavra, *paciência*, para mim não tem apenas o significado de dar ao tempo a oportunidade de agir. Não sei se você já considerou o problema da paciência e da impaciência.

Muitos de nós somos basicamente impacientes. Queremos nossas perguntas respondidas de imediato, ou queremos fugir delas e agir de acordo com elas imediatamente. Assim, temos muita impaciência e queremos resolver tudo logo. Essa impaciência não dá a ninguém a possibilidade de entender o problema em profundidade. Ao passo que, se eu tiver paciência, e não se trata de tempo, não estou querendo encerrar o problema; estou observando, olhando para o problema, deixando que ele evolua, cresça. Assim, em função dessa paciência, começo a perceber a profundidade da resposta. Certo? Vamos então agora fazer isso juntos. Somos pacientes, não queremos respostas imediatas, e portanto nossa mente, nosso cérebro, estão abertos para olhar, estamos conscientes do problema e da sua complexidade. Certo? Vamos tentar — não, não gosto da palavra *tentar* — vamos pe-

netrar no problema do porquê duas pessoas parecem não poder viver juntas sem conflito. Qual a raiz desse conflito? Qual é meu relacionamento com ela, ou com quem quer que seja? É superficial? Isto é, atração sexual, curiosidade, excitação, são todas respostas sensoriais. Certo? Então verifico que essas são respostas superficiais, e enquanto estiver tentando obter resposta superficialmente, não estarei em condições de enxergar a raiz do problema. Quer dizer que estou livre das respostas superficiais e dos problemas que as respostas superficiais criam e da tentativa de resolver esses problemas superficialmente? Não sei se você está acompanhando.

Cheguei à conclusão de que não obterei uma resposta superficialmente. Sendo assim, pergunto qual é a raiz da questão. Trata-se da educação? Trata-se do fato de que, por ser um homem, eu quero dominar o outro, quero possuir o outro? Estou de tal forma ligado que não quero deixar que o outro se vá? E será que percebo que o estar ligado, preso, provocará sempre a corrupção — corrupção no sentido de que estou ciumento, estou ansioso, estou assustado? Todos conhecem perfeitamente as conseqüências do apego. É essa a causa? Ou trata-se de causa muito mais profunda? Em primeiro lugar, dissemos, superficial; a seguir, emocional, apego, dependência emocional, sentimental e romântica. E se as descarto, continuará, ainda assim, a haver um motivo profundo envolvido nisso? Você está acompanhando? Estamos caminhando, a partir da superfície, mais e mais para o fundo, de tal forma que possamos descobrir por nós mesmos a raiz do problema. Espero que você também esteja fazendo isso.

Bem, mas como faço para descobrir a raiz? Como você faz para descobrir a raiz? Você está querendo uma resposta, querendo descobrir a raiz do problema, e para tanto está disposto a fazer um esforço tremendo? Ou quer apenas descobri-la para que a sua mente, o seu cérebro, fiquem em paz? Trata-se de olhar; portanto, não é nada agitado, não é a atividade do desejo, da vontade. É apenas observação? Estamos fazendo isso juntos? Observando apenas, para ver qual a raiz profunda, ou a causa profunda, a base desse conflito entre seres humanos? A causa será, porventura, o senso de separação individual? Veja, entre cuidadosamente nisso, por favor. Será que se trata do conceito de que sou basicamente separado do outro? Além de bio-

logicamente diferentes, há também o sentimento profundamente arraigado da ação individual separativa; qual a raiz disso? Ou há ainda uma raiz mais profunda, uma camada mais profunda — percebe? Fico a pensar se você está acompanhando tudo isso. Estamos caminhando juntos? Em primeiro lugar, respostas sensoriais, respostas sensuais; a seguir, respostas emocionais, românticas, sentimentais; depois, apego, com toda a sua corrupção. É isso? Ou trata-se de algo profundamente condicionado, um cérebro que diz: "Sou um indivíduo, e ele, ou ela, é um indivíduo, e somos entidades separadas; cada um deve se realizar à sua própria maneira; portanto, a separação é essencial." Será assim?

Será essencial? Ou terei sido educado dessa maneira, isto é, sou um indivíduo e ela, também um indivíduo, tem de se realizar à sua própria maneira, como eu? Assim, partimos desde o início em duas direções bem distintas. Elas podem caminhar paralelas sem nunca se encontrar, como dois trilhos de linha ferroviária que nunca se cruzam. E tudo o que venho tentando fazer é buscar esse encontro, tentando viver harmoniosamente, lutando: "Oh, querida, você é tão boa" — compreende? — repetindo, repetindo, mas nunca encontrando. Certo?

Assim, se essa é a causa, e aparentemente parece ser a causa, a raiz, será esta existência separativa de um indivíduo uma realidade? Ou trata-se de uma ilusão que venho alimentando, acalentando, à qual venho me aferrando, sem fundamento por trás dela? Se ela não tem nenhuma validade, eu preciso estar certo, absolutamente seguro, irrevogavelmente seguro de que se trata de uma ilusão e perguntar ao cérebro se ele pode fugir dessa ilusão e perceber que somos todos semelhantes, psicologicamente. Está acompanhando? Minha consciência é a consciência do resto da humanidade; embora biologicamente diferentes, nossa consciência é, psicologicamente, semelhante em todos os seres humanos. Se percebo isso, afinal, não intelectualmente mas em profundidade, no meu coração, no meu sangue, nos meus nervos, então meu relacionamento com o outro passa por uma transformação radical. Certo? É inevitável.

Pois bem, o questionador pergunta: Vivemos em conflito; isso deve acabar? Se nos batemos um contra o outro durante o dia todo, como muitos fazem nessa luta, nesse conflito — você sabe, a amar-

gura, a raiva, o ódio, a repulsa —, suportamos o máximo que podemos e então chega o momento em que temos que romper. Conhecemos o padrão habitual disso. Há cada vez mais divórcios. E o questionador indaga: O que se deve então fazer? Se estou vivendo permanentemente em conflito com minha mulher e de forma alguma consigo remediar a situação, a relação precisa acabar? Ou então compreendo basicamente a causa dessa ruptura, desse conflito, que é o senso de individualidade separada e, tendo percebido sua natureza ilusória, não persigo mais a linha individual. Então o que ocorre quando percebi isso e vivo isso — e não apenas falar isso, mas viver isso —, o que passa a ser meu relacionamento com a pessoa, com a mulher que ainda pensa em termos da individualidade? Entende a minha pergunta?

É muito interessante. Pense nisso. Eu vejo, ou ela vê — talvez assim seja mais apropriado —, ela vê a tolice, ela sente, e eu não, porque sou homem, sou mais agressivo, mais impetuoso, e tudo o mais. Então, o que ocorre entre nós? Ela compreendeu essa natureza do problema e eu não. Ela não brigará comigo, nunca. Certo? Ela não fará isso jamais, mas eu estou constantemente a puni-la, empurrando-a e tentando forçá-la a agir dessa forma. Eu estou criando o conflito, não ela. Percebeu como tudo evoluiu? Está acompanhando tudo isso? A coisa toda evoluiu. Não são agora duas pessoas brigando, mas apenas uma. Veja o que aconteceu. E eu, se sou de alguma forma sensível, se tenho sentimentos reais por ela, começo a me transformar também, pois ela está irrevogavelmente ali. Você compreende? Ela não se afastará da posição dela. Veja o que acontece. Se dois objetos imutáveis se encontram, há conflito. Não sei se percebe. Mas se um deles é imutável, ela, e eu sou mutável, naturalmente eu me curvo ao que é imutável. Certo? Não sei se você compreendeu o que eu disse. É muito simples.

Então, dessa forma, se um dos dois tem verdadeira compreensão do relacionamento, o problema está resolvido — sem a imagem com a qual nós dois começamos previamente. Depois, pela sua própria presença, pela sua própria realidade cheia de vitalidade, ela irá me transformar, me ajudar. Essa é a resposta. Compreendeu?

Bangalore, 15 de Agosto de 1948

A vida é um processo de movimento constante nos relacionamentos, e se não entendermos os relacionamentos, estaremos provocando confusão, conflitos e esforços infrutíferos. É de extrema importância, portanto, entender o sentido que damos para relacionamento, pois a sociedade é feita de relacionamentos e não há como se isolar. Não existe a hipótese de viver em isolamento. Estar isolado significa morrer em breve.

Nosso problema, então, é o sentido que damos para relacionamento. Ao compreender o relacionamento, que é mantido por seres humanos quer sejam íntimos ou distantes, começaremos a compreender todo o processo da existência e o conflito entre servidão e independência. Assim, precisamos examinar com muita atenção o que entendemos por relacionamento. Por acaso não é atualmente o relacionamento um processo de isolamento e, por conseqüência, de constante conflito? O relacionamento entre você e o outro, entre você e sua mulher, entre você e a sociedade, é o produto desse isolamento. Por isolamento entendo o fato de estarmos o tempo todo em busca de segurança, de satisfação e de poder.

Afinal de contas, cada um de nós em nossos relacionamentos procura satisfação; e onde existe a busca por bem-estar, por segurança, quer isso se dê numa nação ou num indivíduo, deve haver isolamento, e aquele que está em isolamento atrai o conflito. Qualquer coisa que resista certamente provocará conflito entre ela mesma e aquilo a que está resistindo e, como a maioria de nossos relacionamentos é uma forma de resistência, acabamos por criar uma sociedade inevitavelmente geradora de isolamento e do conseqüente conflito

dentro e fora desse isolamento. Dessa forma, é preciso examinar o relacionamento tal como ele efetivamente atua na nossa vida. O que eu sou — o meu modo de agir, os meus pensamentos, os meus sentimentos, os meus motivos, as minhas intenções — produz esse relacionamento entre eu e o outro, e a isso chamamos de sociedade. Não existe sociedade sem esses relacionamentos entre duas pessoas; e, antes que possamos falar de independência nacional, agitemos a bandeira e todo o resto, precisamos compreender nosso relacionamento com o outro.

Agora, se examinarmos a nossa vida, o nosso relacionamento com o outro, verificaremos que se trata de um processo de isolamento. Nós não estamos realmente preocupados com o outro; embora falemos bastante a respeito, na verdade não estamos preocupados. Nós nos relacionamos com alguém apenas enquanto esse relacionamento nos gratifica de alguma forma, enquanto ele nos dá refúgio, enquanto nos satisfaz. Mas basta surgir no relacionamento um distúrbio que produza em nós algum mal-estar, e nós o abandonamos. Em outras palavras, o relacionamento perdura apenas enquanto estamos sendo gratificados. Pode parecer bastante duro mas, se você examinar a sua vida atentamente, você comprovará esse fato; e evitar um fato é viver em ignorância, o que jamais produzirá relacionamentos perfeitos.

Pois bem, se olharmos para nossas vidas e observarmos os relacionamentos, veremos que eles se constituem num processo de formação de resistências de uns contra os outros, um muro por cima do qual olhamos e observamos o outro; mas mantemos permanentemente o muro e nos conservamos atrás dele, quer seja ele um muro psicológico, material, econômico ou nacional. Enquanto permanecermos isolados, atrás de um muro, não há relacionamento com o outro. Vivemos enclausurados por isso ser mais satisfatório; acreditamos que é muito mais seguro. Sendo o mundo tão destruidor — há tanta dor, tanto sofrimento, guerra, destruição, miséria — queremos escapar e viver dentro das muralhas de proteção do nosso próprio ser psicológico. Dessa forma, o relacionamento, para a maioria de nós, é na verdade um processo de isolamento e, obviamente, esses relacionamentos constroem uma sociedade também isolacionista. E é exatamente isso o que está sucedendo por toda parte no mundo. Você

permanece no seu isolamento e estende a mão por cima do muro, chamando a isso internacionalismo, fraternidade, ou outro nome qualquer mas, na verdade, continuam a existir os governos soberanos, os exércitos. Ou seja, aceitando suas próprias limitações, você acredita que pode criar a unidade universal, a paz mundial, o que é impossível. Enquanto existirem fronteiras, sejam elas nacionais, econômicas, religiosas ou sociais, é fato óbvio que não pode haver paz no mundo.

O processo de isolamento é um processo de busca de poder, e quer se trate de uma busca de poder individual ou feita por um grupo racial ou nacional, deve haver isolamento, pois o mero desejo de poder, de posição, é separatismo. Afinal de contas, é isso o que cada um quer, não é? Todos querem uma posição de poder através da qual possam dominar, seja em casa, no escritório ou num regime burocrático. Todos estão à procura de poder, e ao buscar o poder estarão criando uma sociedade fundada no poder, militar, industrial, econômico, e assim por diante — o que também é óbvio. Não é o desejo de poder, pela sua própria natureza, isolacionista? Acredito que é muito importante compreender isso pois o homem que deseja um mundo pacífico, um mundo sem guerras, sem destruições horríveis, sem a catástrofe da miséria em escala incomensurável, deve entender essa questão fundamental. Enquanto você, o indivíduo, procura poder, grande ou pequeno, seja como primeiro-ministro, como governador, como advogado, ou simplesmente como marido ou esposa no lar — isto é, enquanto você desejar o senso de dominação, o senso de compulsão, o senso de criar poder, de criar influência —, você certamente estará fadado a criar uma sociedade que é o resultado de um processo isolacionista; pois o poder, pela sua própria natureza, é isolador, é separador.

Um homem afetuoso, gentil, não terá esse sentimento de poder e, portanto, esse homem não estará preso a nenhuma nacionalidade, a nenhuma bandeira. Ele não tem bandeira. Mas o homem que procura poder de alguma forma, quer seja ele derivado da burocracia ou da autoprojeção daquilo que decidiu chamar de Deus, ainda está preso a um processo isolador. Com um exame cuidadoso, percebe-se que o desejo de poder é por si mesmo um processo de enclausuramento. Cada um busca a sua própria posição, a sua própria segurança e,

enquanto essa motivação perdurar, a sociedade se desenvolve dentro de um processo isolador. Onde existir a busca de poder haverá um processo de isolamento, e aquele que estiver isolado estará fadado a criar conflito. E isso, exatamente, vem ocorrendo por toda a parte no mundo. Cada grupo está à procura de poder e, portanto, se isolando. Este é o processo de nacionalismo, de patriotismo, que conduz, por fim, à guerra e à destruição.

Como eu já disse, sem relacionamento não há possibilidade de existência na vida; e enquanto o relacionamento estiver baseado em poder, em dominação, haverá o processo de isolamento, que inevitavelmente induz ao conflito. Viver em isolamento é algo que não existe. Nenhum país, nem povo, nem indivíduo pode viver em isolamento; e, no entanto, por buscar poder sob diversas formas, você alimenta o isolamento. O nacionalista é um amaldiçoado, pois através do seus espírito nacionalista, patriótico, ele está criando um muro de isolamento. Ele está tão identificado com a sua pátria que constrói uma muralha para separá-la de outras. E o que ocorre quando se constrói uma muralha contra alguma coisa? Essa alguma coisa fica constantemente batendo na sua muralha. Quando você resiste, o simples fato de resistir indica que você está em conflito com o outro. Assim, o nacionalismo, que é um processo de isolamento e que é o resultado da busca do poder, não pode trazer paz para o mundo. O nacionalista que fala de irmandade está dizendo mentiras. Ele está vivendo contradições.

A paz mundial é essencial; sem ela seremos destruídos. Uns poucos poderão escapar, mas a destruição será de proporções jamais ocorridas em qualquer tempo anterior, a menos que resolvamos a questão da paz. A paz não é um ideal; ideal é algo fictício. O real precisa ser entendido, e esse entendimento do real é obstruído pela ficção por nós denominada de ideal. O verdadeiro é o fato de cada um estar à procura de poder, de títulos, de posições de autoridade, e assim por diante, atitudes essas encobertas sob formas as mais diversas através de palavras bem-intencionadas. Esse é um problema vital. Não se trata de um problema teórico ou de algo que possa ser adiado; ele demanda ação imediata, pois a catástrofe está obviamente a caminho. Se não chegar amanhã, chegará no próximo ano, ou um pouco mais tarde, pois a energia do processo de isolamento já está presente;

e quem realmente se dispuser a pensar sobre isto precisa buscar a raiz do problema, que é a busca individual de poder, criando grupos em busca de poder, criando a raça, a nação.

A pergunta agora é: pode alguém viver no mundo sem desejar poder, posição, autoridade? Sim, pode, é óbvio. Atinge-se isso quando não se incorre na identificação com algo maior. Essa identificação com algo maior — o partido, o país, a raça, a religião, Deus — é a busca de poder. Visto que você, por você mesmo, é vazio, lento, fraco, você gosta de se identificar com algo maior. Esse desejo de identificação com algo maior é desejo de poder. Eis por que o nacionalismo, ou qualquer outro espírito comunal, representa uma maldição para o mundo; é, ainda, o desejo de poder. Assim, é importante, para se compreender a vida, e portanto o relacionamento, descobrir os motivos que nos estão conduzindo, pois o que esses motivos são, tal será o ambiente. Esses motivos trazem a paz ou a destruição para o mundo. E é, pois, muito importante que cada um de nós esteja consciente de que o mundo se encontra em estado de miséria e destruição, e observar que, se estamos buscando poder, consciente ou inconscientemente, estamos contribuindo para essa destruição e, portanto, o nosso relacionamento com a sociedade será um processo de constante conflito.

Há inúmeras formas de poder; não se trata apenas de conquistar posição ou fortuna. O simples desejo de se tornar alguma coisa é uma forma de poder, que traz isolamento e, portanto, conflito. A menos que se entenda os motivos, a intenção do modo de agir, o mero conjunto de leis do governo é de pouca importância, pois o interior está sempre sobrepujando o exterior. Você pode construir uma estrutura externamente pacífica, mas os homens que a dirigem a alterarão de acordo com suas intenções. Eis por que é muito importante para aqueles que desejam construir uma nova cultura, uma nova sociedade, um novo estado, começarem por compreender a si próprios. Conhecer a si próprio, os vários movimentos e flutuações interiores, faz com que se entendam os motivos, as intenções, os perigos que estão ocultos; e apenas por meio desse conhecimento pode haver transformação. A regeneração pode surgir apenas quando cessa essa busca de poder; e só depois disso é possível criar uma nova cultura,

uma sociedade não fundada no conflito, mas no entendimento. O relacionamento é um processo de auto-revelação e, sem se conhecer a si mesmo, sem se conhecer os caminhos do próprio coração e mente, estabelecer simplesmente uma ordem externa, um sistema, uma fórmula inteligente, tem pouco sentido.

Dessa forma, o importante é compreender a si próprio na relação com o outro. Depois disso, o relacionamento torna-se um processo, não de isolamento, mas um movimento no qual você descobre seus próprios motivos, seus próprios pensamentos, seus próprios objetivos; e exatamente essa descoberta representa o passo inicial da transformação. Somente essa transformação imediata pode produzir a revolução fundamental, radical, no mundo, que é tão essencial. Revolução dentro dos muros do isolamento não é revolução. A revolução só ocorre quando os muros do isolamento estão destruídos, e isso só pode acontecer quando não se está mais em busca de poder.

Ojai, 17 de Julho de 1949

Na minha opinião, devemos ser capazes de ouvir o que está sendo dito, sem rejeição ou aceitação. Deveríamos saber ouvir de maneira a não rejeitar de imediato, se algo de novo estiver sendo dito. Isso não implica a aceitação de tudo o que está sendo dito. Seria realmente absurdo agir assim pois, dessa maneira, estaríamos apenas erigindo uma autoridade, e onde há autoridade não pode haver pensamento, sentimento; não pode haver a descoberta do novo. Como a maioria de nós tende a aceitar prontamente qualquer coisa, sem um verdadeiro entendimento, existe o perigo de que possamos vir a aceitar sem refletir, sem investigar, sem olhar a fundo o assunto. Nesta palestra, direi talvez algo de novo, ou apresentarei algum assunto de forma diferente, o que vocês poderão deixar passar se não ouvirem com aquela serenidade, aquela placidez que traz a compreensão.

Quero discutir um assunto que pode ser bastante difícil: a questão da ação, da atividade e do relacionamento. Mas, é preciso antes de começar a fazer isso, compreender o que queremos dizer com atividade, o que entendemos por ação. Pois toda a nossa vida parece baseada em ação, ou melhor, em atividade. Quero estabelecer a diferença entre ação e atividade. Parecemos absorvidos em fazer coisas; somos infatigáveis, somos tomados pelo movimento, precisamos fazer alguma coisa a qualquer custo, ir adiante, conseguir, batalhar pelo sucesso. E qual o papel da atividade no relacionamento? Pois a vida consiste em relacionamentos. Nada pode existir em isolamento, e se o relacionamento for apenas uma atividade, então ele não tem maior significado. Não sei se já repararam que, no momento em que deixam de estar em atividade, surge imediatamente uma sensação de apreen-

são nervosa; vocês se sentem como se não estivessem vivos, ou alertas; então é preciso não parar. E há o medo de estar sozinho, de ir dar um passeio a sós, sem um livro, sem um rádio, sem falar; o medo de sentar calmamente sem fazer nada o tempo todo, com as mãos ou com a mente ou com o coração.

Assim, para entender atividade, certamente precisamos entender relacionamento, não precisamos? Se tratarmos o relacionamento como uma distração, como uma fuga de alguma outra coisa, o relacionamento constitui-se então apenas numa atividade. Mas, pergunto, a maior parte de nossos relacionamentos não é apenas distração? E, portanto, o relacionamento não é feito apenas de uma série de atividades? Como eu disse, o relacionamento só tem verdadeiro significado quando se tratar de um processo de auto-revelação, quando, através da própria ação de se relacionar, estiver revelando a pessoa. Mas a maioria de nós não quer se revelar no relacionamento. Ao contrário, usamos o relacionamento como um meio de ocultar a nossa insuficiência, os nossos problemas, a nossa incerteza. Então o relacionamento constitui-se em mero movimento, em mera atividade. Não sei se já observaram que o relacionamento é muito doloroso e que, enquanto não for um processo de revelação no qual você descobre a si mesmo, ele é apenas um meio de fuga de você mesmo.

Acredito que é importante compreender isso, pois a questão do autoconhecimento está na base do relacionamento, seja ele com objetos, com pessoas ou com idéias. E pode um relacionamento ser baseado numa idéia? Certamente, qualquer ato baseado numa idéia deve ser apenas a continuação dessa idéia, e isso é atividade. A ação não se baseia numa idéia. A ação é espontânea, imediata, direta, e não envolve o processo de pensar. Mas quando baseamos a ação numa idéia, então ela se torna atividade e, se basearmos o nosso relacionamento numa idéia então seguramente esse relacionamento não passa de uma atividade, sem compreensão. Trata-se apenas de seguir uma fórmula, um padrão, uma idéia. Como queremos sempre algo do relacionamento, esse relacionamento é sempre restritivo, limitador, confinante.

Idéia é resultado de uma vontade, de um desejo, de um objetivo. Se me relaciono com você porque preciso de você, fisiológica ou

psicologicamente, então esse relacionamento, obviamente, baseia-se numa idéia, pois eu quero algo de você. E um relacionamento assim, baseado numa idéia, não pode ser um processo auto-revelador. Trata-se apenas de um impulso, uma atividade, uma monotonia, na qual se estabeleceu o hábito. Em decorrência, esse relacionamento é sempre uma dor, uma contenção, uma luta, a nos provocar agonia.

Pode ser possível relacionar-se sem idéia, sem exigências, sem propriedade ou possessão? Pode-se estar em comunhão com o outro — o que é o verdadeiro relacionamento com todos os níveis de consciência — se estamos relacionados com o outro através de um desejo, de uma necessidade física ou psicológica? Pode existir relacionamento sem que essas causas condicionantes surjam da vontade? Como eu disse, esse é um outro problema difícil. É preciso mergulhar nele a fundo e com calma. Não se trata de aceitar ou de rejeitar.

Sabemos do que é feito o nosso relacionamento no momento — de contenção, luta, dor ou puro hábito. Se pudermos entender plenamente, completamente, o relacionamento com uma pessoa, então talvez haja a possibilidade de entender o relacionamento com muitos, ou seja, com a sociedade. Se não compreendo o meu relacionamento com uma única pessoa, com certeza não compreenderei meu relacionamento com o todo, com a sociedade, com os muitos. E se meu relacionamento com uma pessoa é baseado numa necessidade, ou na gratificação, então o meu relacionamento com a sociedade será análogo. Portanto, deve seguir-se a contenção, com um e com muitos. É possível viver, com um e com muitos, sem exigências? Seguramente, este é o problema — não é verdade? — não apenas entre você e eu, mas entre mim e a sociedade. E para compreender esse problema, para examiná-lo a fundo, é preciso abordar a questão do autoconhecimento pois, se não se conhece a si próprio de verdade, se não se sabe com exatidão "o que é", é obviamente impossível manter um relacionamento perfeito com outra pessoa. Faça o que fizer — fugir, adorar, ler, ir ao cinema, ligar o rádio —, enquanto não houver compreensão de si mesmo, não poderá haver relacionamentos perfeitos; daí a contenção, a luta, o antagonismo, a confusão, não apenas em você, mas fora de você e em torno de você. Enquanto usarmos o relacionamento como mero mecanismo de gratificação, de

fuga, como uma diversão que é pura atividade, não poderá haver autoconhecimento. Mas o autoconhecimento é compreendido, é descoberto; seu processo é revelado, através do relacionamento; isto é, se você estiver disposto a examinar a questão do relacionamento e a se expor a ela. Pois, afinal de contas, você não pode viver sem se relacionar. Mas queremos usar esses relacionamentos para nosso bem-estar, para nossa satisfação, para sermos alguma coisa. Ou seja, usamos o relacionamento baseados numa idéia, o que significa que a mente desempenha papel importante no relacionamento. E, na medida em que a mente está sempre preocupada em se proteger, em permanecer sempre nos limites do conhecido, isso restringe todo relacionamento ao nível do hábito, ou da segurança; e, portanto, o relacionamento torna-se apenas uma atividade.

Percebe-se dessa maneira que o relacionamento, se permitirmos, poderá ser um processo de auto-revelação mas, desde que não o permitamos, ele tornar-se-á uma mera atividade gratificante. Enquanto a mente usar o relacionamento unicamente para sua própria segurança, ele estará fadado a gerar confusão e antagonismo. É possível viver em relacionamento sem a idéia de exigência, de vontade, de gratificação?

♦

Você não pode pensar sobre o amor. Você pode pensar sobre a pessoa a quem você ama, mas esse pensamento não é amor e, assim, gradualmente, o pensamento toma o lugar do amor... Pode um relacionamento basear-se numa idéia? E, se for, não será ele uma atividade que se fecha em torno de si mesma e, portanto, não será inevitável que surja a contenção, a discórdia, a angústia?

Rajahmundry, 4 de Dezembro de 1949

A realidade só se torna verdadeira para a mente que *é* serena, tranqüila, não para aquela que *foi tornada* serena. Portanto, de nada adianta disciplinar a mente para torná-la serena. Ao se disciplinar, você está simplesmente projetando o desejo de atingir determinado estado. E esse estado não é o estado de passividade. A religião é a compreensão do pensador e do pensamento, ou seja, a compreensão da ação no relacionamento. Essa compreensão é religião, e não a adoração de alguma idéia, por mais gratificante ou tradicional que seja, não importa quem a tenha dito. A religião é a compreensão da beleza, do profundo e imenso significado da ação no relacionamento. Pois, afinal de contas, viver é relacionar-se; ser, é estar relacionado. De outra forma, você não existe. É impossível viver em isolamento. Você se relaciona com os seus amigos, com a sua família, com os seus companheiros de trabalho. Mesmo se retirando para uma montanha, você ainda estará relacionado com a pessoa que lhe levar alimento. Você está relacionado com uma idéia que você projetou. Existência implica *ser*, e isso é relacionamento; e se não compreendermos esse relacionamento não há compreensão da realidade. Mas, porque o relacionamento é doloroso, perturbador, mudando constantemente suas solicitações, fugimos dele e nos dirigimos para aquilo que chamamos de Deus, com o que acreditamos estar perseguindo a realidade. O perseguidor não pode perseguir o real. Ele pode apenas perseguir o seu próprio ideal, o qual é autoprojetado. Assim, a verdadeira religião é o nosso relacionamento e a sua compreensão, e nada mais, pois esse relacionamento contém a totalidade do significado da existência. No relacionamento, seja ele com pessoas, com a natureza,

com as árvores, com as estrelas, com idéias, com o Estado — nesse relacionamento é que ocorre a total revelação do pensador e do pensamento, que é o homem, que é a mente. O foco do conflito é que torna verdadeira a personalidade; focalizar o conflito torna a mente autoconsciente. De outra maneira, não há personalidade; e embora você possa situar essa personalidade num alto nível, ela ainda será a personalidade da gratificação.

Dessa forma, o homem que viesse a receber a realidade, não o que procurasse a realidade, o que viesse a ouvir a voz da eternidade, seja ela o que for, precisaria compreender o que é o relacionamento; pois no relacionamento há conflito, e esse conflito mostra o caminho do real. Ou seja, o conflito retém a autoconsciência, que está sempre procurando evitar, procurando escapar do conflito; no entanto, apenas quando compreender o conflito a mente será capaz de compreender o real. Assim, sem entender o relacionamento, perseguir o real é perseguir um meio de fuga. E por que não enfrentá-lo? Sem entender o verdadeiro, como ir além dele? Você pode fechar os olhos, pode fugir para santuários e adorar imagens ocas, mas a adoração, a devoção, o ritual, as oferendas de flores, os sacrifícios, os ideais, as crenças — tudo isso não tem significado se não se entender o conflito no relacionamento. Logo, compreender o conflito no relacionamento é de primordial importância, e suficiente, pois é nesse conflito que você descobre todo o processo da mente. Sem se conhecer como você é realmente, não como se supõe tecnicamente que você deva ser — Deus materializado, ou algo diferente que a teoria diga que você é — mas verdadeiramente, no conflito da existência diária — econômico, social e ideológico — sem compreender esse conflito, como pode você ir além e fazer novas descobertas? A busca pelo que está além é uma mera fuga do que "é", e se você quer fugir, então a religião ou Deus é um meio de fuga tão bom como se embriagar. Não faça objeções ao fato de eu colocar aqui a bebida e Deus no mesmo plano. Todos os meios de fuga estão no mesmo nível, quer você escape através da bebida, através da igreja ou de qualquer outra forma.

Nada é, pois, mais importante do que compreender o papel do conflito no relacionamento, o que é primordial, pois a partir do con-

flito criamos o mundo em que vivemos diariamente, suas desgraças, a pobreza, a feiúra da existência. O relacionamento é uma resposta ao movimento da vida. Ou seja, a vida é um constante desafio, e quando a resposta é inadequada, surge o conflito; mas responder de imediato, verdadeiramente, adequadamente ao desafio, produz uma sensação de completação. Na resposta adequada ao desafio cessa o conflito. Portanto, é importante compreender-se a si próprio, não de forma abstrata, mas na realidade, na existência diária. O que você é na sua vida diária é da maior importância, não as suas idéias ou o que você pensa a respeito, mas sim como você se comporta em relação à sua mulher, aos seus filhos, aos seus empregados. Pois, a partir do que você é, você cria o mundo. Conduta não é uma conduta ideal. Não existe conduta ideal. Conduta é o que você é a cada novo momento, como você se comporta a cada novo momento. O ideal é um meio de fuga do que você é. Como ir longe se você nem ao menos sabe o que está por perto de você, se você nem está consciente da sua mulher? Certamente é preciso começar por perto para poder ir longe; não obstante, seus olhos estão fixos no horizonte, naquilo que você chama religião, e toda a parafernália da crença está à sua disposição para ajudá-lo a fugir.

Assim, o importante não é como fugir, pois qualquer meio de fuga é tão bom quanto outro; as fugas religiosas ou terrenas são a mesma coisa, e as fugas não resolvem o nosso problema. Nosso problema é o conflito, não apenas o conflito entre pessoas, mas os conflitos do mundo. Vemos o que está acontecendo no mundo, o crescente conflito da guerra, a destruição, a desgraça — e que você não pode impedir. Tudo o que você pode fazer é alterar o seu relacionamento com o mundo, não o mundo da Europa ou da América, mas o mundo da sua mulher, do seu marido, do seu trabalho, do seu lar. Aí você pode produzir uma mudança, e esta mudança se move em círculos cada vez maiores; e sem essa mudança fundamental não pode haver paz de espírito. Você pode se sentar a um canto ou ler alguma coisa para adormecer, o que a maioria das pessoas chama de meditação, mas isso não é o se revelar, o receber o real. A maioria de nós quer apenas uma forma satisfatória de fugir; não queremos encarar nossos conflitos pois eles são muito dolorosos. E são dolorosos

apenas porque nunca olhamos para eles tentando realmente descobrir de que eles são feitos; procuramos algo chamado Deus, mas nunca investigamos as causas do conflito. Porém, se compreendermos o conflito da existência diária, então poderemos ir mais adiante, pois aí está todo o significado da vida. Mente em conflito é mente destrutiva, mente desperdiçada, e as pessoas em conflito não podem jamais compreender; mas o conflito não é detido por qualquer tipo de sanção, de crença ou de disciplina, pois o próprio conflito precisa ser compreendido. Nosso problema está no relacionamento, que é vida; a religião é a compreensão dessa vida, e traz consigo um estado no qual a mente está serena. Uma mente nesse estado estará em condições de receber a realidade. Eis o que, afinal de contas, vem a ser religião, e não os cultos de igreja, os rituais, a repetição de palavras, de frases e de cerimônias. Tudo isso, certamente, não é religião. São divisões, mas uma mente que compreende o que é o relacionamento não tem divisões. Acreditar que a vida é uma só não passa de uma idéia e, portanto, não tem valor; mas para um homem que compreende o significado do relacionamento não há o "de dentro" ou o "de fora", não há nem o estrangeiro nem o que está perto. O relacionamento é o processo de se entender a si próprio, e entender a si mesmo a cada novo momento na vida diária é autoconhecimento. O autoconhecimento não é uma religião, não é uma finalidade última. Não existe algo como uma finalidade última. Isso só existe para o homem à procura de um meio de fuga; mas a compreensão do relacionamento, na qual ocorre o incessante desenvolver do autoconhecimento, é imensurável.

Dessa maneira, o autoconhecimento não é o conhecer a si mesmo em algum nível elevado; é o que acontece a cada novo momento na conduta diária, ou seja, agir, relacionar-se; e sem esse autoconhecimento não há o pensar corretamente. Você não tem base para pensar corretamente se não sabe quem você é. Você não pode se conhecer de forma abstrata, ideológica. Você pode se conhecer apenas nos relacionamentos da sua vida diária. Você não sabe que está em conflito? E qual a vantagem de fugir disso, de evitar isso? É algo semelhante a um homem cujo organismo não está rejeitando um veneno nele existente e que, portanto, está morrendo lentamente.

Assim, o autoconhecimento é o início da sabedoria, e sem este autoconhecimento você não pode ir longe. Procurar o absoluto, Deus, a verdade, ou o que quer que seja, é apenas procurar uma satisfação autoprojetada. Portanto, é preciso começar por perto e examinar cada palavra que você diz, cada gesto, a sua maneira de falar, de agir, de comer; tome ciência de tudo sem condenação. Então, de posse desse conhecimento, você saberá o que na realidade é e a transformação do que é, e isso representará o início da libertação. A libertação não é um fim. A libertação se dá a cada novo momento na compreensão da realidade, quando a mente *é* livre, e não *feita* livre. Só a mente livre pode descobrir, não a mente moldada por uma crença ou formada de acordo com uma hipótese. Essa mente não pode descobrir. Não pode haver liberdade se há conflito, pois o conflito é o endurecimento da personalidade no relacionamento.

Colombo, 25 de Dezembro de 1949

O fato de abordarmos determinado problema com um modelo de ação, com uma ideologia, seja ela política ou religiosa, produz seguramente uma crescente confusão. Obviamente, a religião organizada não permite a compreensão de um problema pois a mente está condicionada pelo dogma e pela crença. Nossa dificuldade é como entender diretamente um problema e não através de um condicionamento religioso ou político qualquer; como compreender o problema de maneira a fazer cessar o conflito, não temporária mas definitivamente, de forma que o homem possa viver plenamente, sem a desgraça de amanhã ou o fardo de ontem. É isso, certamente, o que precisamos descobrir — como enfrentar o problema de outra forma —, pois cada problema, seja ele político, econômico, religioso, social ou pessoal, é sempre novo, e não pode ser comparado a um antigo. Talvez isso signifique mostrar de forma diferente algo a que você esteja acostumado, mas na verdade é disso que se trata. Afinal, a vida é um ambiente em constante mutação.

Gostaríamos de nos sentar e ficar à vontade. Gostaríamos de nos escudar na religião e na crença, ou no conhecimento fundado em fatos particulares. Gostaríamos de nos sentir confortáveis, de ficarmos satisfeitos, de não sermos perturbados; mas a vida, que está sempre mudando, sempre se renovando, perturba sempre o que é velho. Assim, nossa questão é como enfrentar o desafio de forma original. Nós somos o resultado de um passado; nosso pensamento é produto do ontem, e com o ontem evidentemente não podemos encarar o hoje, pois o hoje é novo. Quando abordamos o hoje com o ontem, não fazemos mais do que prosseguir o condicionamento de ontem na com-

preensão do hoje. Assim, nosso problema ao abordar o novo é como compreender o velho e, portanto, estar livre do velho. O velho não pode compreender o novo; você não consegue "colocar vinho novo em odres velhos". Sendo assim, é importante compreender o velho, que é o passado, que é a mente baseada no pensamento.

O pensamento, a idéia, são produtos do passado. Quer se trate de conhecimento histórico ou científico, ou de mera superstição e preconceito, a idéia é obviamente originária do passado. Não seríamos capazes de pensar se não tivéssemos memória. A memória é o resíduo da experiência, é a resposta do pensamento. Para compreender o desafio, que é novo, precisamos compreender o processo total do si mesmo, que é produto de nosso passado, produto do nosso condicionamento — ambiental, social, climática, política e economicamente —, a nossa estrutura como um todo. Compreender o problema é compreender a nós mesmos. A compreensão do mundo começa com a compreensão de nós mesmos. O problema não é o mundo, mas você no seu relacionamento com o outro, pois isso cria um problema; e esse problema se alastra e se torna o problema do mundo.

Logo, para compreender essa enorme e complexa máquina, esse conflito, essa dor, essa confusão, essa desgraça, precisamos começar por nós mesmos, mas não de forma individualista, em oposição à massa. Isso que chamamos de massa não passa de uma abstração; mas quando eu e você não nos compreendemos, quando seguimos um líder e estamos hipnotizados por palavras, então nos tornamos massa e somos explorados. Assim, a solução para o problema é não ser apanhado em isolamento, retirar-se para um mosteiro, montanha ou caverna, mas compreender todo o problema de nós mesmos no relacionamento. Você não pode viver em isolamento; viver é se relacionar. Nosso problema, portanto, é o relacionamento, que gera conflito, que traz desgraça, que produz confusão constante. Enquanto não compreendermos esse relacionamento, ele se constituirá em fonte interminável de dor e de lutas. Compreender a nós mesmos, e isso significa atingir o autoconhecimento, é o começo da sabedoria; e para conseguir o autoconhecimento não adianta recorrer a livros. Não existe livro que possa ensinar isso a você. Conheça a si mesmo, pois ao conhecer a si mesmo poderá lidar com os problemas que cada um

de nós precisa enfrentar todos os dias. Autoconhecimento traz tranqüilidade à mente, e só depois disso pode a verdade tornar-se real. A verdade não pode ser "buscada". A verdade é o desconhecido, e aquilo que você procura já é conhecido. A verdade toma-se real sem ser buscada quando a mente não tem preconceitos, quando existe a plena compreensão do processo integral de nós mesmos.

Colombo, 28 de Dezembro de 1949

O autoconhecimento não pode ser adquirido em livros, nem é resultado de uma longa e dolorosa disciplina. Ele é o estar ciente, a cada novo momento, de cada pensamento e sentimento, mal estes surjam no relacionamento. E não o relacionamento considerado em nível ideológico e abstrato, mas na realidade, o relacionamento com a propriedade, com pessoas e com idéias. Relacionamento implica existência; e nada pode viver em isolamento. Viver é estar relacionado. Nosso conflito está nos relacionamentos, em todos os níveis da nossa existência; e compreender esse relacionamento, ampla e completamente, é, para cada um de nós, o único problema. Esse problema não pode ser adiado ou evitado. Evitá-lo só produz mais conflito e desgraça. Fugir dele produz a irreflexão, muito bem explorada pelos hábeis e pelos ambiciosos.

A religião, portanto, não é a crença nem o dogma, mas a compreensão da verdade que há para descobrir no relacionamento a cada novo momento. A religião que é apenas crença e dogma não passa de uma fuga da realidade do relacionamento. O homem que procura Deus, ou o que você preferir, através da crença que ele chama de religião, cria apenas oposição, trazendo com isso a separação que é desintegração. Qualquer forma de ideologia, seja ela da direita ou da esquerda, dessa religião em particular ou daquela, coloca o homem frente a outro homem, e é isso o que se passa no mundo atual.

A substituição de uma ideologia por outra não soluciona os nossos problemas. A questão não é descobrir qual das ideologias é melhor, mas sim a compreensão de nós mesmos como um processo total. Você poderia afirmar que compreender a nós mesmos demandaria

um tempo infinito e que nesse meio tempo o mundo se faria em pedaços. Você acredita que, se agir de forma planejada segundo determinada ideologia, terá então possibilidade de conseguir, em breve, transformar o mundo. Se examinarmos mais detidamente essa afirmação, veremos que idéias não aproximam em nada as pessoas. Uma idéia pode servir para formar um grupo, mas esse grupo estará em antagonismo com outro que tenha uma idéia diferente e assim por diante, até que as idéias se tornem mais importantes que a ação: ideologias, crenças, religiões organizadas, pessoas separadas.

A experiência de outra pessoa não é válida para a compreensão da realidade. Mas em toda a parte as religiões organizadas baseiam-se na experiência de outro e, portanto, não liberam o homem exatamente porque o prende a um determinado padrão que coloca homem contra homem. Cada um de nós precisa começar de novo, outra vez, pois aquilo que *somos* é o mundo. O mundo não é diferente de você ou de mim. Esse pequeno mundo de nossos problemas, ampliado, torna-se o mundo e os problemas do mundo.

Nós nos desesperamos com a nossa compreensão em relação à imensidão de problemas do mundo. Não percebemos que não se trata de um problema de ação de massa, mas do despertar do indivíduo para o mundo no qual ele vive, e para a solução dos problemas do seu mundo, por mais limitado que seja. Massa é uma abstração sempre explorada pelo político, por alguém que tem uma ideologia. Massa, na verdade, é você, eu e um outro. Quando você, eu e um outro estamos hipnotizados por uma palavra, então nos transformamos em massa, que ainda assim é uma abstração, pois a palavra é uma abstração. A ação da massa é uma ilusão. Essa ação é realmente a idéia sobre a ação daqueles poucos que aceitamos na nossa confusão e desespero. Em função da nossa confusão, do nosso desespero, escolhemos nossos guias, sejam eles políticos ou religiosos, e eles também, inevitavelmente, em função da nossa escolha, devem estar em confusão e desespero. Eles podem assumir um ar de segurança e de pleno conhecimento mas, na verdade, como são os guias dos confusos, devem estar igualmente confusos, ou não seriam guias. Num mundo no qual o líder e os liderados estão confusos, seguir deter-

minado modelo ou ideologia, consciente ou inconscientemente, é alimentar novos conflitos e desgraças.

◆

O mundo é o nosso problema e, para compreendê-lo, você precisa entender a si mesmo. Essa compreensão de si mesmo não é uma questão de tempo. Você existe apenas no relacionamento; de outra forma, você não existe. Seu relacionamento é o problema; seu relacionamento com a propriedade, com as pessoas, com as idéias ou com as crenças. Esse relacionamento agora é atrito, conflito, e enquanto você não entender o seu relacionamento, faça o que fizer, deixe-se hipnotizar por qualquer ideologia ou dogma, não haverá descanso para você. Este entendimento de você mesmo é ação no relacionamento. Você se descobre tal como é precisamente no relacionamento. O relacionamento é o espelho no qual você pode se ver exatamente como você é. E não poderá se ver tal como é nesse espelho se você já o abordar com uma conclusão e uma explicação, ou com uma condenação, ou justificativa.

A própria percepção do que você é, tal como é, no momento de ação num relacionamento, liberta daquilo "que é". Apenas em liberdade pode haver descoberta. Uma mente condicionada não pode descobrir a verdade. Liberdade não é abstração; ela se torna realidade com a virtude. Pois a exata natureza da virtude é livrar-nos das causas da confusão. Afinal de contas, a não-virtude significa desordem, conflito. Mas a virtude é liberdade, é a clareza da percepção que o entendimento produz. Você não pode se tornar virtuoso. O tornar-se é a ilusão da ambição, da cobiça. Virtude é a percepção imediata daquilo "que é". Dessa forma, o autoconhecimento é o princípio da sabedoria, e a sabedoria irá resolver os nossos problemas e, por conseguinte, os problemas do mundo.

Colombo, 1 de Janeiro de 1950

É importante, antes de perguntarmos o que fazer ou como agir, descobrir o que vem a ser pensar corretamente, pois sem pensar corretamente, obviamente não pode haver ação correta. Agir de acordo com padrões, de acordo com crenças, tem colocado o homem contra o homem. E não pode haver pensamento correto enquanto não houver autoconhecimento, pois sem autoconhecimento como pode alguém saber ao certo o que está realmente pensando? Nós pensamos bastante, e há uma grande quantidade de atividade, mas esse pensar, esse agir produz conflito e antagonismo, o que observamos não apenas em nós mesmos, mas também no mundo em torno de nós. Nosso problema, portanto, é como pensar corretamente, o que produzirá a ação correta, eliminando dessa forma o conflito e a confusão que encontramos não apenas em nós mesmos, mas no mundo em torno de nós.

Se o nosso pensamento se basear no passado que é o nosso condicionamento, o que quer que pensemos será obviamente apenas uma reação e, portanto, levará a novos conflitos. Por conseguinte, antes que possamos descobrir o que vem a ser o pensar corretamente, devemos descobrir o que vem a ser o autoconhecimento. Autoconhecimento, por certo, não é simplesmente aprender determinado tipo de modo de pensar. O autoconhecimento não é baseado em idéias, crenças ou conclusões. Deve ser uma coisa viva, caso contrário deixa de ser autoconhecimento e torna-se mera informação. Há grande diferença entre informação, que é conhecimento, e sabedoria, que é conhecer os processos de nossos pensamentos e sentimentos. Mas a maioria de nós fica presa às informações, ao conhecimento superfi-

cial, e assim nos tornamos incapazes de ir a fundo nos problemas. Para descobrir a totalidade do processo de autoconhecimento precisamos, em nossos relacionamentos, estar atentos. O relacionamento é o único espelho de que dispomos, um espelho que não produzirá distorções, um espelho no qual podemos ver, exata e precisamente, o desenrolar de nossos pensamentos. O isolamento, procurado por muitas pessoas, é uma construção sub-reptícia de resistência contra o relacionamento. O isolamento, obviamente, impede o entendimento do relacionamento, relacionamento com pessoas, com idéias, com objetos. Enquanto não soubermos o que é exatamente o relacionamento entre nós mesmos e as nossas propriedades, entre nós mesmos e as pessoas, entre nós e as idéias, certamente haverá confusão e conflito.

Dessa maneira, podemos descobrir o que é pensar corretamente apenas através do relacionamento. Ou seja, podemos descobrir, através do relacionamento, como pensamos a cada novo momento e, por conseguinte, executar passo a passo o desenrolar do pensar corretamente. Não se trata de nada abstrato ou difícil; trata-se de examinar com exatidão o que está ocorrendo no nosso relacionamento, o que são as nossas reações, e assim descobrir a verdade de cada pensamento, de cada sentimento. Mas se fazemos isso já com uma idéia ou preconceito do que deveria ser um relacionamento, então, é claro, isso impede a revelação, o desenvolvimento daquilo "que é". Essa é nossa dificuldade; já decidimos sobre como deve ser o relacionamento. Para a maioria de nós, relacionamento é sinônimo de bem-estar, de satisfação, de segurança, e nesse relacionamento usamos a propriedade, as idéias e as pessoas para nos satisfazer. Usamos a crença como um meio de segurança. O relacionamento não é apenas uma forma mecânica de ajustamento. Quando usamos as pessoas, faz-se necessária a possessão, física ou psicológica, e possuir alguém cria toda sorte de problemas de ciúme, inveja, solidão e conflito. Se examinarmos a questão com um pouco mais de atenção e profundidade, verificaremos que usar uma pessoa ou propriedade para satisfação é um processo de isolamento. Esse processo de isolamento não é, em hipótese alguma, um relacionamento real. Assim, nossa dificuldade e nossos problemas crescentes surgem com a falta de entendimento do relacionamento, que é, essencialmente, autoconhecimento. Se não

sabemos como nos relacionamos com as pessoas, com a propriedade, com as idéias, então nosso relacionamento inevitavelmente produzirá conflito. Eis aí todo o nosso problema atual — não é verdade? —, relacionamento não apenas entre pessoas, mas entre grupos de pessoas, entre nações, entre ideologias, sejam elas da direita ou da esquerda, religiosas ou seculares. Portanto, é importante compreender fundamentalmente a sua relação com a sua mulher, com o seu marido, com o seu vizinho; pois um relacionamento é uma porta através da qual podemos descobrir a nós mesmos, e através desse descobrimento entenderemos o que vem a ser o pensar corretamente.

Pensar corretamente, com certeza, é totalmente diferente de pensamento correto. O pensamento correto é estático. Você pode vir a aprender sobre o pensamento correto, mas não pode aprender sobre o pensar corretamente, pois o pensar corretamente é movimento, não é estático. Você pode aprender o pensamento correto nos livros, com um professor, ou reunir informações a respeito, mas não poderá atingir o pensar corretamente seguindo um padrão ou modelo. Pensar corretamente é a compreensão do relacionamento a cada novo momento, que por sua vez revela todo o processo da personalidade.

Qualquer que seja o nível em que viva, há conflito, não apenas conflito individual, mas também conflito mundial. O mundo é você; ele não está separado de você. O que você é o mundo é. E é preciso que haja uma revolução fundamental no seu relacionamento com as pessoas, com as idéias. Deve haver uma mudança fundamental, e essa mudança deve começar, não fora de você, mas nos seus relacionamentos. Portanto, é essencial para um homem de paz, para um homem de pensamento, compreender a si mesmo. Pois sem autoconhecimento, seus esforços só criarão mais confusão e desgraças. Tome ciência do processo total de você mesmo. Você não precisa de gurus, de livros, para entender a cada novo momento o seu relacionamento com todas as coisas.

Questionador: Por que você passa seu tempo a pregar em vez de ajudar o mundo de forma prática?

Krishnamurti: Bem, o que você entende por "prática"? Você se refere a produzir uma mudança no mundo, um melhor ajustamento econômico, uma melhor distribuição da riqueza, melhores relacionamentos ou, falando mais rudemente, ajudá-lo a encontrar um trabalho melhor? Você quer ver uma mudança no mundo, todo homem inteligente quer, e você quer um método que possa produzir essa mudança, e portanto você me pergunta por que eu gasto o meu tempo a pregar em vez de fazer alguma coisa a respeito. Porém, pergunto, será realmente perda de tempo o que estou fazendo? Seria perda de tempo se eu estivesse introduzindo um novo conjunto de idéias para substituir a antiga ideologia, o antigo padrão. Talvez você preferisse me ver fazer isso. Mas, em vez de sugerir uma assim chamada maneira prática de agir, de viver, de conseguir um emprego melhor, de criar um mundo melhor, não será importante descobrir quais são as forças que realmente impedem uma verdadeira revolução, não uma revolução de esquerda ou de direita, mas uma revolução radical, fundamental, não fundada em idéias? Porque os ideais, as crenças, as ideologias, os dogmas, impedem a ação. Não pode haver uma transformação do mundo, uma revolução, enquanto a ação se basear em idéias, pois a ação será então uma mera reação na qual as idéias se tornam muito mais importantes do que as ações. E é isso precisamente o que está ocorrendo no mundo, não é? Para agir, é preciso descobrir o impedimento que inibe a ação. Mas a maioria de nós não quer agir; essa é a dificuldade. Preferimos discutir, preferimos substituir uma ideologia por outra, e assim escapamos da ação pela ideologia. Isso, seguramente, é muito simples, não é? O mundo enfrenta nos dias atuais diversos problemas: superpopulação, fome, divisão das pessoas em nacionalidades e classes, e assim por diante. Por que não há um grupo de pessoas reunindo-se para tentar solucionar os problemas do nacionalismo? Pois, se tentarmos nos tornar internacionais apegando-nos ainda à nossa nacionalidade, criamos outro problema; e é isso o que a maioria faz.

Daí você vê que são os ideais que estão impedindo a ação. Um estadista, uma autoridade eminente, afirmou que o mundo pode ser organizado e toda a população alimentada. Então, por que isso não é feito? Em função do nacionalismo, das idéias, das crenças confli-

tantes. Portanto, são as idéias que realmente impedem a alimentação do povo; e muitos de nós brincamos com as idéias e pensamos que somos tremendos revolucionários, nos hipnotizando com palavras tais como "prática". O importante é nos livrarmos das idéias, do nacionalismo, de todas as crenças religiosas e dogmas, de forma que possamos agir, não de acordo com um padrão ou ideologia particular, mas como as necessidades determinam. Seguramente, apontar os obstáculos e impedimentos que inibem esse modo de agir não é uma perda de tempo, não é apenas tagarelice. Enquanto o que você está fazendo, obviamente, é tolice. Suas idéias e crenças, suas panacéias políticas, econômicas e religiosas, estão na realidade dividindo os homens e levando-os à guerra. Só quando a mente está livre de idéias e de crenças pode haver o agir corretamente. Um homem que se diz patriota, nacionalista, não poderá jamais saber o que vem a ser fraternidade, embora ele possa falar sobre isso; ao contrário, suas ações, economicamente e em todas as direções, conduzem à guerra. Portanto, só poderá haver ação correta e, por conseguinte, transformação radical e duradoura, quando a mente estiver livre de idéias, não superficial mas fundamentalmente; e a liberdade das idéias pode ter lugar apenas através da autoconsciência e do autoconhecimento.

Colombo, 8 de Janeiro de 1950

Um de nossos maiores problemas é a questão do viver criativo. Obviamente, a vida da maioria de nós é enfadonha. Nossas reações são apenas superficiais; muitas de nossas respostas são superficiais e, sendo assim, criam inúmeros problemas. O viver criativo não significa necessariamente tornar-se um grande arquiteto ou um grande escritor. Isso é mera capacidade, e capacidade é algo totalmente diferente do viver criativo. Não é necessário que alguém saiba que você é criativo; basta que você conheça esse estado de intensa felicidade, de indestrutibilidade. Mas isso não se verifica com facilidade, pois muitos de nós temos incontáveis problemas — políticos, sociais, econômicos, religiosos, familiares — que tentamos resolver de acordo com certas explicações, certas regras, tradições, qualquer padrão sociológico ou religioso com o qual estejamos familiarizados. Mas a solução que damos para um problema parece criar inevitavelmente outros, e formamos uma rede cada vez mais intrincada de problemas sempre a se multiplicar e a se intensificar na sua destrutividade.

Quando procuramos descobrir um meio de sair desse emaranhado, dessa confusão, buscamos a resposta num nível particular. E é preciso ter a capacidade de ir além de todos os níveis, pois a maneira criativa de viver não pode ser encontrada em nenhum nível em particular. Essa ação criativa só se torna realidade ao se compreender o relacionamento, e relacionamento é comunhão com o outro. Não é pois, na realidade, demonstração de egoísmo o estar preocupado com a ação individual. Ao que parece, achamos que podemos fazer muito pouco neste mundo, e que só os grandes políticos, os escritores famosos, os grandes líderes religiosos são capazes de ação extraor-

dinária. Na verdade, você e eu somos infinitamente mais capazes de produzir uma transformação radical do que os políticos e economistas profissionais. Se estivermos preocupados com a nossa vida, se compreendermos o nosso relacionamento com os outros, teremos criado uma nova sociedade; de outra forma, estaremos apenas perpetuando a atual confusão e emaranhado caótico.

Preocupar-se com a ação individual não é, portanto, decorrência do egoísmo, ou fruto de um desejo de poder. Se pudermos descobrir uma maneira de viver que seja criativa, e não simplesmente conforme aos padrões religiosos, sociais, políticos ou econômicos, tal como fazemos nos dias de hoje, então seremos capazes de resolver nossos inúmeros problemas. No momento, somos meros gramofones repetidores, eventualmente trocando as gravações quando pressionados mas, em geral, tocando as mesmas melodias para todas as ocasiões. E é esse repetir constante, esse perpetuar da tradição, a origem do problema com todas as suas complexidades. Parecemos incapazes de escapar da conformidade, embora saibamos substituir a atual conformidade por uma outra, ou até mesmo sejamos capazes de tentar mudar o modelo atual. Trata-se de um processo constante de repetição, de imitação. Somos budistas, cristãos ou hindus; pertencemos à esquerda ou à direita. Pelo fato de citarmos, por mera repetição, os diversos livros sagrados, achamos que podemos solucionar nossos incontáveis problemas. E a repetição, seguramente, não irá solucionar os problemas humanos. O que fez o "revolucionário" para as assim chamadas massas? Na verdade, o problema ainda permanece. Ocorre que a constante repetição de uma idéia inibe a compreensão verdadeira do problema. Por meio do autoconhecimento, é possível livrar-se desse eterno repetir. A partir daí será possível atingir aquele estado criativo, sempre novo, no qual estaremos preparados para enfrentar cada problema como se fosse pela primeira vez. Afinal de contas, nossa dificuldade é o fato de, tendo pela frente todos esses imensos problemas, enfrentá-los com as mesmas conclusões prévias, com o registro de experiência, seja nossa ou adquirida através de outros; assim, enfrentamos o novo com o velho, e criamos mais problemas.

O viver criativo é existir sem esses antecedentes; o novo é enfrentado como novo e, portanto, não gera novos problemas. É preciso,

portanto, abordar o novo com o novo até conseguirmos compreender o processo como um todo, todo o crescente problema do desastre, da miséria, da fome, da guerra, do desemprego, da desigualdade, da disputa entre ideologias conflitantes. Essa luta e confusão não serão solucionadas pela repetição de velhas fórmulas. Se você se detiver para observar com um pouco mais de cuidado, sem preconceitos, sem tendências religiosas, descobrirá problemas muito maiores; e, livre da conformidade, da crença, você será capaz de enfrentar o novo. Essa capacidade de enfrentar o novo com o novo chama-se o estado criativo e é, seguramente, a mais elevada forma de religião. Ser religioso não é apenas ter uma crença, não é a obediência a certos rituais, dogmas, autodenominando-se isto ou aquilo. Religião é a experiência real de um estado no qual existe criação. Isso não é uma idéia, um processo. Ela pode ser alcançada quando há liberdade em relação à personalidade. E só pode haver liberdade em relação à personalidade quando há a compreensão da personalidade no relacionamento; no isolamento, por sua vez, não pode haver nenhuma compreensão.

Como já sugeri, é importante vivenciar cada questão à medida que ela aparece, e não permanecer simplesmente a ouvir minhas respostas; é importante descobrirmos juntos a verdade do assunto, tarefa muito mais difícil. Muitos de nós gostariam de ficar afastados do problema, observando os outros; mas se pudermos descobrir juntos, percorrermos juntos a jornada, de forma que ela se constitua numa experiência sua e não minha — apesar de vocês estarem ouvindo palavras minhas, se pudermos ir juntos, isto será do maior valor e importância.

Questionador: O senhor defende o vegetarianismo? O senhor faria objeção à inclusão de um ovo na dieta?

Krishnamurti: Será realmente um grande problema esse de saber se podemos ou não comer um ovo? Talvez grande parte de vocês esteja preocupada com a questão de não matar. Qual é, realmente, o cerne do problema? Talvez a maioria de vocês coma carne ou peixe. Você evita matar não indo ao açougueiro, ou coloca toda a culpa no as-

sassino, o açougueiro; isso é apenas escamotear o problema. Se você gosta de comer ovos, você pode conseguir ovos estéreis para evitar a matança. Mas esta é uma questão bastante superficial; o problema é muito mais profundo. Você não quer matar animais para o seu estômago, mas não se importa em apoiar governos organizados para matar. Todos os governos soberanos têm por base a violência; eles precisam ter exército, marinha e força aérea. Você não se importa em dar-lhes apoio, mas rebela-se contra a terrível calamidade que é comer um ovo. Perceba quão ridícula é a situação! Investigue a mentalidade dos cavalheiros nacionalistas, que não se preocupam com a exploração e com a implacável destruição de povos, para quem os massacres totais não representam nada — mas bastante escrupulosos em relação ao que ingerem.

E há muito mais em relação a esse problema, não apenas a questão das matanças, mas o correto uso da mente. A mente pode ser empregada de forma estreita, ou pode ser capaz de extraordinária atividade. Muitos de nós ficamos satisfeitos com uma atividade superficial, com segurança, com a satisfação sexual, com diversões, com crenças religiosas; nos satisfazemos com isto e deixamos totalmente de lado a resposta mais profunda e a maior significação da vida. Os próprios líderes religiosos tornaram-se pequenos na sua resposta à vida. Afinal de contas, o problema não se resume em matar animais mas também em matar seres humanos, o que é muito mais importante. Você pode se abster de usar animais e de degradá-los; você pode se tomar de compaixão pela sua matança, mas o importante nessa questão é todo o problema de explorar e matar, e não apenas a matança de seres humanos na guerra, mas também a forma pela qual você explora as pessoas, a maneira pela qual você trata os outros, e olha para eles como seres inferiores. Você provavelmente não está prestando atenção a isso, pois é algo muito próximo de nós. Seria melhor discutir Deus ou a reencarnação — mas nada que requeira ação imediata e responsabilidade.

Colombo, 22 de Janeiro de 1950
Palestra Pública

O importante é como abordar cada problema. É essencial perceber que a falta de um relacionamento adequado produz conflito e, sendo assim, é essencial que compreendamos o conflito no relacionamento, todo o processo do nosso pensamento e ação. Obviamente, se não entendermos nós mesmos no relacionamento, qualquer que seja a sociedade que criemos, quaisquer idéias, opiniões que possamos ter, só produzirão novos danos e mais desgraças. Portanto, a compreensão de todo o processo de si-mesmo no relacionamento com a sociedade é o primeiro passo na compreensão do problema do conflito. O autoconhecimento é o início da sabedoria, pois você é o mundo, você não está separado do mundo. Sociedade é o seu relacionamento com o outro; você criou isso, e a solução está na sua própria compreensão desse relacionamento, na interação entre você e a sociedade. Sem compreender você mesmo, procurar uma solução é absolutamente inútil, não passa de um meio de fuga. O importante é compreender o relacionamento. É o relacionamento que provoca o conflito, e esse relacionamento não pode ser compreendido a menos que tenhamos a capacidade de ser observadores passivos. Então, dessa vigilância passiva, desse modo de perceber, surge a compreensão.

Questionador: Percebo que a solidão é causa subjacente a muitos dos meus problemas. Como lidar com isso?

Krishnamurti: O que você quer dizer com solidão? Você tem mesmo a exata noção de que está solitário? Certamente, a solidão não é o fato de estar sozinho. Poucos de nós estamos sozinhos; não queremos ficar sozinhos. É importante entender que solidão não é isolamento. Há uma grande diferença entre estar sozinho e isolamento. O isolamento é a sensação de estar fechado, de não ter relacionamentos, a sensação de que você foi eliminado de tudo. Isto é inteiramente diferente de estar sozinho, o que nos deixa inteiramente vulneráveis. Quando estamos sozinhos, vem uma sensação de medo, de ansiedade, a dor de estar isolado. Quando você ama alguém, você sente que sem essa pessoa estará perdido. Aquela pessoa torna-se essencial para que você não tenha a sensação de isolamento. Então você usa a pessoa para fugir do que você é. Eis por que tentamos estabelecer o relacionamento, a comunhão com um outro, ou estabelecer contato com as coisas, com a propriedade, de forma que nos sintamos vivos. Compramos móveis, roupas, carros; procuramos acumular conhecimentos, ou nos tornamos viciados em amor.

Por solidão entendemos o estado que surge na mente, um estado de isolamento, um estado no qual não há contato, não há relacionamento, não há comunhão com nada. Temos medo disso, chamamos isso de doloroso; e, tendo medo do que somos, ou do nosso estado real, fugimos dele, usando diversas formas de escape — Deus, bebida, o rádio, divertimentos —, qualquer coisa para fugir dessa sensação de isolamento. E não são as nossas ações, tanto no relacionamento individual como no relacionamento com a sociedade, um processo isolador? Não é o relacionamento de pai, de mãe, de esposa, de marido, um processo isolador para nós nos dias de hoje? Não é esse relacionamento sempre um relacionamento baseado em necessidades mútuas? Assim, o processo de auto-isolamento é simples — você está sempre buscando em seus relacionamentos vantagens para você mesmo. O processo de isolamento prossegue sempre, e quando a sensação de solidão surge em nós através de nossas atividades, queremos fugir dela. Então vamos à igreja, ou retomamos um livro, ou ligamos o rádio, ou sentamos diante de um quadro e meditamos — qualquer coisa para fugir do que existe.

Colombo, 22 de Janeiro de 1950
Palestra Radiofônica

A ação só tem sentido no relacionamento e, sem compreender o relacionamento, a ação em qualquer nível só produzirá conflito. Compreender o relacionamento é infinitamente mais importante do que procurar qualquer plano de ação. A ideologia, o modelo de como agir, inibe a ação. A ação baseada na ideologia impede a compreensão do relacionamento entre um homem e outro homem. A ideologia pode ser de esquerda ou de direita, religiosa ou secular, mas é, invariavelmente, destruidora de relacionamentos. A compreensão do relacionamento é ação verdadeira. Sem compreender o relacionamento, as brigas e o antagonismo, a guerra e a confusão são inevitáveis.

Relacionamento significa contato, comunhão. Não pode existir comunhão quando as pessoas estão separadas por idéias. Uma crença pode agrupar diversas pessoas em torno dela. Esse grupo irá, certamente, gerar oposição e, por conseguinte, um novo grupo com uma crença diferente.

As idéias adiam o relacionamento direto com o problema. E existe ação apenas quando há um relacionamento direto com o problema. Mas, infelizmente, todos nós abordamos um problema com conclusões, com explicações, às quais damos o nome de idéias. Elas são o meio de se adiar a ação. Idéia é pensamento verbalizado. Sem a palavra, sem o símbolo, sem a imagem, não há pensamento. O pensamento é a resposta da memória, da experiência, que são as influências condicionantes. Essas influências não são apenas do passado, mas também do passado interagindo com o presente. Sendo assim, o pas-

sado está sempre fazendo sombra ao presente. A idéia é a resposta do passado ao presente e, portanto, a idéia é sempre limitada, não importa quão ampla ela possa ser. Assim, as idéias devem sempre separar as pessoas.

O mundo está sempre às portas da catástrofe, que parece estar mais perto agora. Vendo a aproximação da catástrofe, a maioria de nós busca refúgio nas idéias. Supomos que *essa* catástrofe ou *essa* crise pode ser resolvida por uma ideologia. Uma ideologia é sempre um impedimento ao relacionamento direto, e impede a ação. Queremos a paz apenas como uma idéia e não como uma realidade. Queremos a paz num nível verbal, que existe apenas no nível de pensamento embora, orgulhosamente, nós o chamemos de nível intelectual. Mas a palavra *paz* não é paz. Só pode existir paz quando cessar a confusão feita por você e por um outro. Somos ligados ao mundo das idéias e não à paz. Procuramos novos padrões sociais e políticos, e não a paz. Nos preocupamos com a reconciliação, mas não com as causas da guerra. Essa busca levará apenas a respostas condicionadas pelo passado. A esse condicionamento damos o nome de conhecimento, de experiência, e os novos fatos são traduzidos, interpretados de acordo com esse conhecimento. Há, portanto, um conflito entre *o que é* e a experiência que *foi*. O passado, que é conhecimento, estará sempre em conflito com o fato, que está sempre no presente. Sendo assim, além de não resolver o problema, isso perpetuará as condições que criaram o problema.

♦

O relacionamento é o nosso problema, não num nível em particular mas em todos os níveis da nossa existência. Esse é o nosso único problema. Para compreender o relacionamento precisamos abordá-lo livres de qualquer ideologia, de qualquer preconceito, não apenas do preconceito dos incultos, mas também do preconceito do conhecimento. Compreender o problema através da experiência passada é coisa que não existe. Cada problema é novo. Não existe problema antigo. Quando abordamos um problema, que é sempre novo, com uma idéia que invariavelmente é produto do passado, nossa res-

posta também é do passado, o que nos impede de compreender o problema.

A busca de uma resposta para o problema apenas o intensifica. A resposta nunca está fora dele, mas sempre no próprio problema. Precisamos estudar o problema de forma original e não por meio de representações do passado. A inadequação da resposta ao desafio cria o problema. Estamos ávidos por conhecer o novo, e não podemos vê-lo porque a imagem do passado impede sua clara percepção. Respondemos ao desafio apenas como católicos, como hindus ou como budistas, como da esquerda ou da direita, e isso invariavelmente cria novos conflitos. Assim, o importante não é ver o novo, mas remover o antigo. Apenas quando a resposta é adequada ao desafio não há conflito, não há problema. Isso deve ser visto na nossa vida diária e não nos jornais.

O relacionamento é o desafio da vida diária. Se você, eu e um outro não sabemos como nos conhecer, estaremos criando condições para alimentar uma guerra. Sendo assim, o problema do mundo é o seu problema. Você não é diferente do mundo. O mundo é você. Aquilo que você é, o mundo é. Você pode salvar o mundo, que é você; basta compreender o relacionamento da vida diária, não através da crença chamada religião, ou da direita ou da esquerda, ou através de qualquer tipo de reforma, não importa quão ampla ela seja. A esperança não está no especialista, na ideologia ou no novo líder. Está em você.

Você poderia perguntar como, vivendo uma vida comum num círculo limitado, poderia influir na presente crise mundial. Você não se julga capaz de tanto. A luta atual é produto do passado que você e o outro criaram. Até que você e o outro alterem radicalmente o relacionamento atual, você só contribuirá para novas desgraças. Isto não é uma super-simplificação. Se você se debruçar sobre o assunto, verá como seu relacionamento com um outro, quando expandido, produz o antagonismo e o conflito em nível mundial.

O mundo é você. Sem a transformação do indivíduo que é você, não poderá haver uma revolução radical no mundo. A revolução na ordem social sem a transformação individual conduzirá apenas a novos conflitos e desastres. Pois a sociedade é o relacionamento entre

eu, você e o outro. Sem uma revolução radical nesse relacionamento, qualquer tentativa de conseguir a paz não passa de uma reforma, não importa quão revolucionária seja, e isto é regressão.

O relacionamento baseado em necessidades mútuas produz apenas conflitos. Não importa quão interdependentes sejamos um do outro, estaremos usando um ao outro para um objetivo, para um determinado fim. E tendo em vista um fim, não existe relacionamento. Você pode me usar e eu usar você. Ao fazer isso, perdemos contato. Uma sociedade baseada em usos mútuos é o alicerce da violência. Quando usamos um outro, temos apenas a imagem do fim a ser atingido. O fim, o ganho, impede o relacionamento, a comunhão. No uso do outro, ainda que isso seja altamente gratificante e gerador de bem-estar, há sempre o medo. Para evitar esse medo é preciso possuir. E dessa possessão nasce a inveja, o ciúme, a suspeita e o conflito constante. Esse relacionamento não poderá jamais produzir felicidade.

Uma sociedade cuja estrutura é baseada em mera necessidade, seja fisiológica ou psicológica, produzirá conflito, confusão e desgraça. A sociedade é a projeção de você na relação com o outro, relação na qual a necessidade e o uso são predominantes. Quando você usa o outro para a sua necessidade, física ou psicologicamente, na realidade não há relacionamento algum; você não tem contato real com o outro, não tem comunhão com o outro. Como pode haver comunhão com um outro quando esse outro é usado, qual uma peça de mobiliário, para a sua conveniência e bem-estar? Portanto, é essencial compreender o significado do relacionamento na vida diária.

Não compreendemos o relacionamento; o processo total do nosso ser, do nosso pensamento, da nossa atividade, leva a um isolamento que impede o relacionamento. O ambicioso, o hábil, o crente, não pode ter relacionamentos com um outro. Ele pode apenas usar o outro, o que resulta em confusão e inimizade. Essa confusão, essa inimizade existem na nossa atual estrutura social; existirão também em qualquer sociedade reformada enquanto não ocorrer uma revolução fundamental na nossa atitude em relação a outro ser humano. Enquanto usarmos o outro como um meio para alcançar determinado objetivo, por mais nobre que este seja, haverá, inevitavelmente, violência e desordem.

Se você e eu atingirmos uma revolução fundamental em nós mesmos, não baseada em necessidade mútua, seja física ou psicológica, não terão nossos relacionamentos com um outro sido submetidos a uma transformação fundamental? Nossa dificuldade é o fato de possuirmos um quadro de como a nova sociedade organizada deveria ser e tentar nos encaixar nesse padrão. O modelo é obviamente fictício. O real é aquilo que realmente somos, aquilo que é visto claramente no espelho de nossos relacionamentos diários. Seguir o modelo apenas trará mais conflitos e confusão.

A desgraça e a desordem social atual precisam terminar por sua própria conta. Mas você e eu e o outro podemos e devemos enxergar a verdade do relacionamento e, dessa forma, dar início a um novo modo de agir não baseado em necessidade e satisfação mútuas. A mera reforma da atual estrutura da sociedade, sem alterar fundamentalmente nossos relacionamentos, é um retrocesso. Uma revolução que mantém o uso do homem visando um objetivo, ainda que promissor, produzirá novas guerras e incontáveis sofrimentos. O fim é sempre a projeção do nosso condicionamento. Por mais promissor e utópico que seja, o fim pode ser apenas um meio de provocar mais confusão e dor. O importante nisso tudo não são os novos modelos, as novas mudanças superficiais, mas o entendimento do processo total do homem, que é você mesmo.

No processo de compreender a si mesmo, não em isolamento mas nos relacionamentos, você descobrirá a existência de uma profunda e duradoura transformação, na qual o uso de um outro visando a sua própria satisfação psicológica terá terminado. O importante não é saber como agir, que modelo seguir, ou qual a melhor ideologia, mas compreender o seu relacionamento com outro. Esse compreender é a única revolução possível, e não a revolução baseada numa idéia. Qualquer revolução baseada em uma ideologia mantém o homem apenas como um meio.

Como o interior supera sempre o exterior, sem compreender o processo psicológico como um todo, processo que é você mesmo, não há nenhuma base para pensar. Qualquer pensamento que produza um modelo de ação levará apenas a mais ignorância e confusão.

Existe uma única revolução fundamental. E essa revolução só se materializa quando cessa a necessidade de usar o outro. Essa transformação não é uma abstração mas uma realidade que pode ser vivenciada à medida que comecemos a compreender o mecanismo do nosso relacionamento. A essa revolução fundamental pode se dar o nome de amor; esse é o único fator criativo capaz de produzir mudanças em nós mesmos e na sociedade.

Bombaim, 9 de Março de 1955

Questionador: Como ficar livre do medo?

Krishnamurti: O que é o medo? O medo existe apenas no relacionamento com alguma coisa; ele não existe em si mesmo. O medo torna-se realidade no relacionamento com uma idéia, com uma pessoa, ao se considerar a perda de uma propriedade, e assim por diante. Pode-se ter medo da morte, que é o desconhecido. Há o medo da opinião pública, do que as pessoas irão dizer; o medo de perder o emprego, o medo de ser censurado ou repreendido. Há várias formas de medo, superficiais ou profundas, mas qualquer tipo de medo surge em relação a alguma coisa. Assim, quando perguntamos: "Posso me livrar do medo?", isso significa, "Posso me livrar de todos os relacionamentos?" Você compreende? Se é o relacionamento que está causando o medo, então perguntar se é possível se livrar do medo equivale a perguntar se é possível viver em isolamento. Obviamente, nenhum ser humano pode fazer isso. Não existe a vida em isolamento, só é possível viver com relacionamentos. Portanto, para ficar livre do medo é preciso compreender o relacionamento; o relacionamento da mente com suas próprias idéias, com certos valores, o relacionamento entre marido e mulher, entre o homem e sua propriedade, entre o homem e a sociedade. Se posso compreender o meu relacionamento com você, então não há medo, pois o medo não existe por si só; ele cria a si mesmo no relacionamento. Nosso problema, portanto, não é superar o medo, mas descobrir antes de mais nada o que é agora o nosso relacionamento, e o que seria o relacionamento correto. Não

precisamos estabelecer relacionamentos corretos; a simples compreensão do relacionamento torna realidade o relacionamento correto.

Acho que é importante perceber que nada pode viver em isolamento. Mesmo que você se torne um monge ou eremita, mesmo que vista uma bata e torne-se um recluso, mesmo que se isole numa crença, nenhum ser humano pode viver em isolamento. Mas a mente vive perseguindo o isolamento na auto-reclusão da "minha experiência", da "minha crença", da "minha mulher", do "meu marido", da "minha propriedade", que é um processo de exclusão. A mente busca o isolamento em todos os seus relacionamentos, e daí decorre o medo. Sendo assim, nosso problema é compreender o relacionamento.

Bem, mas o que é o relacionamento? Quando você afirma: "Estou tendo um relacionamento", o que isso significa? Não considerando o relacionamento puramente físico através do contato, através do sangue, através da hereditariedade, nosso relacionamento é baseado em idéias, não é verdade? Estamos examinando o que é e não o que deveria ser. Nosso relacionamento, no momento, é baseado em idéias, numa idealização do que acreditamos ser o relacionamento. Ou seja, nosso relacionamento com tudo é um estado de dependência. Eu acredito numa certa idéia, pois essa crença me traz bem-estar, segurança, uma sensação de tranqüilidade; ela age como um meio de disciplinar, de controlar, de manter o meu pensamento na linha. Assim, o meu relacionamento com essa idéia é baseado em dependência, e se você remove a minha crença nela, estou perdido, não sei como pensar, como avaliar as situações. Sem acreditar em Deus, ou na idéia de que não existe Deus, sinto-me inseguro; portanto, dependo dessa crença.

E o nosso relacionamento com um outro não é por acaso um estado de dependência psicológica? Não me refiro à interdependência psicológica, que é inteiramente diferente. Dependo do meu filho, pois quero que ele seja algo que não sou. Ele é a forma de preencher todos os meus desejos, todas as minhas esperanças; ele é minha imortalidade, minha continuação. Assim, meu relacionamento com o meu filho, com a minha mulher, com os meus filhos, com os meus vizinhos, é um estado de dependência psicológica, e tenho medo de um estado em que não há dependência. Não sei o que isso significa e, assim, dependo dos livros, dos relacionamentos, da sociedade; de-

pendo da propriedade para conseguir segurança, posição, prestígio. E se não dependo de nada disso, então dependo das minhas experiências, dos meus pensamentos, da grandiosidade dos meus objetivos.

Psicologicamente, portanto, nosso relacionamento baseia-se em dependência, e o medo é exatamente isso. O problema não é como depender, mas simplesmente perceber o fato de que dependemos. Onde há apego não há amor. Por não saber como amar, você depende, e disso nasce o medo. O importante é perceber o fato, e não perguntar como amar, ou como ficar livre do medo. Você pode esquecer momentaneamente o seu medo através de vários divertimentos, através de ouvir o rádio, através da leitura das Escrituras, ou de ir a uma igreja ou a um templo, mas são todas formas de escape. Não há muita diferença entre um homem que se põe a beber e um homem que se apega a livros religiosos, entre aqueles que passam a freqüentar a suposta casa de Deus e aqueles que vão ao cinema, pois todos estão fugindo. Mas, uma vez que você está ouvindo, se você realmente pode perceber o fato de que onde há dependência no relacionamento deve haver medo, deve haver sofrimento, de que onde há apego não pode haver amor, se, pelo fato de que você agora está ouvindo, você pode perceber esse simples fato e compreendê-lo instantaneamente, então você descobrirá que uma coisa extraordinária está ocorrendo. Sem refugar, sem aceitar ou sem dar opiniões a respeito, sem citar este ou aquele, ouça apenas o fato de que onde há apego não há amor, e onde há dependência há medo. Estou me referindo à dependência psicológica, não à dependência ao seu leiteiro que lhe traz o leite diariamente, ou sua dependência a uma ferrovia, ou a uma ponte. É essa dependência psicológica interior a idéias, a pessoas, a propriedade, que produz o medo. Assim, você não pode se livrar do medo enquanto não compreender o relacionamento, e o relacionamento só pode ser compreendido quando a mente examina todos os seus relacionamentos, o que é o começo do autoconhecimento.

E agora, vocês podem ouvir tudo isso facilmente, sem esforço? O esforço existe apenas quando você está tentando conseguir algo, quando está tentando ser algo. Mas se você está tentando se livrar do medo, você é capaz de ouvir o fato de que o apego destrói o

amor, então esse próprio fato irá imediatamente livrar a mente do medo. É impossível libertar-se do medo enquanto não se compreender o relacionamento, o que significa, na realidade, enquanto não houver autoconhecimento. A personalidade só se revela no relacionamento. Ao observar a maneira pela qual me dirijo ao meu vizinho, a maneira pela qual encaro a prosperidade, a maneira pela qual me aferro às crenças, ou à experiência, ou ao conhecimento, isto é, ao descobrir minha própria dependência, começo a despertar para todo o processo de autoconhecimento.

Dessa forma, superar o medo não é importante. Você pode tomar uma bebida e esquecê-lo. Você pode ir a um templo ou a uma igreja e perder-se em prostração, no murmúrio de palavras, ou em devoções, mas o medo aguarda por você na esquina assim que você sair. Só existe a cessação do medo quando você compreende seu relacionamento com tudo, e essa compreensão não ocorre sem autoconhecimento. E o autoconhecimento não é algo muito distante; ele começa aqui, agora, pela observação da maneira como você trata os outros, a sua mulher, os seus filhos. O relacionamento é o espelho no qual você se enxerga tal qual é. Se você for capaz de se olhar tal como é sem avaliação, então ocorre o cessar do medo, e daí decorre uma extraordinária sensação de amor. O amor é algo que não pode ser cultivado; o amor não é algo a ser conseguido pela mente. Se você diz: "Vou me educar para ter compaixão", então a compaixão é algo da mente e, portanto, não é amor. O amor surge de forma obscura, desconhecida, plena, quando compreendemos todo esse processo de relacionamento. Então a mente está tranqüila, não enche o coração com as coisas da mente e, portanto, aquilo que é o amor pode tornar-se realidade.

Colombo, 13 de Janeiro de 1957

Se o seu interesse é realmente sério, é preciso compreender o relacionamento entre você e o orador. Não se trata de alguém a ensiná-lo; pelo contrário, você e eu estaremos aprendendo como indivíduos, e não há distinção entre o instrutor e aquele a quem se ensina. Essa divisão é antiética, não-espiritual, não-religiosa. Peço que entendam isso perfeitamente. Não sou dogmático ou afirmativo. Enquanto não compreendermos com clareza o relacionamento entre vocês e o orador, permaneceremos em uma posição falsa. Para mim existe apenas o aprender, não a pessoa que sabe e a que não sabe. No momento em que alguém diz que sabe, ele não sabe. A verdade não existe para ser conhecida. O que é conhecido é algo do passado; já está morto. A verdade é viva, não é estática; portanto, não se pode conhecer a verdade. A verdade está em constante movimento, não tem domicílio, e a mente acorrentada a uma crença, ao conhecimento, a um determinado condicionamento, é incapaz de compreender o que é a verdade.

♦

O autoconhecimento é o começo da sabedoria. Esse autoconhecimento não pode ser conseguido nos livros, mas você pode encontrá-lo por si próprio através da observação do seu relacionamento diário com a sua mulher ou com o seu marido, com os seus filhos, com o seu patrão, com o motorista de ônibus. Através do tomar ciência de você mesmo no seu relacionamento com outro, você descobre os mecanismos da sua mente, e essa compreensão de si mesmo dá início

à libertação em relação ao condicionamento. Se você entrar nisso com profundidade, você descobrirá que a mente torna-se bastante quieta, realmente serena. Essa serenidade não é a serenidade de uma mente disciplinada, contida, controlada, mas a serenidade que surge quando, através da compreensão do relacionamento, a mente deixou de ser um centro de auto-interesse. Uma tal mente é capaz de seguir aquilo que está além da medida da mente.

Londres, 18 de Maio de 1961

Acredito que a maioria de nós sabe o que é ser solitário. Conhecemos esse estado quando todos os relacionamentos foram cortados, quando nem o passado e nem o futuro têm sentido, quando há uma completa sensação de isolamento. Ainda que você esteja com um grande número de pessoas, num ônibus cheio, ou simplesmente sentado ao lado do seu amigo, do seu marido ou da sua mulher, essa onda subitamente passa por você, essa sensação de incrível vazio, um abismo, um vácuo. E a reação instintiva é fugir dela. Para isso você liga o rádio, conversa, ou se filia a determinada sociedade, ou prega sobre Deus, sobre a verdade, o amor e tudo o mais. Você pode escapar através de Deus, ou através do cinema; todos os modos de escape são o mesmo. E a reação é o medo desse completo senso de isolamento e de fuga. Você conhece todos os meios de fuga através do nacionalismo, da pátria, dos filhos, do seu nome, da sua propriedade, em nome dos quais você está disposto a lutar, a brigar, a morrer.

Entretanto, se verificar que todos os meios de fuga são o mesmo, e se você realmente percebe o significado de escapar, você pode ainda assim escapar? Ou melhor, existe fuga? E se você não estiver fugindo, haverá ainda conflito? Você compreende? É a fuga daquilo "que é"; é o desejo de atingir algo diferente daquilo "que é" que acaba criando o conflito. Assim, para que a mente possa ir além desse senso de solidão, desse súbito cessar de toda lembrança de qualquer relacionamento, onde se inclui a inveja, o ciúme, o desejo de aquisição, a tentativa de ser virtuoso e tudo o mais — ela deve primeiro enfrentar isso, passar por isso, de sorte que o medo, em qualquer forma que se apresente, se dissolva. Pergunto: pode a mente perceber a futilidade

de todos os meios de fuga através de uma fuga? Então não haverá conflito, não é verdade? Pois não haverá observador da solidão; não haverá o vivencial da solidão. Você está me acompanhando? Essa solidão é a cessação de todo relacionamento; idéias não importam mais; o pensamento perdeu todo o seu significado. Estou descrevendo, mas por favor não se limitem a ouvir porque depois vocês serão deixados com as cinzas. Afinal, o objetivo destas conversas é realmente livrar desses terríveis emaranhados, ter na vida algo mais que o conflito, algo mais que o medo, o aborrecimento e a monotonia da existência.

Onde não existe o medo há a beleza, não a beleza de que falam os poetas, a que é pintada pelos artistas, e assim por diante, mas algo bastante diferente. E para descobrir a beleza é preciso passar por esse completo isolamento; ou melhor, você não precisa passar por ele; ele está presente. Você escapou dele, mas ele está aí, sempre a persegui-lo. Está aí, no seu coração, na sua mente, nas profundezas e recessos do seu ser. Você o encobriu, escapou dele, fugiu; mas ele está aí. E a mente precisa vivenciá-lo como uma purgação pelo fogo. Pode a mente fazer isso sem uma reação, sem dizer que se trata de um estado horrível? No momento em que você tem uma reação, há o conflito. Se você o aceita, ainda assim carrega o seu peso e, quando o nega, o encontrará logo adiante. Sem nenhuma reação, a mente *é* essa solidão; ela não precisa passar por ela, *é* ela. No momento em que você pensa em termos de superar isso e atingir algo diferente, você de novo está em conflito. No momento em que você diz, "Como irei superar isso, como deverei realmente encarar isso?", você está novamente em conflito.

Assim, há o vazio, há esta extraordinária solidão que nenhum Mestre, nenhum guru, nenhuma idéia, nenhuma atividade pode afastar. Você brincou com todas elas, experimentou todas elas, mas elas não podem preencher este vazio; é um poço sem fundo. Mas não é um poço sem fundo no momento em que você o está experimentando. Compreende?

Percebem, se a mente ficar inteiramente livre de conflitos, totalmente, completamente sem apreensões, sem medo e ansiedade, deve haver o experimentar deste extraordinário senso de ter relacionamento

com nada. E daí decorre uma sensação de solidão. Por favor não *imagine* que você a tem; é tarefa muito árdua. E é apenas então, nesse senso de solidão em que não há medo, que ocorre um movimento em direção ao imensurável, pois então não há ilusão, não há o produtor de ilusões, não há o poder de criar ilusão. Enquanto houver conflito, haverá poder de criar ilusão, e com a total cessação do conflito todo medo terá cessado, e portanto não há mais busca.

Fico a me perguntar se vocês entenderam. Afinal, vocês todos estão aqui por estarem procurando. E, se examinarem bem, o que estão procurando? Estão procurando algo além desse conflito, dessa desgraça, sofrimento, agonia, ansiedade. Estão em busca de um meio de sair disso. Mas quando se compreende o que foi dito, cessa toda a busca, o que é um estado extraordinário da mente.

Sabem, a vida é um processo de desafios e respostas, não é? Há o desafio de fora — o desafio da guerra, da morte, de dúzia de coisas diferentes — e respondemos. E o desafio é sempre novo, mas nossas respostas são sempre antigas, condicionadas. Não sei se isto está claro. No intuito de responder ao desafio preciso reconhecê-lo, não é verdade? e se eu o reconheço, o faço em termos do antigo, então é o antigo, obviamente. Peço que percebam isto pois pretendo avançar um pouco mais.

Para um homem muito voltado para dentro, os desafios de fora não mais interessam, mas ainda assim ele tem seus próprios desafios interiores e respostas. No entanto, estou falando da mente que não está mais a procurar, e portanto não mais está tendo um desafio e resposta. Este não é um estado satisfeito, que se contentou, acovardado. Quando você tiver compreendido a significação do desafio exterior e a resposta, e o significado do desafio interior que se atribui a si mesmo e à resposta, e tiver percorrido tudo isso com docilidade, sem perder meses ou anos com isso, então a mente não mais está moldada pelo ambiente; não é mais influenciável. A mente que atravessou essa extraordinária revolução pode enfrentar qualquer problema sem que este deixe qualquer marca, qualquer raiz. Então, qualquer sentido de medo terá desaparecido.

Não sei até onde me acompanharam nisso. Sabem, ouvir não é meramente escutar; ouvir é uma arte. Tudo isso é parte do autoconhecimento; e se alguém realmente ouviu e mergulhou em si mesmo com profundidade, é uma purificação. E aquilo que está purificado recebe uma bênção que não é a bênção das igrejas.

Madras, 9 de Janeiro de 1966

Nossa vida tal como ela é, nossa vida diária, é uma questão de relacionamento. Viver é relacionamento. Estar relacionado implica contato, não apenas fisicamente, mas psicologicamente, emocionalmente, intelectualmente. E só pode haver relacionamento quando há grande afeição. Eu tenho relacionamento com você, e você não tem relacionamento comigo se o que existe entre nós é meramente intelectual, verbal; isso não é relacionamento. Só existe relacionamento quando há um senso de contato, um senso de comunhão. Tudo isso implica uma grande afeição.

Como ele é realmente, o nosso relacionamento é muito confuso, infeliz, contraditório e isolado, cada um tentando estabelecer um muro em torno de si, para si, um muro que é intransponível. Examinem a si mesmos, não o que deveriam ser, mas o que são. Quão inatingíveis vocês são, cada um de vocês, porque possuem tantas barreiras, idéias, temperamentos, experiências, misérias, conceitos, preocupações. A atividade diária de vocês sempre é isoladora; embora possam ser casados e ter filhos, ainda assim funcionam e agem com movimentos que giram em torno de vocês mesmos. Assim, existe, na verdade, um pequeno relacionamento entre um pai e uma mãe, entre uma filha e seu marido, e assim por diante, dentro da comunidade.

A menos que estabeleçamos um relacionamento adequado, toda a nossa vida será uma batalha constante, tanto individual quanto coletivamente. Você poderá dizer que, como trabalhador social, ou socialista, você trabalha para a coletividade, esquecendo-se de você mesmo, mas na verdade você não se esquece de você. Você não pode se esquecer de você identificando-se com uma coisa maior que é a

comunidade. Não se trata aqui de dissipar o "eu", a personalidade. Ao contrário, é a identificação do "eu" com o maior e, portanto, a batalha prossegue, como é tão comum naqueles países onde falam tanto em comunidade, em coletivo. O comunista está eternamente falando sobre o coletivo, mas ele próprio se identifica com o coletivo. O coletivo então torna-se o "eu" pelo qual ele está querendo lutar e sofrer todo tipo de disciplina e tortura, pois ele se identificou com o coletivo como uma pessoa religiosa se identifica com uma idéia que chama de Deus. E essa identificação ainda assim é o "eu".

Dessa forma, a vida, como se pode observar, é relacionamento, e é baseada na ação desse relacionamento, não é verdade? Eu me relaciono com você, com a mulher, com o marido como parte da sociedade. Meu relacionamento com você ou com o meu patrão traz consigo uma ação que não é proveitosa apenas para mim de início, mas é útil também para a comunidade, e o motivo da minha identificação com a comunidade é proveitoso para mim também. Por favor, ouçam com atenção: é preciso que cada um compreenda o motivo de suas ações.

A vida tal como é, a vida real do dia-a-dia, é uma batalha constante. É uma contínua desgraça, confusão, com ocasionais instantes de alegria, ocasionais expressões de profundo prazer. Assim, a menos que haja uma profunda revolução nos nossos relacionamentos, a batalha prosseguirá, e não há solução por esse caminho. Por favor, entendam isso. Não há como fugir dessa batalha de relacionamento; e no entanto é o que tentamos fazer. Não dizemos: "O relacionamento precisa melhorar, a base de nossos relacionamentos precisa mudar." Mas estando em conflito tentamos fugir dele através de vários sistemas filosóficos, através da bebida, através do sexo, através de qualquer forma de entretenimento intelectual e emocional. Assim, a menos que ocorra uma mudança interior radical com respeito aos nossos relacionamentos — onde o relacionamento é a nossa vida, o relacionamento tal como é agora: "a minha mulher", "a minha comunidade", "o meu patrão", "o meu relacionamento" — a menos que haja uma mudança completa no relacionamento, façam o que fizerem, tenham as idéias as mais nobres, conversem, discutam à exaustão sobre Deus

e sobre todo o resto, nada disso terá o menor sentido, pois tudo é fuga.

Surge então o problema: como poderei, vivendo em relacionamento, produzir uma mudança radical no meu relacionamento? Não posso fugir do relacionamento. Posso me hipnotizar; posso me retirar para um mosteiro, fugir e me tornar um monge, ou isto ou aquilo, mas ainda assim existirei como ser humano com relacionamentos. Viver é se relacionar. Preciso, portanto, compreender isso, preciso mudar isso. Preciso descobrir como fazer uma mudança radical no meu relacionamento, pois, afinal, ele produz guerras; é o que está ocorrendo neste país entre os paquistaneses e os hindus, entre os muçulmanos e os hindus, entre os árabes e os judeus. Então não há como sair disso através do templo, através da mesquita, através das igrejas católicas, através das discussões sobre o Vedanta, através disto, daquilo e de outros sistemas diferentes. Não há como sair, a menos que você, como ser humano, modifique radicalmente os seus relacionamentos.

E surge agora uma questão: como poderei mudar, não de forma abstrata, o relacionamento que na atualidade é baseado em buscas e prazeres que giram em torno de nós mesmos? Essa é a verdadeira questão. Certo?

Isso significa realmente compreender o desejo e o prazer; *compreender*, e não apenas dizer: "Preciso suprir o desejo, preciso me livrar do prazer", como vem sendo feito há séculos — "Você precisa trabalhar sem desejo" — não sei o que isso significa. — "Você não deve ter desejos" — isso não tem sentido, pois somos cheios de desejos, ardemos com eles. Não é bom suprimir o desejo; ele ainda está ali, recolhido, e você o reprime, você se disciplina contra o desejo. O que ocorre? Você endurece, torna-se cruel!

Assim, é preciso que se compreenda o desejo e se compreenda o prazer, pois nossos valores e julgamentos interiores baseiam-se no prazer, não em grandes e tremendos princípios, mas apenas em prazeres. Você procura Deus, pois ele lhe dá grande prazer ao permitir que saia dessa vida estúpida, monótona e feia, sem muito sentido. Portanto, o princípio ativo da vida é o prazer. Não é possível descartar o prazer. Olhar o pôr-do-sol, ver as folhas contra aquela luz, ver a beleza disso, sua delicadeza, é um incrível sentimento de alegria, há

nisso uma grande beleza. Porque negamos e suprimimos o prazer, perdemos todo o senso de beleza. Na nossa vida não há beleza; na verdade, não há beleza, nem mesmo bom gosto. O bom gosto pode ser aprendido, mas não se pode aprender beleza. Para compreender a beleza você precisa compreender o prazer.

Dessa maneira, precisamos compreender o prazer, o que ele significa, como surge, sua natureza, sua estrutura, e não *negá-lo*. Não nos enganamos dizendo: "Meus valores são os valores divinos. Tenho ideais nobres." Quando você se examina em profundidade, descobre que todos os seus valores, suas idéias, sua aparência, sua forma de agir, são todas baseadas no prazer. Iremos portanto examinar isso. Não apenas verbal ou intelectualmente; iremos na realidade descobrir como lidar com o prazer, seu lugar certo, seu lugar errado, se ele vale ou não a pena. Isso requer um exame meticuloso.

Para compreender o prazer, precisamos examinar o desejo. Precisamos descobrir o que é o desejo, como ele aparece, o que o faz durar e se um desejo pode, afinal, desaparecer. Precisamos compreender como ele se torna realidade, como tem continuidade, e se pode chegar ao fim — como deveria. A menos que compreendamos verdadeiramente isso, esse fingir não ter desejos, a luta para não ter desejos, não tem sentido; ela destrói e distorce a sua mente, retorce o seu ser. E para compreender o que quer que haja para ser compreendido, é preciso ter uma mente sã, clara, saudável, não uma mente distorcida, não uma mente cheia de voltas, controlada, moldada, privada de sua clareza.

Iremos, pois, descobrir como o desejo se torna realidade. Peço que ouçam com atenção, pois iremos passar para algo novo. Vocês precisam começar do começo e compreender aonde este exame irá nos conduzir. Se não forem capazes de examinar isso, não serão capazes de compreender ou de examinar aquilo. Não digam, portanto, "vou pular isto".

Sabem, é realmente bastante simples compreender como o desejo torna-se realidade. Vejo aquele magnífico pôr-do-sol. Existe o ato de ver, e ver a beleza disso, suas cores, a delicadeza das folhas contra o céu, os ramos escuros, tudo isso desperta em mim a vontade de permanecer a olhar. Ou seja: percepção, sensação, contato e desejo.

Certo? Não é nada complicado. Vejo um carro bonito, bem polido, de linhas claras — percepção. Eu o toco — sensação. E então vem o desejo. Vejo um rosto bonito, e todo o mecanismo do desejo, da sensualidade, da paixão, se põe em movimento. É simples.

A próxima questão, que é uma questão complexa, é: O que dá continuidade e duração ao desejo? Se compreender isso, saberei como lidar com o desejo. Estão acompanhando? O problema começa quando o desejo tem continuidade. Então eu luto para satisfazê-lo, então eu quero mais. Se puder descobrir o elemento tempo do desejo, então saberei como lidar com ele. Vamos abordar isso. Eu o demonstrarei a vocês.

Sabemos como o desejo aparece: é ver o pôr-do-sol, o carro, o belo rosto, um ideal adorável, um homem perfeito. (A palavra nega o homem.) Sabemos como o desejo torna-se realidade. Iremos agora examinar o que dá poder ao desejo, o que dá força para que ele se perpetue. O que o faz durar? É, obviamente, o pensamento. Eu vejo o carro, sinto uma forte vontade de possuí-lo e digo: "Preciso ter esse carro." Pensamento, o pensar sobre isso, é o que lhe dá duração. A duração é resultado do prazer derivado do pensamento desse desejo. Certo? Vejo uma bela casa, funcional e arquitetonicamente excelente, e então surge o desejo. Vem então o pensamento a dizer: "Eu gostaria de possuí-la." Então passo a lutar. Todo o problema tem um começo. Não posso ter essa casa por ser um homem pobre; assim, isso produz em mim uma frustração e eu odeio isso, e então tudo começa. Portanto, o problema surge no momento em que o pensamento com prazer interfere com o desejo. No momento em que o pensamento, que é baseado no prazer, interfere com o desejo, então o problema do conflito, da frustração, da batalha, tem início.

Portanto, se a mente puder compreender toda a estrutura do desejo e a estrutura do pensamento, então ela saberá como lidar com o desejo. Ou seja, enquanto o pensamento não interferir com o desejo, o desejo terá fim. Você compreende? Olhe! Vejo uma linda casa e posso afirmar que ela é adorável. O que há de errado nisso? A casa tem belas linhas e é bem proporcionada e limpa. Mas no momento em que o pensamento diz: "Como seria bom ser proprietário e morar nesta casa", o problema todo tem início. O errado, pois, não é o

desejo; o desejo nunca é errado. O que cria o problema é o pensamento a interferir com ele. Assim, em vez de compreender o desejo e compreender o pensamento, tentamos suprimir o desejo, controlar o desejo ou disciplinar o desejo. Certo?

Espero que estejam acompanhando tudo isso, e não simplesmente ouvindo, mas trabalhando duro com o conferencista. De outra forma, vocês não estarão participando. Estarão apenas ouvindo por um lado e deixando sair pelo outro; e isso é o que sempre fazemos. Ouvir significa estar atento. E se você realmente ouvir isso, com todo o coração, verá isso, e descobrirá o que é a vida, descobrirá uma forma totalmente diferente de viver.

Estamos pois examinando o mecanismo do pensamento. O mecanismo do pensamento baseia-se essencialmente no prazer; é gostar e desgostar. E no prazer há sempre a dor. Obviamente! Eu não quero a dor, mas gostaria de ter a constante continuação do prazer. Quero me livrar da dor. Mas para descartar a dor tenho que também descartar o prazer; os dois não podem ser divorciados; eles são uma coisa só. Assim, ao compreender o pensamento, estarei descobrindo se o princípio do prazer pode ser quebrado. Compreendem?

Nosso pensamento baseia-se no prazer. Embora tenhamos tido uma grande dose de sofrimento, não apenas física mas interiormente, uma grande dose de dor, uma grande dose de ansiedade, de medo, de terror, de desespero, tudo isto é produto dessa exigência de viver e estabelecer todos os valores no prazer. Isto não quer dizer que você deva viver sem prazer, ou que você deva se entregar ao prazer. Mas ao compreender toda essa estrutura da mente e do cérebro, que é baseada profundamente no prazer, saberemos como olhar o desejo e como não interferir nele e, portanto, como pôr um fim à confusão e à dor que pode ser provocada pelo prolongamento desse desejo. Certo?

O pensamento é mecânico. Trata-se de um computador muito bom. Ele aprendeu bastante, teve muitas experiências, não apenas individuais e coletivas, mas humanas. Ele está ali no consciente bem como no inconsciente. A consciência total é o resíduo, é o mecanismo, de todo o pensamento. E esse pensamento baseia-se não apenas em imitação e conformidade, mas sempre no prazer. Adoto certas posi-

ções porque isso me dá prazer; sigo alguém porque me dá prazer; digo: "Ele está errado", porque me dá prazer. Quando digo: "Este é o meu país, quero morrer por este país", é porque isso me dá prazer que, mais uma vez, baseia-se no meu prazer maior de segurança e assim por diante.

Portanto, o pensamento é mecânico. Não importa qual seja, incluindo todos os seus gurus, todos os seus professores, todos os seus filósofos. Trata-se da resposta da memória acumulada; e essa memória, se você se aprofundar nisso, baseia-se nesse princípio do prazer. Você acredita em Atmã, na alma, ou no que quer que seja; se você examinar a fundo, verá que se trata de prazer! Já que a vida é tão incerta, pois existe a morte, o medo, você espera que haja algo mais profundo, e para isso você dá um nome; isto lhe dá um incrível bem-estar, e esse bem-estar é prazer. Dessa forma, o pensamento, o mecanismo do pensamento, ainda que você o considere complexo, sutil e original, baseia-se nesse princípio.

É preciso, pois, compreender isso, e você só pode compreender isso se estiver totalmente atento. Agora, se você ouvir com bastante atenção tudo que está sendo dito, você imediatamente descobrirá a verdade ou a falsidade do que está sendo dito. Não há nada falso sobre isso, pois são fatos. Estamos lidando com fatos, não com idéias, que podem ser discutidas ou sobre as quais você pode ter a sua opinião ou a opinião de outro. Estes são fatos, não importa o quanto sejam feios ou bonitos. Por séculos e séculos pensamos e dissemos a nós mesmos: "O pensamento pode alterar tudo." O pensamento baseia-se no prazer, e a vontade é o resultado do prazer, e dizemos: "A partir daí alteraremos tudo." Mas, se examinarmos bem, descobriremos que não podemos alterar nada, a menos que possamos compreender esse princípio do prazer.

Quando se compreende tudo isso, cessa o conflito. Você não põe fim ao conflito deliberadamente; o conflito cessa, o que não significa que você se torna um vegetal. É preciso compreender o desejo, observá-lo a funcionar diariamente e observar a interferência do pensamento, o que dá ao desejo um elemento de tempo. No exame e na compreensão disso há uma disciplina inerente. Olhe! Para ouvir o que está sendo dito é preciso disciplina; para ouvir não apenas verbal

mas interiormente, profundamente, não segundo determinado modelo. Seguramente, o simples ato de ouvir é disciplina — não é?

Quando a mente compreende a natureza do prazer, do pensamento, do desejo, esse simples exame traz consigo a disciplina. Não há, portanto, a questão de se entregar, de não se entregar, do devia ou não devia; tudo isso desaparece. É como um alimento que você comeu e lhe causou uma dor de barriga. Se o prazer de comer é maior do que a dor, você continua a comer embora dizendo constantemente: "Não devo comer." Você prega uma peça em você mesmo, mas continua a comer. Mas quando a dor torna-se maior, então você presta atenção ao que come. Mas se estivesse atento desde o primeiro momento em que teve a dor, então não haveria necessidade de haver o conflito entre o prazer e a dor. Estão acompanhando?

Assim, tudo isto nos leva ao seguinte princípio: é preciso que cada um seja uma luz para si mesmo. E não somos, pois dependemos de outros. Enquanto vocês ouvem, estão dependendo do que o orador lhes diz para fazer. Mas se ouvirem atentamente, o orador não lhes está dizendo o que fazer. Ele está pedindo que examinem; ele está lhes dizendo como examinar e o que está envolvido nesse exame. Através do exame cuidadoso você pode se liberar de toda dependência e tornar-se uma luz para você mesmo. Isso significa que você está completamente só.

Não estamos sozinhos; nós somos solitários. Você é o resultado de tantos e tantos séculos de cultura, de propaganda, de influência, de clima, de alimentos, de vestuários, do que as pessoas disseram e do que não disseram; portanto, você não está só. Você é um produto. E para ser uma luz para você mesmo é preciso estar só. Quando você tiver se despojado de toda a estrutura psicológica da sociedade, do prazer, do conflito, você estará só.

E esta solitude não é algo a ser temido, algo doloroso. Apenas quando há isolamento, quando há solidão, existe dor; então há ansiedade, então há medo. A solitude é algo totalmente diferente, pois apenas a mente está só, ou seja, não é influenciável. Isso significa que a mente compreendeu o princípio do prazer e, portanto, nada pode tocá-la; nada, nenhuma lisonja, fama, nenhuma capacidade, nenhum dom pode tocá-la. E essa solitude é fundamental.

Quando você observa o pôr-do-sol com atenção, você está só — não está? A beleza é sempre solitária — não no sentido estúpido e isolador. É a qualidade da mente que superou a propaganda, que ultrapassou os gostos e aversões pessoais, que não está funcionando pelo prazer. A mente só pode perceber a beleza quando em solitude. A mente precisa atingir esse estado extraordinário em que não é mais influenciável e, portanto, no qual se libertou do condicionamento do ambiente e do condicionamento da tradição, e assim por diante. Apenas uma mente assim pode proceder na sua solitude ao exame e à observação do que seja o silêncio. Pois só no silêncio você pode ouvir aquelas corujas estridentes. Se estiver matraqueando com seus problemas ou algo assim, você não poderá ouvir as corujas. Em função do silêncio você as ouve. Em função do silêncio você age. E a ação é vida.

Quando você compreende o desejo, o prazer, o pensamento, você descartou toda autoridade, pois a autoridade de qualquer natureza, interior, exterior, não o levou a nada. Você perdeu toda fé em qualquer autoridade, interiormente; por isso, você não confia em ninguém. Portanto, através do exame que você faz do pensamento e do prazer, você está só. E estar só supõe o silêncio; você não pode estar só se não está em silêncio. E desse silêncio advém a ação. Isso requer mais exame.

Para nós, a ação baseia-se em idéias, tal como um princípio, uma crença, um dogma, e eu ajo de acordo com essa idéia. Se posso me aproximar dessa ação segundo a minha idéia, acredito que sou um homem muito sincero, muito nobre. Mas há sempre muita diferença entre idéia e ação, e daí resulta o conflito. Quando há conflito de qualquer natureza, não há clareza. Você pode ser externamente muito santo, levar uma vida tida como muito simples, o que significa uma túnica grosseira e apenas uma refeição por dia. Mas isso não é uma vida simples. Uma vida simples exige muito mais e é muito mais profunda do que apenas isso. Vida simples é aquela em que não há conflito.

De forma que o silêncio aparece quando há a solitude, e esse silêncio está além da consciência. Consciência é prazer, pensamento, e o mecanismo de tudo isso, consciente ou inconsciente. Nesse campo não pode haver silêncio, jamais; e, portanto, nesse campo qualquer ação sempre produzirá confusão, sempre produzirá sofrimento, sempre produzirá desgraça.

Apenas quando ocorre a ação nascida do silêncio é que o sofrimento pode terminar. A menos que a mente esteja totalmente livre do sofrimento, pessoal ou de outra natureza, ela vive na sombra, em medo e ansiedade. Portanto, qualquer que seja a ação, haverá sempre confusão, e qualquer que seja a escolha, ela sempre produzirá conflito. Assim, quanto se compreende tudo isso, há silêncio, e onde há silêncio há ação. O silêncio por si próprio é ação; não o silêncio e a seguir a ação. Isso provavelmente nunca ocorreu a você: estar completamente em silêncio. Se você está em silêncio, você pode falar em função desse silêncio, embora você tenha suas recordações, suas experiências, seu conhecimento. Se você não tivesse conhecimento, não seria capaz, absolutamente, de falar. Mas quando há silêncio, desse silêncio advém a ação, e essa ação é complicada, ou confusa, ou contraditória.

Quando você tiver compreendido esse princípio do prazer, o pensamento, a solitude, e esse vazio do silêncio, quando tiver ido assim tão longe — não em termos de tempo, mas de realidade — então porque há atenção total, há um ato de silêncio no qual há total inação, e essa inação é ação. Por ser totalmente inativa, há uma explosão. Apenas quando ocorre uma explosão total algo totalmente novo está ocorrendo — algo novo, e que não tem como base o reconhecimento e, por conseguinte, não é vivenciável. Portanto, não se trata de "Eu tenho tal experiência, e você vem e aprende comigo a ter a mesma experiência".

Assim, todas essas coisas surgem naturalmente, facilmente, quando compreendemos esse fenômeno da existência, que é o relacionamento. Para a maioria de nós, o relacionamento é confusão, desgraça; e para poder produzir nela uma tremenda e profunda mudança, uma mudança radical, é preciso compreender o desejo, o prazer, o pensamento, e também a natureza da solitude. Então, a partir disso tudo vem o silêncio. E esse silêncio, por ser totalmente inativo, age quando solicitado a agir; mas como é completamente inativo e, portanto, não tem nenhum movimento, há uma explosão. Vocês sabem, os cientistas dizem que as galáxias se formam quando a matéria deixa de se mover e dá-se uma explosão. Só quando ocorre uma explosão é que se forma uma mente nova, verdadeiramente religiosa. E só a mente religiosa pode resolver os problemas humanos.

Rishi Valley, 8 de Novembro de 1967

O que é o amor? Podemos compreendê-lo verbal e intelectualmente, ou trata-se de algo que não pode ser expresso em palavras? O que é o amor para cada um de nós? Amor será sentimento? Será emoção? Pode o amor ser classificado em divino e humano? Existirá amor quando há ciúme ou ódio, ou impulso competitivo? Haverá amor quando cada um de nós está à procura de sua própria segurança, tanto psicológica quanto dentro do mundo em que vive, de forma exterior? Não basta que vocês concordem ou discordem, pois vocês estão enredados nisso. Não estamos falando de um valor abstrato; uma idéia abstrata de amor não tem valor algum. Você e eu poderemos ter uma infinidade de teorias sobre o assunto mas, na realidade, a que, exatamente, chamamos de amor?

Existe o prazer, o prazer sexual, no qual há o ciúme, o fator possessivo, o fator dominante, o desejo de possuir, de segurar, de controlar, de interferir com o que o outro pensa. Sabedores de toda essa complexidade, dizemos que deve existir um amor que é divino, belo, intocável, incorruptível; meditamos sobre isso e mergulhamos numa atitude sentimental, emocional, cheia de devoção, e estamos perdidos. Pelo fato de não podermos alcançar essa coisa humana chamada amor, fugimos para as abstrações que não têm absolutamente nenhuma validade. Certo? Então o que é o amor? Trata-se de prazer, de desejo? Será o amor por uma pessoa ou o amor de muitos?

Para compreender a questão — o que é o amor? — é preciso examinar o problema do prazer, do prazer sexual, do prazer de dominar o outro, de controlar ou de suprimir o outro; e, se o amor for possível em relação a apenas um, negar o amor aos outros. Se alguém

diz; "Eu te amo", isso exclui os outros? O amor é pessoal ou impessoal? Acreditamos que se alguém ama uma pessoa, não pode amar o todo, e se a pessoa ama a humanidade não pode, em hipótese alguma, amar o particular. Tudo isso parece indicar — não é verdade? — que temos nossas idéias de como deveria ser o amor. Este, novamente, é o modelo, o código desenvolvido pela cultura na qual vivemos, ou o padrão que a pessoa criou para si mesma. Sendo assim, para nós, as idéias sobre o assunto importam mais do que os fatos; temos idéias sobre como deveria ser o amor, sobre o que é, sobre o que não é. Os santos religiosos, infelizmente para a humanidade, estabeleceram que amar uma mulher é algo totalmente errado; você não poderá jamais se aproximar da idéia de Deus se amar alguém. Ou seja, o sexo é tabu; é colocado de lado pelos santos, mas eles mesmos são, em geral, devorados por ele. Portanto, para abordar a questão do que vem a ser o amor, é preciso inicialmente deixar de lado todas as idéias, todas as ideologias sobre o que é ou deveria ser, ou não deveria ser o amor, e a divisão entre o amor divino e o não divino. Podemos fazer isso?

♦

E agora pergunto: será que poderemos, não como reação mas por compreendermos a totalidade desse processo de divisão entre idéia e fato, deixar de lado a idéia e enfrentar verdadeiramente o fato, a realidade? Além disso, essa divisão entre o que deveria ser e o que é constitui uma das formas mais enganadoras de lidar com a vida. O Gita, a Bíblia, Jesus, Krishna, todas essas pessoas, todos esses livros, dizem: "Você deve, você deve, você deve." Deixem completamente de lado tudo isso; tudo isso são idéias, são ideologias; a partir daí, poderemos encarar a realidade. Pode-se ver então que nem a emoção nem o sentimento têm lugar onde o amor está envolvido. O sentimentalismo e a emoção são meras reações do gostar e do desgostar. Eu gosto de você e sinto-me terrivelmente entusiasmado por você. Eu gosto deste lugar, o que implica que não gosto de outro, e assim por diante. Esse sentimento, essa emoção produzem crueldade. Já repararam nisso? A identificação com o pedaço de pano

conhecido como bandeira nacional é um fator emocional e sentimental, e em nome desse fator vocês estão dispostos a matar. E isso é chamado de amor à pátria, amor ao vizinho. Pode-se ver que onde o sentimento e a emoção aparecem, não há amor. A emoção e o sentimento produzem a crueldade do gostar e do desgostar. E pode-se ver também que onde há ciúme não existe amor. É óbvio! Tenho inveja de você, pois você tem uma posição melhor, um emprego melhor, uma casa melhor; você tem melhor aparência, é mais inteligente, mais esperto, e eu tenho inveja de você. Eu não digo claramente que tenho inveja de você, mas vivo competindo com você, o que é uma forma de inveja, de ciúme. Portanto, inveja e ciúme não são amor e eu os elimino. Mas não vivo a falar de como eliminá-los e, nesse meio tempo, continuo a ter inveja. Eu os elimino da mesma maneira como a água da chuva limpa o pó acumulado depois de vários dias sobre a folha. Eu simplesmente os ponho para fora.

Será o amor prazer e desejo, sexo? Olhem para o que está envolvido nisso. O amor é prazer? Vocês sabem que a palavra *amor* é muito carregada: "Eu amo o meu país, eu amo este livro, eu amo este vale, eu amo o meu rei, eu amo a minha esposa, eu amo a Deus." Ela carrega um peso enorme. Seremos capazes de aliviar essa palavra de todas essas incrustações de séculos? Sim, pois precisamos usá-la. Mas só poderemos fazê-lo depois de ter examinado a seguinte questão: O amor é prazer e desejo? A conduta, nós já dissemos, é baseada no princípio do prazer; até mesmo quando fazemos um sacrifício ele é baseado no prazer. Você observa isso ao longo da vida. Nós nos comportamos de certa maneira porque isso nos agrada, essencialmente. E dizemos, se não pensamos bastante sobre isso, que o amor é prazer. Estaremos então tentando descobrir se o amor é algo mais do que prazer e se, portanto, ele inclui o prazer.

O que é o prazer? Daqui de onde estou sentado, por entre uma abertura entre as árvores, posso distinguir uma colina com um rochedo em seu topo. Trata-se de algo como se vê no interior da Itália com um castelo e um vilarejo na montanha. Posso ver as flores com as folhas cintilando sob o sol brilhante. É um grande encantamento, um grande prazer, não é mesmo? Este cenário é realmente muito bonito. Há a percepção e o tremendo encanto que ela produz. Isto é

prazer, não é verdade? E o que há de errado nisso? Olho para a cena, e a mente diz: "Que lindo! Eu gostaria de poder olhar sempre para isso, e não viver em cidades feias, mas poder viver aqui calmamente e estagnar." Eu gostaria que isso se repetisse e amanhã voltarei e sentar-me-ei aqui — estejam vocês aqui ou não — e olharei para a paisagem, porque a apreciei muito ontem e quero apreciá-la de novo hoje. Portanto, existe prazer na repetição. Certo? Houve o prazer sexual de ontem; quero que ele se repita hoje e amanhã. Certo? Vejo a paisagem da montanha, as árvores, as flores, e há nesse momento um total contentamento, um contentamento de grande beleza. O que há de errado nisso? Não há nada de errado nisso, mas quando o pensamento aparece e diz: "Por Deus, como isso foi maravilhoso, quero que se repita", esse repetir é o começo do desejo, a busca do prazer, do amanhã. A partir daí, o prazer de amanhã torna-se mecânico. O pensamento é sempre mecânico, e ele constrói uma imagem da montanha, das árvores; trata-se da lembrança daquilo tudo, e o prazer que tive deve se repetir. Essa repetição é a continuidade do desejo reforçada pelo pensamento. Dizemos: "O amor é prazer, amor é desejo." Mas será mesmo? Será o amor um produto do pensamento? O produto do pensamento é a continuidade do desejo na forma de prazer. O pensamento produziu esse prazer ao pensar sobre o que foi prazeroso ontem, e que quero que se repita hoje.

Será o amor, portanto, uma continuidade do pensamento, ou será que o pensamento não tem absolutamente nada a ver com o amor? Alguém poderá dizer que o pensamento não tem absolutamente nada a ver com o amor, mas só se pode dizer isso com autenticidade quando realmente se compreendeu toda essa questão do prazer, do desejo, do tempo, do pensamento — o que significa que há liberdade. A conduta só pode ser instantânea quando em liberdade. Vejam, uma conduta repetitiva, um comportamento segundo determinado modelo, produzem não apenas um relacionamento mecânico e repetitivo, mas também a desordem. E nisso há o elemento tempo. Estamos perguntando se há um comportamento, uma conduta que seja completamente livre, a cada minuto, a cada segundo; existe virtude apenas nesse comportamento completo, em cada momento, sem que haja uma continuidade como ontem e amanhã.

Assim, a liberdade ocorre no momento da ação, que é comportamento. Não está relacionada com ontem ou com amanhã. Por favor, encarem isso de outra forma. O amor tem raízes no ontem e no amanhã? O que tem raízes no ontem é o pensamento. O pensamento é a resposta da memória, e se o amor for somente memória, obviamente não é a coisa real. Se eu amo você porque você foi bom para mim ontem, ou se não gosto de você porque você não me deu oportunidade para isto ou para aquilo, então essa é uma forma de pensamento, que aceita e nega.

Pode existir um amor que não tenha emoção e sentimento, que não seja feito de tempo? Isso não é teórico mas real, se você examiná-lo a fundo. Então, você descobrirá que esse amor é tanto pessoal quanto impessoal, é tanto o um quanto o muitos. É como a flor que tem perfume; você pode cheirá-la ou pode apenas passar por ela. Essa flor existe para todos e é, para aquele que se dá ao trabalho de aspirar seu perfume e olhar para ela, um grande encantamento.

Que tal conversarmos sobre isso, fazer perguntas e examinar mais a fundo, mais detalhadamente, se quiserem?

Questionador: Quando há conflito, fruto de pressões, é impossível atingir o estado no qual o amor não é pessoal. Se posso me expressar assim, nesse estado a palavra *amor* desaparece e usamos diversas outras em seu lugar. Podemos falar sobre isso?

Krishnamurti: Quando não há conflito no amor, sendo ele impessoal, você o chamaria por outro nome? Senhor, perceba, estamos novamente usando a palavra *conflito*. E quando surge o conflito no amor? Esta é uma questão terrível, não é? Percebe? É uma afirmação terrível esta de que há conflito no amor. Todos os nossos relacionamentos humanos são um conflito, com a mulher, com o marido, com o vizinho, e assim por diante. E por que, afinal, existe conflito entre dois seres humanos, entre marido e mulher, por exemplo, no relacionamento que chamamos de amor? Por quê? O que significa esse termo *relacionamento*, "estar relacionado com", o que significa isso? Eu me relaciono com você; isso significa que eu posso tocá-lo, seja física ou mentalmente. Nós nos encontramos, não existe barreira entre nós,

existe um contato instantâneo tal como posso tocar agora este microfone. Mas num relacionamento humano não existe esse contato instantâneo, pois você, o marido ou a mulher, tem uma imagem sobre a mulher ou o marido. Você não tem uma imagem sobre este orador? É óbvio. Caso contrário, muitos de vocês não viriam ouvi-lo. Assim, você tem um relacionamento com a imagem e, se essa imagem não estiver de acordo com o seu padrão, você diz: "Ele não é o homem certo." Na verdade, você não tem nenhum contato com este orador. O que você tem é um contato com a imagem que você criou sobre ele, assim como você tem uma imagem sobre a sua mulher, sobre o seu marido, e o contato, o relacionamento entre essas duas imagens é o que você chama de relacionamento. O conflito existe entre essas duas imagens, e enquanto essas imagens existirem deve haver conflito. Mas se não houver imagem, o que seria algo extraordinário — e nessa direção se deve mergulhar fundo, muito fundo — se não houver absolutamente imagem, não há conflito. Se você não tiver nenhuma imagem a meu respeito e eu não tiver nenhuma imagem a respeito de você — então nós nos encontramos. Mas se você insistir que eu sou um estrangeiro e você é um hindu dogmático impregnado de tradição, bem, isso torna-se impossível. Portanto, onde há amor não existe conflito, pois o amor não tem imagem. O amor não constrói imagens, pois o amor não é tocado pelo pensamento. O amor não é feito de tempo.

Como você apontou, somos escravos das palavras, assim como somos escravos dos símbolos e das imagens. A palavra, o símbolo, não é a realidade e, para encontrar a realidade, para ver a realidade, é preciso libertar-se da palavra e do símbolo.

Q: Pode existir espontaneidade no amor?

K: Não sei o que você entende por essas palavras *amor* e *espontaneidade*. Somos em algum momento espontâneos? Existe algo como ser espontâneo? Você alguma vez foi espontâneo? Foi? Ah, espere, não concorde nem discorde. Veja o que está implícito nessa palavra. Ser espontâneo significa que você jamais foi condicionado, que você não está reagindo, que você não está sendo influenciado; isso significa

que você realmente é um ser humano livre, sem raiva, sem ira, sem ter um objetivo em vista. Você consegue ser assim tão livre? Pois só assim você poderia dizer: "Sou espontâneo." Ser realmente espontâneo implica não apenas a compreensão da consciência superficial, mas também a das camadas mais interiores da consciência, pois toda consciência é um comportamento segundo um padrão determinado. Qualquer ação dentro do campo da consciência é limitada e, portanto, não é ação livre, espontânea.

Claremont College, Califórnia, 17 de Novembro de 1968

Não estamos lidando com abstrações, nem com ideais, que de qualquer maneira são idiotas, mas com "aquilo que existe" na realidade, com o que é a nossa vida. O que é a nossa vida? Se observarem, desde o momento em que nascemos até a nossa morte, trata-se de uma batalha constante, de uma luta constante, com grandes prazeres, grandes medos, desespero, solidão, a total falta de amor, a monotonia, a repetição, a rotina. Esta é a nossa vida; passar quarenta anos num escritório, ou numa fábrica, no papel de dona de casa, a labuta, a monotonia de tudo isso, o prazer sexual, a inveja, o ciúme, o fracasso na busca do sucesso e a adoração do sucesso. Esta é a nossa torturada vida diária se você realmente é sério e observa o que ela realmente é; mas se você busca o mero entretenimento sob diversas formas, seja na igreja ou num campo de futebol, então esse entretenimento tem suas próprias dores, seus próprios problemas. E a mente superficial escapa através da igreja e do campo de futebol. Não estamos lidando com essas mentes superficiais pois elas na verdade não estão interessadas. A vida é algo sério, e nessa seriedade há uma grande gargalhada. E apenas a mente séria que está vivendo pode solucionar o imenso problema da existência.

◆

Vou explicar isso sucintamente e espero ser claro. A pessoa está condicionada a aceitar a inveja, a inveja que consiste em medida,

em comparação. Alguém é brilhante, inteligente, bem-sucedido, é aplaudido; e o outro, eu, não sou. Através da comparação, através da medida, a inveja é cultivada desde a infância. Assim, a inveja é um objeto, como algo fora da pessoa. Sendo invejoso, pode-se observá-la, e a inveja é o observador; não há divisão entre o observador e o observado. O observador é a inveja. Peço que acompanhem um pouco isto. E ele percebe que o observador não pode fazer absolutamente nada a respeito da inveja, pois ele é a causa *e* o efeito, o que é inveja. Assim o "aquilo que existe", que é a nossa vida diária, com todos os seus problemas — o medo, a inveja, o ciúme, o desespero total, a solidão —, não é diferente do observador que diz: "Estou sozinho." O observador se sente só; o observador é a inveja, é o medo. Certo? Portanto, o observador talvez não possa fazer nada acerca "daquilo que existe", o que não significa que ele aceita "aquilo que existe", o que não significa que ele se satisfaça com "aquilo que existe". Mas quando não há conflito com "aquilo que existe", não há conflito algum produzido pela divisão entre observador e observado quando não há resistência contra "aquilo que existe"; então você descobrirá a existência de uma completa transformação. E isso é meditação — descobrir por si próprio toda a questão do observador, a estrutura e a natureza do observador, que é você mesmo. E o observador é o observado, que é parte de você. Para verificar a totalidade disso, a unidade disso, existe a meditação na qual não existe conflito de qualquer natureza. E portanto ocorre a dissolução, indo além "daquilo que existe".

De: Tradição e Revolução, Diálogo 23: *Rishi Valley, 28 de Janeiro de 1971*

Krishnamurti: Para você, o que significa relacionamento?

Questionador: Estar em comunicação.

K: O que significa relacionamento para você? Quando você olha para mim ou para ela, de que forma você está relacionado comigo ou com ela? Você está relacionado?

Q: Acho que sim.

K: Vamos examinar isso. Eu olho para você, você olha para mim. Qual é o nosso relacionamento? Existe mesmo algum tipo de relacionamento além de um relacionamento verbal?

Q: Existe um sentimento de relacionamento sempre que ocorre um movimento em direção a alguma coisa.

K: Se nós dois estivermos nos movendo em direção a um ideal, indo juntos para um ponto determinado, isso é relacionamento? Pode haver relacionamento quando cada um de nós está isolado?

Q: Sua primeira pergunta foi: pode haver relacionamento se há um centro?

K: Se eu ergui um muro em torno de mim mesmo, consciente ou inconscientemente, um muro de resistência, de autoproteção, de forma

a estar seguro, de forma a não me ferir, de estar a salvo, existe algum tipo de relacionamento nisso? Olhe para isso. Estou com medo, pois fui ferido, não só física mas psicologicamente também, e todo o meu ser está ferido e não quero me machucar mais. Construo um muro em volta de mim, de resistência, de defesa, de "Eu sei, você não sabe", para me sentir completamente a salvo da possibilidade de me ferir ainda mais. Nesse caso, onde está o meu relacionamento com você? Existe algum tipo de relacionamento?

Q: O que o senhor quer dizer com relacionamento na nossa vida diária?

K: Por que você me faz esta pergunta? Olhe para você mesmo. Na sua vida diária, normal, o que acontece? Você vai para o escritório, é aborrecido, insultado por alguém mais graduado. Isso é o seu relacionamento. Com o orgulho ferido, você volta para casa e sua mulher diz que você é isto, é aquilo, e você se retrai ainda mais e dorme com ela — vocês têm algum relacionamento?

Q: Isso significa que quando o centro está presente não há nenhum tipo de relacionamento.

Q: Mas existe a boa vontade comum.

K: Mas existe boa vontade se tenho esse muro de resistência, essa clausura dentro da qual eu vivo? Qual é a minha boa vontade em relação a vocês? Eu sou educado. Mantenho certa distância. Estou sempre protegido pelo muro.

Q: Mesmo na vida de um homem comum há alguns relacionamentos que não são necessariamente cercados de muros.

Q: O senhor diz que não há relacionamento. O fato é que me relaciono dessa forma devido a um senso de responsabilidade. Existe a responsabilidade de um em relação ao outro. Não estou agindo em interesse próprio, mas apenas no interesse do outro.

K: Você diz que está agindo no interesse do outro. Certo? Eu sigo o líder que pretende revolucionar a sociedade, interna e externamente, e eu o sigo e obedeço. Submeto-me a um modo de agir que tanto o líder como eu concordamos que é necessário. Existe algum tipo de relacionamento entre o líder e eu por estarmos agindo com o mesmo fim? O que significa relacionamento? Estar em contato, estar bem próximo a alguém?

Q: O cerne desse relacionamento é a utilidade.

K: Nosso relacionamento é baseado num relacionamento utilitário.

Q: Vejo que, se aplicarmos esse teste, não existe relacionamento.

K: Você não está respondendo à questão mais profunda, ou seja, a de que enquanto existir o observador que está se submetendo a um curso de ação pode haver relacionamento entre você e eu?

Q: O relacionamento então é apenas uma idéia?

K: Um idéia, uma fórmula, um padrão, uma meta, um princípio, uma utopia com a qual ambos concordamos, mas será relacionamento?

Q: Não há relacionamento entre duas pessoas?

K: Trata-se realmente de um problema enorme. Como eu disse, o que é o relacionamento entre uma idéia e outra, entre uma ação e outra? Ou será a ação um movimento contínuo, e portanto na ação não há ligação e, portanto, uma ação não está relacionada com outra? Veja, tenho um relacionamento quando olho para aquela árvore? O relacionamento é uma distância entre eu, como observador, e a árvore. A distância pode ser de trinta centímetros ou de cem metros, mas onde existe a distância entre o observador e o observado há possibilidade de relacionamento? Se estou casado e construí uma imagem da minha mulher e ela construiu uma imagem de mim, a imagem é o fator de distância. Pode haver algum relacionamento com minha

mulher que não seja o físico? Podemos cooperar um com o outro de forma a realizar alguma coisa. Fazer alguma coisa nos faz ficar juntos, mas eu tenho as minhas preocupações, ela tem as suas agonias. Estamos trabalhando juntos, mas estamos relacionados, mesmo considerando que estamos trabalhando juntos por uma idéia?

Q: Senhor, entendi essa questão do trabalhar juntos, mas não o outro ponto.

K: Aguarde um momento. Para construir o foguete, acredito, foram necessários trezentos mil homens, cada qual trabalhando tecnologicamente para criar o mecanismo perfeito. Eles construíram um foguete perfeito e cada homem deixou de lado suas idiossincrasias e houve então o que se chama de cooperação. Mas isso é cooperação? Eu e você trabalhamos para construir uma casa. Ambos temos um objetivo comum, mas você e eu somos seres humanos distintos. Isso é cooperação? Quando olho para uma árvore, há uma distância entre eu e a árvore e não tenho nenhum relacionamento com a árvore. A distância foi criada, não pelo espaço físico, mas a distância é criada pelo conhecimento. Sendo assim, o que é relacionamento, o que é cooperação, qual é o fator de separação?

Q: As imagens de uma ou de outra forma separam.

K: Vá devagar. Existe a árvore. Eu olho para ela. A distância física entre eu e a árvore pode ser de alguns poucos metros; a verdadeira distância entre eu e a árvore é enorme. Embora eu olhe para ela, meus olhos, minha mente, meu coração, tudo está muito, muito longe. Essa distância é incalculável.

Da mesma forma, olho para a minha mulher mas estou muito distante dela. Da mesma forma estou muito distante numa ação cooperativa.

Q: Estaria a palavra, a imagem, interferindo em tudo isso?

K: Iremos descobrir. Existe a palavra, a imagem, e o objetivo em direção ao qual estamos ambos cooperando. O que separa é o objetivo. O que está nos separando é o objetivo.

Q: Mas não há objetivo quando se trata da árvore.

K: Espere. Calma. Não corra. Acreditamos que trabalhar juntos por um objetivo nos pôs em contato. Na verdade, o objetivo está nos separando.

Q: Não. Como pode dizer que o objetivo está nos separando?

K: Não sei. Posso estar enganado. Estamos investigando. Você e eu temos um objetivo; trabalhamos juntos.

Q: Trata-se de uma questão de vir a ser?

K: Analise a questão. Eu afirmo que os objetivos afastam as pessoas. Um objetivo não aproxima as pessoas. O seu objetivo e o meu são diferentes; eles nos separaram. O objetivo em si nos separou, não a cooperação, que é irrelevante para o objetivo.

Q: Percebo uma coisa: sempre que duas pessoas se juntarem pela alegria de alguma coisa, aí é diferente.

K: Não. Quando duas pessoas se aproximam por conta de uma afeição, ou do amor, da alegria, então o que vem a ser a ação que não divide, que não separa? Eu o amo, você me ama, e qual é a ação que resulta desse amor? Não um objetivo? Qual é a ação entre duas pessoas que se amam?

Q: Quando duas pessoas se aproximam por afeição isso pode produzir um resultado, mas eles não estão se aproximando pelo resultado. Portanto, em cada uma dessas aproximações não há separação. Ao passo que, se duas pessoas se aproximarem com um objetivo, este é um fator de separação.

K: Descobrimos algo. Vamos examinar melhor. Vejo que quando duas pessoas se aproximam com afeto, quando não existe um objetivo, quando não existe uma meta, utopia, então não há separação. Então desaparece todo o *status* e há apenas a função. A seguir vou varrer o jardim pois é parte das necessidades do local.

Q: Amor pelo lugar.

K: Não, *amor*. Não amor pelo lugar. Você percebe o que estamos deixando de considerar. Os objetivos separam as pessoas — pois o objetivo é uma fórmula, um ideal. Quero descobrir o que está envolvido nisso. Eu vejo o que está envolvido. Vejo que, enquanto eu tiver uma meta, um objetivo, um princípio, uma utopia, vejo que o próprio objetivo, o próprio princípio separa as pessoas. Portanto, está acabado. Então pergunto a mim mesmo como devo viver, como devo trabalhar com você sem um objetivo?

Vejo que relacionamento significa estar em contato íntimo de forma a não haver distância entre os dois. Certo? Vejo que no relacionamento entre eu e a árvore, entre eu e as flores, entre eu e a minha mulher, há uma distância física e há uma enorme distância psicológica. Portanto, vejo que não tenho absolutamente um relacionamento.

Então o que devo fazer? Assim eu digo: "Desista, desligue-se do objetivo e trabalhem juntos." Todos os intelectuais dizem: "A meta é mais importante do que você, o todo é maior do que você; portanto desista, envolva-se completamente com sua mulher, com a árvore, com o mundo."

O que estou fazendo? Eu amo a natureza. Eu me dedico ao mundo da natureza, à família e à idéia de que devemos todos trabalhar juntos para um determinado fim. O que está acontecendo, o que estou fazendo nisso tudo?

Q: Isolando-me.

K: Não, senhor. Olhe o que está acontecendo.

Q: O fato é que não tenho um relacionamento. Eu luto para construir esse relacionamento, para estabelecer uma ponte entre pensamento e pensamento. Preciso construir essa ponte entre pensamento e pensamento pois, a menos que faça isso, sinto-me absolutamente isolado. Sinto-me perdido.

K: Isso é apenas parte do problema. Analise um pouco mais. O que está acontecendo na minha mente, quando ela está lutando para se vincular a tudo, à família, à natureza, à beleza, a trabalhar juntos?

Q: Há muito de conflito nisso, senhor.

K: Verifico que, como apontou A, não estou relacionado com nada. Cheguei a este ponto. Então, não estando relacionado com nada, eu quero me relacionar; portanto submeto-me, portanto envolvo-me em certas ações e, ainda assim, o isolamento prossegue. Portanto, o que se passa na minha mente?

Q: A morte.

Q: Há uma luta constante.

K: Vejam que vocês não se afastaram deste ponto. Não estou tendo um relacionamento e então procuro me relacionar. Tento me identificar através da ação. E o que está ocorrendo na minha mente? Estou me dirigindo a um vínculo periférico. O que sucede à minha mente quando ela se move no exterior durante todo o tempo?

Q: A mente se fortalece.

Q: Estou fugindo de mim mesmo.

K: O que significa isso? Examinem bem. A natureza se torna muito importante, a família se torna muito importante, a ação à qual me dediquei inteiramente se torna extremamente importante. E o que aconteceu comigo? Eu exteriorizei tudo completamente. E o que acon-

teceu com a mente que exteriorizou todo o movimento de relacionamento? O que acontece à sua mente quando ela está ocupada pelo exterior, pelo periférico?

Q: Perde toda a sensibilidade.

K: Olhe para o que ocorre dentro de você. Em reação à exteriorização, você se retrai, torna-se um monge. O que acontece à mente quando ela se retrai?

Q: Sinto-me incapaz de ser espontâneo.

K: Você descobrirá a resposta. Observe. O que ocorre à sua mente quando você se retira ou quando você se submete? O que sucede quando você se refugia em suas próprias conclusões? Trata-se de um outro mundo. Em vez de um mundo, você criou outro mundo, que você chama de mundo interior.

Q: A mente não está livre.

K: É isso o que está acontecendo com sua mente?

Q: Ela está sempre ligada a algo.

K: A mente está vinculada aos fenômenos externos e a reação a isso é a submissão interior, o retraimento. A submissão interior é a reação do mundo da sua imaginação, de experiência mística. O que ocorre à mente que está fazendo isso?

Q: Está ocupada.

K: É isso o que está acontecendo? Ela diz que está ocupada. Isso é tudo? Concentrem-se nisso. A mente exterioriza sua atividade e a seguir se retrai e age. O que acontece com a qualidade da mente, com o cérebro que está se retraindo e exteriorizando?

Q: Ele não encara os fatos.

Q: Há um grande medo. Ela se torna estúpida.

Q: Não está livre para olhar.

K: Você já observou a sua mente quando ela está exteriorizando toda a ação para fora e toda a ação para dentro? Trata-se do mesmo movimento — o externo e o interno. É como uma maré subindo e descendo. É bastante simples, não é? O que ocorre com a mente que vai para fora e volta para dentro?

Q: Ela torna-se mecânica.

K: Passa a ser uma mente completamente sem apoios, completamente instável, uma mente que não tem ordem. Torna-se neurótica, desequilibrada, desproporcionada, não harmoniosa, destrutiva, pois não há estabilidade em todo o movimento.

Q: Não tem descanso.

K: Portanto, não há estabilidade. Portanto, o que acontece? Ela inventa outra ação exterior ou se retrai. E o cérebro precisa de ordem e ordem significa estabilidade. Ele tenta encontrar ordem ali fora no relacionamento e não encontra; então se retrai e procura encontrar ordem no interior e é novamente apanhado no mesmo processo. Isso é um fato?

A mente tenta encontrar estabilidade numa ação cooperativa sobre qualquer coisa. A mente tenta encontrar estabilidade na família, nos vínculos, e não encontra, e por isso se desloca, procura o relacionamento com a natureza, torna-se imaginativa, romântica, o que novamente produz instabilidade. Ela se retira para um mundo de infinitas conclusões, utopias, esperanças, e novamente não há estabilidade; portanto, ela inventa uma ordem nisso. Sendo instável, estreita, não enraizada em nada, a mente se sente perdida. É isso o que está acontecendo com vocês?

Q: Isso explica o culto do belo.

K: O culto do belo, o culto do feio, o culto dos *hippies*. É isso o que está acontecendo com a mente de vocês? Atenção. Não aceitem o que estou dizendo.

Uma mente que não é estável, no sentido de firme, profundamente enraizada na ordem — não uma ordem inventada, pois uma ordem inventada deve ser morte —, essa mente é a mais destruidora das mentes. Ela vai do comunismo ao guru, ao Yoga Vashista, ao Ramana Maharshi e de volta novamente. É tomada pelo culto do belo, pelo culto do feio, pelo culto da devoção, da meditação, e assim por diante.

Como deve a mente fazer para estar completamente serena? A partir dessa serenidade, a ação é completamente diferente. Vejam a beleza disso.

Q: Este é o beco sem saída da mente.

K: Não senhor. Estou perguntando a mim mesmo como deve fazer essa mente para atingir a serenidade total? Não a estabilidade no sentido de dureza, mas uma estabilidade flexível. A mente que é completamente estável, firme, profunda, tem suas raízes no infinito. Como isso é possível? Então o que é o relacionamento com a árvore, com a família, com o comitê?

Verifico que a minha mente é instável e compreendo o que isso significa. Agora eu sei por mim mesmo, agora eu compreendo por mim mesmo que esse movimento é fruto da instabilidade. Eu sei disso e, por isso, eu o nego. E pergunto, o que é instabilidade? Conheço a instabilidade com toda a sua atividade, com toda a sua destruição e, quando deixo isso completamente de lado, o que é estabilidade? Procurei a estabilidade na família, no trabalho, na experiência, no conhecimento, na minha capacidade, em Deus. Percebo que não sei o que seja estabilidade. O não saber é estável.

O homem que diz: "Eu sei" e, portanto, diz "Eu sou estável" nos levou a esse caos — pessoas que dizem: "Nós somos os únicos escolhidos." O imenso número de mestres e gurus diz: "Eu sei."

Rejeitando tudo isso, apóie-se em si mesmo. Tenha confiança em si mesmo. E quando a mente tiver posto de lado tudo isso, quando tiver compreendido o que é não-estável e que ela não pode saber o

que vem a ser a verdadeira estabilidade, então ocorre um movimento de flexibilidade, de harmonia, pois a mente não sabe. A verdade do não conhecer é o único fator a partir do qual podemos começar. A verdade disso é o estável. A mente que não sabe está em fase de aprendizado. No momento em que digo: "*eu aprendi*", parei de aprender, e esse parar é a estabilidade da separação.

Portanto, eu não sei. A verdade é que eu não sei. Isso é tudo. E isso lhe dá uma qualidade de aprendizado e no aprendizado há estabilidade. A estabilidade está no "eu *estou* aprendendo", e não no "Eu *aprendi*". Vejam o que isso faz para a mente. Isso tira totalmente a carga que pesa sobre a mente e isso é liberdade; a liberdade do não-saber. Vejam a beleza disso — o não-saber e, portanto, a liberdade. Por outro lado, o que sucede com o cérebro que funciona com o conhecimento? Esta *é* a sua função, não é? Funcionar de lembrança a lembrança. No conhecimento, a mente encontrou uma grande segurança, e biologicamente essa segurança é necessária. De outra forma, seria impossível sobreviver. Agora, pergunto, o que acontece com o cérebro que afirma não saber nada a não ser o conhecimento biológico de sobrevivência? O que acontece com o restante do cérebro? Antes, o restante do cérebro estava acorrentado. Agora ele não está mais ocupado. Ele irá agir, mas não está ocupado.

O cérebro nunca foi tocado. Ele não pode mais ser ferido. Nasceu um novo cérebro ou o velho cérebro foi purgado de suas preocupações.

San Francisco, 10 de Março de 1973

É preciso descobrir o que significa observar, o observar seu relacionamento com outro, não importa quão íntimo ou quão distante ele seja. Observar requer atenção total. Peço que façam isso enquanto estivermos falando, não como uma terapia de grupo, que é um horror, ou qualquer tipo de entretenimento de grupo, que é absurdo, mas observem realmente "o que é" de forma a não haver distorção, de forma que preconceitos, tendências e formas variadas de inclinações não entrem nisso. Observação pura sem distorção significa atenção. Essa atenção vem naturalmente; você não precisa ir à universidade nem fazer todo o resto de coisas absurdas que costumam aparecer quando você está profundamente interessado. Se você não está interessado, então há algo radicalmente errado. Quando a casa está pegando fogo, quando há um sem-número de catástrofes ocorrendo, não estar interessado, não estar totalmente preocupado ou comprometido com a solução do problema indica uma mente totalmente morta. O mesmo se dá quanto a observar o seu relacionamento e transformá-lo.

A transformação ocorre no relacionamento — no qual há uma divisão e, por conseguinte, o conflito, o ciúme, a ansiedade, a insegurança, a violência, e todas as outras coisas fruto da divisão — através da observação. Observe o que se passa. Se você observar, verá que o seu relacionamento com outro se baseia no conhecimento, conhecimento que é o passado, conhecimento que acaba por se tornar uma imagem do outro. Ao ouvir o conferencista, vocês têm uma imagem sobre ele, o que é óbvio, pois caso contrário vocês não estariam aqui. A imagem que têm sobre o conferencista baseia-se na reputação, na propaganda, nos livros e em tudo o mais. Na verdade, vocês ab-

solutamente não conhecem o conferencista, mas têm uma imagem dele. Portanto, essa imagem divide. Você tem uma imagem sobre a sua mulher, a sua namorada, o seu namorado; essa imagem foi construída através do conhecimento de eventos passados, de acontecimentos. E essa imagem, nascida de conhecimento em relacionamento, produz divisão. Isso é um fato; não precisamos nos aprofundar nisso ou discutir ou analisar, é assim. E essas imagens, verbais, estruturais, românticas, intelectuais, emocionais, e assim por diante, todas produzem uma divisão fundamental, básica. Vocês têm uma imagem sobre vocês mesmos; você deve ser isso ou aquilo, e você tem uma imagem sobre o outro; portanto seu relacionamento está entre essas duas imagens e portanto não existe um verdadeiro relacionamento, e daí o conflito.

Agora pergunto: Pode a estrutura do relacionamento ser completamente alterada, transformada radicalmente? Nesse caso, criaremos uma sociedade totalmente diferente. E isso só é possível se estivermos compartilhando, pensando e criando juntos. Numa tal situação não há nenhum tipo de autoridade, pois você estará observando o seu próprio si-mesmo, a imagem que você faz de si mesmo e a imagem que você desenvolveu sobre o outro, responsáveis pela desunião.

Surge então a questão: Como será possível não criar imagem alguma? Compreendem? Espero que todos estejamos acompanhando uns aos outros. Estamos? Será possível a uma mente cultivada, que adquiriu um tremendo conhecimento através da experiência, que é o passado, essa mente que tem tantas imagens, tantas conclusões, que é tão intensamente condicionada, poderá essa mente livrar-se de todas as imagens? Se não puder, então a vida torna-se uma batalha constante. Certo? Está clara esta questão?

O conhecimento no relacionamento cria a divisão. Ou seja, quando você tem um relacionamento com seu marido ou com uma garota, ou com quem quer que seja, o conhecimento penetra gradativamente nesse relacionamento, sendo o conhecimento aquilo que você adquiriu, aquilo de que se lembra, que experimentou nesse relacionamento. Dessa forma, o conhecimento passa a ser uma barreira no relacionamento. Certo? Estamos caminhando juntos?

Platéia: Sim.

Krishnamurti: Ótimo! Vocês sabem que isso é muito importante pois, para caminhar junto com alguém, precisamos ter aquela qualidade de afeição que compartilha, que não se limita ao mero ouvir uma descrição verbal. A descrição não é o descrito; a palavra não é a coisa. Se vocês estiverem apenas seguindo verbalmente, então não estamos caminhando juntos; não existe a clareza na investigação, que é tão essencial. Então vocês não estão seguindo o conferencista. Se estiverem seguindo o conferencista, então ele se torna a autoridade, e vocês já têm autoridades suficientes no mundo; não acrescentem mais uma. É preciso libertar-se da autoridade. Autoridade significa a autoridade de alguém lhe dizer o que fazer. Então você depende de alguém, e a partir daí brotam todos os problemas da autoridade. Ao passo que, se aprenderem como observar, como ficar completamente comprometido com a atenção no relacionamento, vocês perceberão que é impossível aprender com alguém. Isso precisa ser aprendido enquanto prosseguem, não pode ser aprendido nos livros. Assim, se posso fazer a sugestão, usem o conferencista como um espelho no qual vocês se vêm. E quando aprenderem a se ver refletidos nesse espelho, quebrem o espelho de forma a que possam se livrar do conferencista, de forma a que observem vocês mesmos o que na verdade está ocorrendo.

Como dissemos, temos um sem-número de imagens, de conclusões; portanto a mente nunca está livre para observar. Tendo acumulado essas observações através da educação, através do relacionamento, através da propaganda, de mil maneiras diferentes, a mente funciona com conclusões, portanto mecanicamente. Mas o relacionamento não é mecânico, mesmo que o tenhamos reduzido a uma rotina, a um processo mecânico.

Precisamos compreender com profundidade o significado da palavra *conhecimento* e o significado de estar livre do conhecimento no relacionamento. O conhecimento é necessário; você e o conferencista não podem em absoluto se comunicar verbalmente sem conhecerem o inglês. Para fazer qualquer coisa funcionalmente, tecnologicamente, o conhecimento é necessário — como andar de bicicleta e

tudo o mais. Para funcionar com eficiência, objetiva e racionalmente, é preciso conhecimento, mas nós usamos a função para alcançar *status*. Mas quando se funciona em busca de *status* ocorre a divisão e, por decorrência, o conflito entre a função e o *status*, o que é parte do nosso relacionamento com o outro. Quando você funciona em busca de *status*, isso significa que o *status* para você é mais importante do que a função, e por conseguinte já aí ocorre o conflito, interiormente bem como externamente. Precisamos observar isso, observar como a mente trabalha no relacionamento, se através da função está à procura de *status* e, portanto, no relacionamento há conflito, e também se há conflito onde existe divisão entre eu e um outro, onde o conhecimento acerca do seu marido, do seu namorado, de sua garota, ou sobre quem quer que seja, age como divisão. Portanto, apenas quando a mente está livre, ou melhor, quando está ciente, é que ela percebe a função do conhecimento e a necessidade do conhecimento e percebe o perigo, o veneno que representa o conhecimento no relacionamento. Espero que isso esteja claro.

Veja, se estou casado com você e vivi com você, acumulei bastante conhecimento sobre você nesse relacionamento. Este conhecimento tornou-se a imagem de você. Você me proporcionou prazer, sexo, me insultou, me censurou, me incomodou, me dominou, dizendo: "As mulheres são mais importantes do que os homens" — você sabe tudo o que está acontecendo no mundo. Que criancice é isto, como é imaturo. Construí uma imagem a seu respeito. Ela pode ter um dia ou dez anos de vida. Essa imagem me afasta de você, e você tem uma imagem a meu respeito. Dessa maneira, nosso relacionamento se dá entre estas duas imagens e portanto não há relacionamento algum. Percebendo isso, pergunto, será possível viver neste mundo com conhecimento, que é absolutamente necessário, e com liberdade do conhecimento no relacionamento? Pois quando se está livre do conhecimento no relacionamento cessa a divisão e por conseguinte, o conflito no relacionamento chega ao fim. Tal como está, observa-se no mundo cada vez mais conflitos; a desgraça, a confusão e o sofrimento estão por toda parte. E a mente encontra-se num estado de ansiedade no relacionamento quando está preocupada apenas com conhecimento e não com sabedoria. E a sabedoria só se torna reali-

dade quando existe a compreensão do conhecimento e a liberdade do que é conhecido.

Assim, nossa pergunta é: Pode a mente, que funciona com imagens e conclusões, pode essa mente se libertar, não amanhã, não dentro de um prazo de tempo determinado, mas ficar totalmente livre desse conflito? E isso só será possível quando você puder aprender a observar, a observar você mesmo e o outro. É muito mais importante observar você mesmo e não o outro, pois o que você é, o outro é; você é o mundo e o mundo é você, os dois não são separados. A sociedade que você criou é você. Essa sociedade, a feiúra, a brutalidade, a extravagância, a poluição, todas as coisas que estão acontecendo são produto da nossa atividade diária; portanto, você é a sociedade, você é o mundo e o mundo é você. Não se trata de uma mera afirmação verbal, mas de um fato concreto. E para poder observar isso, a mente precisa estar livre para olhar, livre da distorção de opiniões e de conclusões; só assim a mente estará livre para olhar, para aprender.

Você sabe que existe uma diferença entre aprender e adquirir conhecimento. A maioria de nós, nos colégios, nas universidades, e assim por diante, é muito hábil no adquirir conhecimentos. Para nós isso é aprender: acumular fatos, relacioná-los com outros fatos e informações. Nossa mente, nosso cérebro estão cheios de conhecimento do passado. Conhecimento *é* o passado, e estamos o tempo todo acrescentando algo a esse conhecimento; e isso é preciso, quando você funciona como um engenheiro ou um cientista, quando você dirige um carro ou fala uma língua. Mas aprender, assim me parece, é algo inteiramente diferente. Aprender é um movimento constante. Existe um movimento constante no aprender de forma a não haver nunca acumulação. Pois a acumulação é o "eu", o "eu" que separa você e que, portanto, produz conflito. Sempre que houver o "eu" deve haver conflito pois ele é o próprio cerne da divisão.

E o amor não pode ser aprendido. O conhecimento não pode adquirir nem a sabedoria nem o amor. É, pois, muito importante compreender toda a estrutura do relacionamento pois ela é a base da nossa vida. A partir daí, toda ação tem lugar. Se a ação for meramente a continuação do conhecimento, então ela se torna mecânica. E nosso

relacionamento torna-se mecânico quando se baseia na rotina e no conhecimento. Quando estamos livres do conhecido, então o relacionamento muda por completo.

♦

Alguém está atento ao nosso relacionamento? É sobre isso que temos falado, não sobre flores ou nuvens. Vocês estarão profundamente, não-verbalmente, sem conclusões, conscientes do nosso relacionamento? Ou estarão com medo de encarar seus relacionamentos, ou com medo de olhar, porque quando olharem isso trará toda sorte de coisas. Portanto, seria melhor evitar isso? A atenção não é algo dado especificamente a um determinado problema. A atenção é um estado em que a mente está totalmente comprometida com a busca de uma forma de viver na qual o conflito de qualquer natureza tenha terminado. Pois se terminar esse conflito no relacionamento humano, então produziremos um tipo de cultura totalmente diferente.

Saanen, 1 de Agosto de 1973

O que significa o meu relacionamento com você, com a minha mulher, com o meu marido, com o meu filho, quando não tenho nenhuma imagem deles? O que vem a ser o meu relacionamento com você se não tenho nenhuma imagem de você?... Vocês precisam descobrir isso; não podem simplesmente responder. Olhem, eu vivi com vocês, e todos os problemas, os trabalhos, a ansiedade, tudo isso construiu uma imagem na minha mente. Mas se não tenho uma imagem de você, o que vem a ser então o meu relacionamento com você? Se você for realmente honesto, você não pode responder a esta pergunta. Você só poderá respondê-la se não tiver imagem alguma. E essa é uma das coisas mais radicais na vida: não ter imagem alguma sobre as montanhas, sobre o outro, sobre a pessoa com quem se vive, e tudo o mais; não ter uma única imagem acerca do país, acerca de nada. Imagem quer dizer opinião, idéia, conclusão, símbolo, o pensamento que cria todas as imagens. Então o que vem a ser o relacionamento entre você, que tem uma imagem, e a pessoa que não tem imagens? Não me respondam. Isso vocês precisam descobrir. Isso é amor. Tudo o mais não é amor. Certo?

♦

Precisamos ter memória para poder andar de bicicleta. Eu preciso ter memória para falar inglês e transmitir algo a vocês, se estiverem interessados no que eu quero comunicar. Eu preciso da memória para trabalhar numa fábrica, num negócio, e assim por diante. Mas essa memória no relacionamento é a imagem. Eu formei uma imagem so-

bre você, e você formou uma imagem sobre mim; portanto, o nosso relacionamento é entre essas duas imagens. E isso é o que nos importa — a imagem que tenho de você e a imagem que você tem de mim, e vivemos com essas imagens. Esse relacionamento é chamado de amor; nesse relacionamento existe apego e tudo o mais, e nos aferramos a ela, à imagem. E dizemos que a mente faz isso porque ela se sente segura ao ter alguma coisa, em ter uma imagem. Se não tem imagem, ela está vazia, e temos medo de ser vazios e, portanto, dizemos que precisamos ser alguém.

Assim, pergunto, pode a mente observar o presente, "aquilo que é", sem ajuda da memória, da imagem, da conclusão, da opinião, do julgamento, da avaliação do passado? Apenas para observar "o que é". Deixe-me dizer isso em outras palavras. Vá mais ao fundo, muito mais ao fundo. Eu amo o meu irmão, a minha mulher, o meu filho, a minha garota, o meu garoto, e ele morre. O fato é que ele morreu. Isto é "o que é". Certo? Pode a mente observar "o que é" sem movimento algum do pensamento, que é o passado? Compreenderam?

Vamos adiante. Veja: o meu filho está morto. Isto é um fato. Então, o que sucede? A imagem que construí sobre o meu filho ao longo dos anos faz com que a mente se sinta vazia, solitária, pesarosa, cheia de autopiedade, e existe a esperança de que eu vá encontrar o meu filho numa próxima vida. Então procuro um médium, uma sessão para entrar em contato com ele, e todo esse tipo de coisa. Ou seja, a imagem não observa, não vive completamente com "aquilo que existe" sem a imagem. Compreendem? Vamos, senhores. Quando não tenho autopiedade, não digo: "Eu gostaria que o meu filho estivesse vivo; ele seria um ser humano maravilhoso." Estão me acompanhando? Não tenho nenhum movimento de pensamentos. A mente vive apenas com o fato de que o meu filho está morto. Vocês já fizeram isso? Sim ou não?

Questionador: Minha mente torna-se quieta.

Krishnamurti: Não, senhor, eu não estou falando de quietude. Veja, senhor, isso acontece com todo ser humano; a morte está aí. O que

ocorre em você quando você olha para o fato sem uma única imagem? Não posso dizê-lo a vocês a menos que vocês cheguem a isso.

Q: O senhor vê aquilo que realmente é.

K: Sim, senhor, eu disse isso. Viver, estar com o que na realidade aconteceu, não se desviar, não fugir, não permitir que o pensamento diga isso ou aquilo — nada.

Q: O pensamento está quieto agora.

K: Vocês descobrirão. Espero que não morra ninguém que vocês amem, ou que pensem que amam; eu espero que nunca sofram, mas quando chegarem a isso, como inevitavelmente todos no mundo chegam, não apenas com aqueles que estão no Vietnã e no Camboja, mas ocorre todo dia ao seu redor, então vocês descobrirão o que significa viver com "aquilo que existe", completamente, sem uma única imagem. Eu o insulto, digo coisas terríveis sobre você. Você pode me ouvir sem o movimento de pensamento que cria uma imagem que machuca? Pode você ouvir? Tente. Faça isso, e então descobrirá a incrível mudança que se opera, uma mudança na qual há a completa negação de toda forma de imagem. Portanto, a mente nunca está carregando o peso do passado. É algo como ter uma mente jovem, vocês compreendem.

Saanen, 2 de Agosto de 1973

A cultura na qual a mente cresceu, foi cultivada, educada, aceitou a confusão como o modo de viver. Ela diz: "Sim, estou confusa, mas vamos em frente com isso. Não faça muito barulho por causa disso. Vamos em frente." E um belo dia eu verifico que estou realmente confuso, certas partes de mim estão confusas, outras não, e assim por diante. A cultura me criou assim, educou minha mente e me educou para viver em confusão e desordem. E me trouxe bastante sofrimento e desgraça. E a mente diz: "Deve haver um meio de sair disso." E ela começa a aprender a olhar para si mesma. E verifica que só pode olhar para si mesma quando não há movimento de pensamento, pois o pensamento criou essa mixórdia, essa cultura. Então a mente verifica que só pode observar claramente quando não houver movimento de pensamento. Será isso possível? Nesse sentido, ela faz um teste. Ela não aceita isso e diz: "Vou testar isso, descobrir se é possível." Então ela olha para as coisas, para a montanha, os vales, os rios, as árvores e as pessoas. Ela pode olhar para fora de certa forma com facilidade, sem a interferência do pensamento. Mas tudo se torna mais difícil quando ela olha para dentro. A percepção interior está sempre acompanhada do desejo de fazer alguma coisa em relação àquilo que ela percebe. E então a pessoa descobre que mais uma vez trata-se de uma atividade do pensamento. Então ela olha para tudo, observa, e verifica que, enquanto houver um observador, esse processo de escolha, de conflito, deve existir. Agora, pergunto: será possível observar sem o observador, que é o passado, a experiência, e tudo mais, enfim, observar sem o observador? Isso exige uma grande atenção. Essa atenção traz consigo a sua própria

ordem, que é disciplina. Não se trata da questão de impor uma ordem. Esse experimento em si, esse mesmo testar a observação sem o observador traz a sua própria ordem, o seu próprio senso de completa atenção. E a mente observa sem o observador, e permanece totalmente estática, imóvel com relação ao "o que existe". Certo? Então, o que sucede?

Veja o que fez a mente. Ela não foi capaz de resolver "aquilo que existe", e assim gastou sua energia tentando escapar disto, suprimi-lo, analisá-lo, explicá-lo, e assim por diante. Quando ela não gastou sua energia, permanecendo completamente com "o que existe", a mente conserva toda a sua energia. Compreende? Nem uma gota de energia é desperdiçada. Não há o fugir, não há o denominar, não há a tentativa de superar, de suprimir, de fazê-lo se adequar a um padrão, e assim por diante. Tudo isso representa gasto de energia. Pois bem, se a energia não é gasta, a mente está plena desta energia e está observando realmente "aquilo que existe". Existe, portanto, "aquilo que existe"? Haverá confusão?

Perceber tudo isso não é apenas a verdade mas é também sabedoria. E dessa sabedoria nasce a inteligência que irá operar no dia-a-dia, que não irá criar confusão — compreende? — em momentos de negligência ela pode fazer alguma coisa, mas irá corrigi-lo imediatamente. Estão me acompanhando? De forma que a inteligência está agindo o tempo todo. Não se trata da minha inteligência ou da sua inteligência.

Será que estamos caminhando juntos? Um pouco pelo menos?

Questionador: Neste tipo de ação não existe um agente.

Krishnamurti: O que é a ação dessa inteligência no relacionamento? Compreende? A vida é relacionamento — entre homem e mulher, entre a natureza e o homem ou a mulher, entre seres humanos. Então pergunto qual é a atividade dessa inteligência que é fruto da sabedoria, que resulta da percepção da verdade. Qual é a ação desta inteligência no relacionamento humano? Porque eu tenho que viver neste mundo. Certo? Tenho mulher, filhos, família, o patrão, a fábrica,

a loja e assim por diante; portanto, qual é a ação desta inteligência no meu relacionamento com o outro? Vamos, pergunte!

Q: Como o senhor pode dizer antecipadamente o que vai ocorrer?

K: Como se pode dizer antecipadamente qual será a ação da inteligência? Eu não sei antecipadamente qual é a ação da inteligência, mas estamos indagando isso agora. Qual é a ação dessa inteligência no relacionamento? Eu me relaciono com você. Estou na verdade relacionado com você porque você está sentado aí e eu estou sentado aqui; você está me ouvindo, estamos fazendo isso juntos, estamos observando isso juntos, estamos "cozinhando" isso juntos; portanto, temos um relacionamento, não no sentido de sermos íntimos, mas como seres humanos que se relacionam por terem um problema em comum; trata-se do nosso problema humano. Por isso estamos perguntando: temos um relacionamento. Como age essa inteligência nesse relacionamento?

Q: Deve ser amor. Dessa inteligência deve resultar amor.

K: Não sei. É uma idéia. O senhor percebe, minha mente não aceitará uma teoria, uma idéia, uma conclusão ou especulação. Ela apenas — a minha mente, não a sua — se moverá de fato a fato, do "o que existe" para "o que existe", e nada mais.

Q: Precisamos usar as palavras neste diálogo e, a partir do momento em que usamos palavras, passamos a estar preocupados com idéias, mas o tipo de diálogo em que o senhor está insistindo é praticamente impossível para a maioria de nós.

K: Veja, existe comunicação através de palavras e comunicação não por palavras, ou seja, há comunicação verbal assim como há comunicação não-verbal. Se eu sei como ouvi-lo, como ouvir as palavras que você está usando, que são comuns a nós dois, se eu realmente sei como ouvi-lo verbalmente, então eu sei também como ouvi-lo não-verbalmente, pois posso captá-lo.

Estou fazendo uma pergunta muito simples que resultará numa grande investigação, e que é a seguinte: Qual é a ação da compreensão interior que trouxe à tona essa qualidade de inteligência no meu relacionamento com outro ser humano? Até que eu resolva isso, meu relacionamento criará desgraça, não apenas para você, mas para mim também. Sendo assim, devo empenhar todo o meu ser nesta descoberta. Não se trata de uma investigação casual ou superficial, pois a minha vida depende disso. Não quero viver em sofrimento, em confusão, nessa aterradora bagunça em que a cultura e a civilização me colocaram. Então a minha inteligência me diz: "Descubra!" Pois não se pode viver sozinho, não existe isso de se viver sozinho. Existe apenas isolamento, coisa que esta cultura encorajou; no mundo dos negócios, no mundo religioso, no mundo econômico, no mundo artístico, em qualquer mundo, em qualquer esfera, fui encorajado a viver em isolamento: "Eu sou um artista", "Eu sou um escritor", "Eu sou muito superior a todos os outros", "Eu sou um cientista", ou, "Eu estou mais perto de Deus".

Assim, sei perfeitamente o que vem a ser isolamento, e viver nesse isolamento e ter relacionamento com alguém não significa absolutamente nada. Então a minha inteligência diz: "Isso é absurdo. Você não pode viver dessa maneira." Portanto, vou descobrir como viver em relacionamento e o que vem a ser a atividade dessa inteligência nesse relacionamento.

Eu quero saber. Peço que teste isso você mesmo e faça a você mesmo essa pergunta. Você percebe o que é essa inteligência? É o resultado de se ter uma compreensão interior da realidade do "aquilo que existe", e a observação disso é sabedoria, e a percepção disso é a verdade. A filha da verdade é a sabedoria e a inteligência é a filha da sabedoria. Eu já vi isso. Agora estou me perguntando: O que é a ação dessa inteligência no relacionamento? No relacionamento tem ela alguma imagem? Estará a minha mente construindo uma imagem sobre você que vive na mesma casa que eu? Você pode me aborrecer, pode me incomodar, pode me ameaçar, me dominar, pode me dar prazer sexual, e assim por diante — será que a mente constrói imagens?

Q: Não.

K: Nunca diga não, senhor; descubra! Isto requer uma grande atenção, não é verdade? Não se pode simplesmente dizer sim ou não. É preciso muita atenção para descobrir se você tem uma imagem e por que a imagem se forma. Ouça apenas, senhor. Estou impedindo que diga sim ou não. Apenas isso. Vamos investigar. Vamos compartilhar esse problema. Quando o senhor diz sim ou não, o senhor o interrompeu. Mas se eu digo: "Olhe, vamos descobrir, vamos investigar, verificar o que está implicado nisso", dessa forma, eu não criei nenhuma imagem sobre você. Eu disse: "Por favor, pare e olhe para o que está fazendo."

A mente está criando uma imagem? Se está, então não é a atividade da inteligência, pois ela vê como as imagens separam as pessoas; como as nacionalidades separaram as pessoas; como as religiões separaram as pessoas; como os gurus, os livros, a Bíblia, o Bhagavad Gita, o Corão, separaram as pessoas. Onde há separação deve haver conflito. E, portanto, uma ação que é fruto de conflito é uma ação não-inteligente. Assim, uma ação inteligente é uma ação sem atrito, sem conflito. Quando me relaciono com você e tenho uma imagem, há uma ação estúpida, uma ação não-inteligente. Assim, eu percebo isso. Pergunto: estou criando uma imagem de você quando você me chama de tolo, quando eu dependo de você para o meu prazer físico, ou dependo de você para ter dinheiro, dependo do seu apoio, do seu companheirismo, do seu encorajamento? Dependência é uma ação de uma mente que não é inteligente.

Assim, estou começando a descobrir, a aprender, o que vem a ser o relacionamento quando a inteligência torna-se realidade. Está acompanhando tudo isso? É surpreendentemente simples, muito simples.

Q: É simples, mas não é fácil.

K: O que é simples é o mais fácil, o mais prático, não todas aquelas suas coisas complicadas. Elas levaram à impraticabilidade, a toda essa bagunça, a qual é o resultado de extrema futilidade. Veja: o que é

simples é ver a verdade de que as imagens separam as pessoas. Isso é simples, não é? E o ver a simplicidade disto é o ato da inteligência, e essa inteligência irá atuar no meu relacionamento com você. Então estou observando como essa inteligência irá operar. Compreende? Tenho um relacionamento com a minha mulher, com a minha mãe, com a minha irmã, com a minha garota, ou com o que seja. Estou observando. Estou observando para ver como essa inteligência opera. Compreende? E ela percebe que no momento em que você cria uma imagem você está de volta ao mundo antigo, está de volta à civilização apodrecida. E a mente está observando, aprendendo e, portanto, a inteligência abre a porta para uma vida que é completamente simples.

Brockwood Park,
8 de Setembro de 1973

Naquilo que chamamos de amor existe dependência, o senso de apego que decorre da solidão, da insuficiência que a pessoa vê nela mesma, incapaz de permanecer sozinha e, portanto, buscando apoiar-se em alguém, dependendo de alguém. Nós dependemos do leiteiro, do ferroviário, do policial. Não estou me referindo a esse tipo de dependência, mas à dependência psicológica, com todos os seus problemas: os problemas de imagem no relacionamento, a imagem que a mente construiu sobre o outro, e o apego a essa imagem, e à negação dessa imagem com a criação de uma outra. Tudo isso é o que chamamos amor. E os padres criaram uma outra coisa: o amor a Deus, pois é muito mais fácil amar a Deus, uma imagem, uma idéia, um símbolo criado, organizado pela mente ou pela mão, do que descobrir o que vem a ser o amor no relacionamento.

Estão me acompanhando? Portanto, o que é o amor? É parte da nossa consciência, isso que se chama amor onde existe o "eu" e o "você"; o "eu" ligado a você, possuindo, dominando, prendendo; você a me possuir, a me dominar, a me prender. Você atende às minhas necessidades físicas e sexuais; eu o atendo economicamente, e assim por diante. Tudo isso é o que chamamos amor. E isso é amor? Amor romântico, amor físico, o amor à pátria pelo qual se está disposto a morrer, a se aleijar, a se destruir. Isso é amor? Obviamente, amor não é sentimentalismo, emocionalismo, a aceitação piegas do — você sabe — "eu te amo e você me ama". Falar sobre a beleza do amor, a beleza das pessoas, tudo isso é o amor?

♦

Olhe, torne isso mais simples. Todo relacionamento é baseado na imagem que você construiu a respeito do outro e na que o outro construiu a seu respeito. Certo? Não se pode discutir isso; é assim. E essas duas imagens têm relacionamentos. Essas imagens são o resultado de anos de recordações, experiências, conhecimento, que você formou sobre ela e ela formou sobre você. Isso é parte da sua consciência. O que é o relacionamento quando não existe imagem em absoluto entre você e ela, e ela não tem nenhuma imagem a seu respeito? Compreende? Você pode perguntar: a pessoa está ciente de que tem uma imagem a respeito daquele a quem está tremendamente apegado? Será que você está ciente de que tem uma imagem a respeito daquela a quem está ligado? Você está ciente disso, consciente disso? Se você tem consciência disso, você percebe que seu relacionamento com ela, ou o dela com você, é baseado nessas imagens. E essas imagens podem ter fim? Então o que será o relacionamento? Se a imagem chega ao fim, qual será o conteúdo da consciência que forma a sua consciência, quando as várias imagens que você tem sobre si mesmo, sobre tudo, chegam ao fim, então, o que é o relacionamento entre você e ela? Existe então um observador observando do lado de fora daquilo que foi observado? Ou se trata de um movimento total de amor no relacionamento? Está percebendo? Dessa forma, o amor é um movimento no relacionamento em que não existe um observador.

Portanto a mente — estamos usando a palavra *mente* para incluir o cérebro, o organismo físico, a totalidade —, a mente que viveu dentro do campo das fragmentações, que forma a sua consciência, e sem cujo conteúdo o observador não existe. E quando o observador não existe, então o relacionamento não está no âmbito do tempo que existe quando existe a imagem que você tem sobre ela e ela tem sobre você. Pode essa imagem ter um fim quando você vive no dia-a-dia? Se esta imagem não tem um fim, então não há amor. Trata-se então apenas de um fragmento contra outro fragmento.

Agora que você ouviu isso, não tire uma conclusão apressada. Perceba a verdade disso; e você não pode perceber a verdade disso verbalmente. Você pode ouvir o significado das palavras mas precisa perceber a sua significação, ter uma compreensão interior, ver realmente a verdade "daquilo que existe". Então a verdade não estará no campo da consciência.

Saanen, 25 de Julho de 1974

Mas, afinal de contas, existe segurança? A mente vem procurando segurança em objetos, em objetos físicos, em propriedades, num nome, numa atividade característica, e assim por diante. Ela já procurou segurança em conceitos, em ideais, em fórmulas e sistemas. E quando se olha para tudo isso de perto, com objetividade, sem sentimentalismo, impessoalmente, então se vê que toda essa estrutura traz insegurança para todos. E ainda assim a mente, o cérebro, precisam ter segurança para poder funcionar. Então eu pergunto a vocês, e a mim mesmo: existirá esta coisa chamada segurança? Certo? E é isso o que vamos investigar. Isso é o que iremos descobrir. Mas se eu o descobrir e contar para vocês então não estaremos compartilhando. Assim, vamos tratar de descobrir juntos.

Você percebe a verdade da necessidade de segurança física e ainda assim a mente também está sempre perseguindo a segurança sob diferentes formas, sendo a segurança algo permanente, um relacionamento permanente, uma casa permanente, uma idéia permanente. Mas existe permanência? Eu posso buscá-la, pois vejo tudo ao meu redor desvanecer, fenecer, num fluxo, mas a mente diz que é preciso haver segurança, permanência. Mas não há permanência numa idéia, num conceito, não há permanência nas coisas, por diversas razões, ou sem que eu compreenda por quê. E então eu busco permanência nos meus relacionamentos, na minha mulher, nos meus filhos, e assim por diante. Haverá uma segurança permanente no relacionamento? Você compreende? Pergunte a si mesmo! Quando você quer permanência no relacionamento todo o problema do apego aflora. Peço que faça isso; para seu próprio bem, observe isso. E quando

você está apegado, todo o problema do medo, da perda, da suspeita, do ódio, do ciúme, da ansiedade, tudo isso passa a fazer parte do problema, da vontade de ter um relacionamento permanente. Você compreende? Descobriu-se que não há permanência num conceito, embora os católicos, os protestantes, os comunistas tenham doutrinado a mente, e a mente tenha aceito essa doutrina como permanente. Mas você pode observar que isso está desaparecendo, está se desfazendo, estão questionando tudo. E também se percebe que não existe permanência nas coisas materiais. Então a mente diz: "Preciso ter relacionamentos pessoais." E vemos as implicações desse tipo de relacionamento, relacionamento baseado na imagem de você e do outro, cada qual possuindo a respeito do outro uma imagem que não é permanente, e não obstante buscando permanência nesse relacionamento.

Assim, pergunte a si mesmo: Existe algo permanente? Eis uma pergunta muito difícil de responder, se você quer ser realmente sério, e é muito difícil descobrir o que se passa na mente que acaba de perceber que na verdade não existe nada permanente. Será que ela irá enlouquecer, tornar-se insana? Passará a consumir drogas, cometará suicídio? Será que cairá novamente na armadilha de uma outra ideologia, em outro desejo que projetará algo permanente? Você está me acompanhando?

♦

Foi possível descobrir olhando, e não analisando, apenas observando a nossa vida diária, o nosso dia-a-dia, que a mente procurou segurança em tudo isso. E o pensamento diz: "Não há segurança, não há nada permanente." E começa a procurar algo mais permanente. Como não encontrou nada mais permanente aqui, está procurando permanência em outra área, em outra consciência. Mas o próprio pensamento é não-permanente — certo? — mas ele nunca se perguntou se é, ele mesmo, não-permanente. Você compreende o que estou dizendo?

Por favor, isto exige muito cuidado; não deixe escapar o profundo final. Portanto, quando a mente afirma que não há nada permanente,

ela inclui o pensamento. Atenção para isso! A mente pode estar sã, saudável, inteira, e portanto agir na totalidade, quando ela verifica que não há nada permanente? Ou ela enlouquecerá? Está me seguindo? Quando você se defronta com esse problema de não haver nada permanente, inclusive a estrutura do pensamento, você pode suportar isso? Está me acompanhando? Pode ver a significância de dizer que não há *nada* de permanente, inclusive você mesmo, inclusive toda a estrutura que o pensamento construiu, e que ele diz que é o "eu"? Esse "eu" também é não-permanente. Fico perguntando a mim mesmo se está tudo claro. Deixe isso assim por agora; vamos voltar a isso de outra maneira.

Precisamos compreender também essa questão do tempo. Tempo significa movimento — certo? —, daqui para ali, fisicamente. Para vencer a distância daqui até ali você precisa de tempo, tempo medido pelo relógio, pelo sol, por dias ou por anos. Qual a relação entre o tempo, que é distância, movimento, com o pensamento? Por favor, isto não é difícil; ouça e verificará por você mesmo. Todo o Ocidente baseia-se principalmente, essencialmente, nas medições, tecnologicamente, espiritualmente — a hierarquia, o mandachuva, o bispo principal, o arcebispo, o papa; tudo se baseia em medições sociais, morais e, obviamente, tecnológicas. E o santo é também a medida suprema, aceita pela igreja ou pela religião. Assim, toda a estrutura moral e intelectual da nossa civilização se baseia nisso — tempo, medida, pensamento. Certo? O pensamento é medida, o pensamento é tempo, o tempo sendo o ontem. O que eu fiz ontem modifica o presente, e essa modificação continua sob forma diferente no futuro. O movimento do passado através do presente em direção ao futuro é o tempo, que é mensurável.

E é preciso que haja tempo para ir daqui para ali. Eu preciso tempo para aprender uma língua ou uma técnica. Mas, será que a mente precisa de tempo para se modificar? Você está acompanhando o que eu digo? No momento em que a mente admite o tempo de forma a poder se transformar, ela ainda está dentro do campo da medição, do tempo, do pensamento. Essa área foi criada pelo pensamento e, para mudar isso, para produzir uma mente diferente, se

ela ainda funciona dentro do mesmo campo, então não há mudança alguma. Posso ir em frente? Espero que estejam me acompanhando.

Vou apresentar o caso de outra forma. Eu estou cheio de cobiça, e eu sei que a cobiça nasce da comparação. Tenho essa sensação de cobiça que brota quando vejo algo maior do que aquilo que eu tenho, e isso é medida, não é? E eu me pergunto: Para mudar esse sentimento, essa medição, é preciso tempo? Se o tempo se tornar uma necessidade, então eu ainda continuo no campo da medição. Portanto, eu não mudei em nada a cobiça. Compreendeu? Existirá uma mudança que não é baseada na causa, que é o tempo, mas uma mudança instantânea? Insisto: *você* está fazendo todas essas perguntas, e não apenas eu.

Eu sou violento. Infelizmente, por diversas razões, os seres humanos são violentos. Nós sabemos disso. Para mudar a violência, para transformá-la de modo que a mente nunca seja violenta, é preciso tempo? Se você admite que o tempo é necessário, então a violência assume uma outra forma, pois continua dentro da mesma área. Alguém compreendeu? Se compreendeu, explique aos demais.

Então eu pergunto, é o desejo de permanência a causa da ação de permanência que ainda ocorre no campo do tempo? Será que a causa, o motivo, me fazem ainda desejar a permanência, e assim por diante? Então a causa produz a estrutura do tempo. Agora pergunto: Existe algum tipo de permanência?

Vejamos. Examinamos o tempo, a permanência, e agora iremos examinar a nossa vida diária, que se baseia nisso. Certo? Existe desejo de permanência no relacionamento porque este está se tornando cada vez mais real, porque descartamos todas as outras, as permanências intelectuais das teorias, do estadismo, da igreja, e assim por diante. Descartamos tudo isso e assim afirmamos que deve haver relacionamento permanente. Esta é a única coisa que temos, e nela também descobrimos que nada é permanente. Pode a mente, a sua mente, encarar essa verdade absoluta que é o fato de não haver permanência, pode ela perceber isso, e não apenas teorizar sobre isso?

Olhemos então o imenso problema que o homem jamais foi capaz de resolver: o problema da morte.

♦

Sabem, os antigos hindus, que eram pessoas muito espertas, pensavam: "Isso é impossível; o homem não pode deixar tudo e ir embora instantaneamente." Portanto, a idéia do "eu", a que vocês se apegam, deve prosseguir, o "eu" que é o resultado do tempo, da medição, do pensamento, é claro. Certo? Este "eu" precisa evoluir lentamente ao longo de várias vidas, até atingir a excelência máxima, que é Brahman, Deus, ou como vocês a quiserem chamar. Então eles tinham essa idéia. Os cristãos pensam de forma diferente, não tão matemática, não tão sabiamente elaborada, sem as sutis implicações nela envolvidas. Não vou entrar nessa questão. O que importa é que a próxima vida torna-se muito importante; portanto esta vida é muito importante. Esta vida torna-se tremendamente importante porque, dependendo de como você se comportar agora, se você se comportar direito, será premiado na próxima vida. Você compreende? Esta é a crença. Todos acreditam nisso e, no entanto, ninguém se comporta *agora*.

E todos levam adiante o jogo.

Pode então a mente enxergar a totalidade desse tremendo fenômeno? Eu não posso entrar em todos os detalhes disso. Trata-se de uma área muito vasta na qual a mente procurou segurança. A mente criou o tempo, tal como o pensamento, como medição. E nessa medição, nesse tempo, há um movimento no qual ela tentou encontrar a permanência, na forma do "eu" e do "você", e assim por diante. Estamos perguntando: Percebendo toda a enormidade, complexidade e extraordinária sutileza dessa área, pode a mente encarar a verdade do fato de que não existe permanência em absoluto? O que realmente é a morte. Você compreende?

Pode você perceber a verdade disso? Não aceitar a verdade de outro, pois nesse caso não seria verdade e, sim, mera propaganda, que é uma mentira. E pode você, por você mesmo, depois de toda esta explicação, encarar a verdade disso? Não a verdade verbal, não

o conceito intelectual, dizendo, "Sim, compreendi". Isso não é a verdade. A *verdade* significa que ela *age*. Ela age, e então você percebe que não existe permanência. Então você não está mais vinculado. Você não está mais ligado a uma idéia, a um conceito, a uma crença religiosa, a um dogma, a uma sabedoria. Então, o que ocorre? Você está me acompanhando? Quando você vê a verdade disso, há a liberdade e liberdade significa inteligência total — eu gostaria de saber se vocês estão compreendendo —, não a inteligência do pensamento agudo, mas aquela suprema inteligência que viu a verdade e que portanto está livre das coisas que o pensamento criou. E essa qualidade de inteligência, que é suprema e excelente na sua essência, pode atuar. Está me acompanhando? Por conseguinte, há segurança *naquilo* e não nisso. Não sei se vocês estão compreendendo tudo o que digo. Então você pode viver nesse mundo, com objetos ou sem nada. Compreende? Portanto, *isso* é imortal. Compreende? Essa inteligência que não é sua nem minha, que não pertence a igreja alguma, a grupo algum, essa é a forma maior de inteligência e, portanto, nela existe segurança completa e total. A mente não pode criar essa inteligência. Ela surge quando você *percebe* a verdade do óbvio, quando você vê o falso como falso. Então a mente não é mais apanhada no emaranhado do pensamento, e essa inteligência pode então atuar na nossa vida diária e há permanência. Certo? Compreenderam?

Diálogo com Estudantes e Equipe em Brockwood Park, em 30 de Maio de 1976

Krishnamurti: Estamos tentando descobrir o que vem a ser a ação adequada no relacionamento. Tomemos como exemplo a dor. Se a dor prossegue até o presente, modificada para o futuro, esse movimento de dor não pode produzir uma ação adequada. Isso é claro. Quem está ferido? Dissemos que a dor surge quando há imagem. Essa imagem é o "eu" e o "eu" não é diferente da imagem. Antes, ao separar o "eu" da imagem, o "eu" dizia: "Vou fazer força para me livrar desta dor." Certo? "Vou lutar contra ela, suprimi-la, vou procurar um analista, farei qualquer coisa para me livrar desta dor." Mas quando descobrimos que o "eu", o "Eu" é equivalente a uma imagem, então, o que ocorre? Vocês compreendem o que eu quero dizer? Antes, você fazia grande esforço para se livrar da dor. Esse esforço tem origem no "eu", que dizia: "Preciso me livrar disto." E agora, o que vai fazer? Compreendem a pergunta?

♦

Eu não afirmo a vocês. Eu não afirmo nada a vocês. Venho lhes dizendo desde o princípio que é importante, em todas as nossas discussões, em todos os nossos diálogos, lembrar: "Não aceite nada do que o orador diz." Certo? Eu não sou a autoridade, não sou o guru de vocês; vocês não são meus seguidores. O que digo é: vamos ana-

lisar juntos o problema: Qual a ação adequada no relacionamento? A ação adequada não pode ocorrer no relacionamento quando existe algum tipo de dor. Quem está ferido? Vocês estão investigando comigo, não estão simplesmente aceitando o que estou dizendo. Quem está ferido? Dissemos, a imagem. E a imagem é diferente do "eu"? E dissemos também que a imagem é criada pelo pensamento e que o "eu" é criado pelo pensamento. Estou indo muito depressa?

Questionador: Por que eu penso que sou uma imagem?

K: Você não é a imagem? Você tem um nome, uma forma, toda uma estrutura psicológica, um conteúdo, não tem? Quando você diz: "Preciso melhorar, não sou bom, preciso ser maior, meu cabelo não está bem", e todo o remoinho que sucede o tempo todo, não será tudo isso a imagem que você tem de você mesmo? E será você diferente daquilo para o que você está olhando?

♦

Agora, vejam! Vocês olham para mim — não olham? — porque, infelizmente, estou sentado numa cátedra, vocês olham para mim. Certo? Vocês têm uma imagem de mim?

Q: Sim.

K: Então vocês estão olhando para a imagem, não estão? Para a imagem que construíram sobre mim. Vocês me cobrem com uma máscara e estão olhando para essa máscara. Certo?

Q: Isso cria uma série de conflitos.

K: É verdade. Então, se forem capazes disso, removam a máscara e vocês me verão. Certo? Então, se a imagem é o "eu", o que acontece?

Q: Mas, remover a máscara...

K: Isso é uma imagem. Esqueçam isso, não levem isso muito a sério. Vocês compreenderam o que eu quero dizer? Respondam à minha pergunta: Se você é a imagem, o que aconteceu? A dor está na imagem? E o conflito entre o "eu" e a imagem também está na imagem? O que ocorre? Antes havia a ilusão de que o "eu" era diferente da imagem, mas de repente essa ilusão se foi, e apenas o fato permanece. E o que permanece?

Q: O verdadeiro você.

K: O que é o verdadeiro você?

Q: Eu diria que é uma ilusão verdadeira.

K: O que é o verdadeiro você? De repente vocês introduziram um novo termo — o verdadeiro você. Este é um truque usado pelos antigos hindus, truque que tem se repetido desde então sem cessar. Mas ainda insistimos — não que vocês sejam hindus ou budistas, mas esse sentido de que existe algo por trás. Estou portanto perguntando o que permanece, o que sobra quando vocês verificam, ou quando têm uma compreensão interior, quando realmente compreendem — compreender implica a inexistência de ilusão — quando não há mais nada disso ali, o que está ali então? Cuidado, cuidado! Podem perder alguma coisa, vão devagar!

Q: Há um todo, uma unidade.

K: Há o todo. O que querem dizer com isso? Que há equilíbrio mental? Certo? O que quer dizer que não há fragmentação. Certo? Cuidado. Vejam bem o que estão dizendo; observem bem; não se limitem a inventar; prestem bastante atenção. Não há fragmentação entre o "eu" e a imagem, que são dois fragmentos. Não há, pois, fragmentação; portanto, existe equilíbrio mental. Vocês afirmaram que onde há equilíbrio mental não há fragmentação. Então vocês estão sãos; portanto, não há equilíbrio mental em vocês como pessoas. Então eu lhes pergunto — não vamos ainda aceitar a palavra *totalidade* — o

que existe ali? Compreendem? Dissemos que o nome, a forma e o conteúdo psicológico da imagem, tudo isto é o "eu" e a imagem. Certo? O que vem a ser isso? O nome, a forma, o conteúdo: não se trata apenas de palavras? Não são apenas recordações? Não são certas coisas de que vocês se lembraram, experiências passadas? Tudo isso não é o passado?

Q: Acredito que isso é tudo o que existe, pois isso é um fato.

K: Portanto, além do seu ser orgânico e biológico, o que é você? Apenas uma coleção de palavras, de recordações?

Q: Parece que sim.

K: Não, "parece que sim", não é mesmo? Se é assim, se isso é a verdade, então como podem as palavras afetar outros palavras? Estão me acompanhando, me compreendendo? Portanto, você está completamente livre, a não ser biologicamente. Você não percebe isso!

Q: As coisas físicas podem machucar, mas os nomes não.

K: As palavras não.

Q: Se não houver um "eu".

K: É verdade. Não existe um "eu", portanto, nada pode ferir você. O que não significa que você tem de ficar insensível, indiferente; pelo contrário, você pode se tomar de muito mais compaixão, pode se tornar muito mais afetuoso. Certo?

Então, qual é a ação adequada? Se existe uma imagem entre você e eu, existe desordem no nosso relacionamento. Certo? Você falou sobre ordem, você queria a ordem. Como pode haver ordem no nosso relacionamento se estamos constantemente nos digladiando porque as imagens estão em luta? Sendo assim, só pode haver ordem quando não existe imagem. E quando não existe imagem, no nosso relacio-

namento há uma ação adequada. Não é preciso que você diga, "Bem, qual é a ação adequada", já existe a ação adequada. Compreendeu?

Q: O que ou quem está agindo adequadamente?

K: Não, o que existe é a ação adequada, e não "Quem está agindo adequadamente?"

Q: O que está agindo adequadamente?

Q: Somos apenas um saco de protoplasma?

K: Não compreendi.

Q: O que é que está realizando a ação, a ação adequada?

K: Ah! Entendi. O que vocês acham? Não encolham os ombros. Vocês percebem que esta é uma questão muito importante. E entramos nela com profundidade, se é que vocês acompanharam a investigação e compartilharam dela. Nós dissemos, somos um nome, uma forma e conteúdos psicológicos. Até aí vocês acompanharam. Lembranças, cérebro, eu me lembro do meu nome, eu associo esse nome à forma, e o nome e a forma conduzem ao psicológico, e são o conteúdo de tudo isso. Tudo isso sou eu, a imagem. Agora, o que é tudo isso, tirante a estrutura biológica e a natureza e a atividade, que possuem, se observamos cuidadosamente, uma inteligência própria. Ou seja, nós destruímos a inteligência orgânica. Nós a destruímos ao bebê-la, ao saboreá-la: "Eu gosto disso, tem sabor melhor; portanto, estou acostumado a isso." Gradualmente, destruímos a inteligência biológica e instintiva.

O que estamos dizendo agora é: psicologicamente, destruímos a inteligência mais profunda. Deixe-me me adiantar nisso devagar, bem devagar. Eu estou investigando. Não aceitem o que eu estou dizendo. Certo? Estamos investigando, estamos compartilhando nossas investigações. Estou afirmando que todo o conteúdo psicológico é o "eu" e a imagem. Não são esses conteúdos constituídos por recordações,

experiências passadas, conhecimento, palavras, o passado? Agora, quando se verifica que tudo isso é agrupado pelo pensamento, sendo o pensamento a resposta do passado... Agora, vamos parar um pouco aqui, o que é o pensamento?

Q: É como o senhor disse, é tudo do passado.

K: O que é o pensamento?

Q: Um movimento no tempo.

Q: O cérebro verdadeiro tentando se equilibrar.

K: Agora esperem um pouco. Se eu lhe pergunto o seu nome, você me responde bem depressa, não é verdade? Por quê?

Q: A memória responde.

K: Vá devagar. Eu pergunto qual é seu nome e você me responde depressa, certo? Por quê?

Q: Estamos familiarizados com ele.

K: Ela disse, estamos familiarizados com ele. Você o repetiu milhares, milhões de vezes. Então você responde imediatamente. Espere um pouco, vá devagar. Eu pergunto qual a distância daqui a Londres. O que acontece?

Q: A resposta demora mais.

K: O que quer dizer demora mais?

Q: É preciso um certo tempo.

K: Eu sei. O que está acontecendo na sua mente?

Q: Você está procurando na sua memória.

K: Devagar. O que está acontecendo na sua mente, no seu cérebro?

Q: Pensando sobre o assunto.

K: Pensando, o que quer dizer isso?

Q: Você está buscando a informação correta.

K: Sim, o pensamento é a busca da informação. Certo? Ou num livro, ou tentando lembrar de quantas milhas é a distância, ou esperando que alguém lhe diga. Certo? Estão me acompanhando? Então eu pergunto qual é a distância daqui a Londres, e o pensamento está imediatamente ativo. Ele diz: "Eu ouvi isso, mas esqueci; deixe-me pensar um pouco. Eu não sei, mas vou descobrir, vou perguntar a alguém, vou procurar num livro." Então o pensamento é movimento: procurar na própria memória ou procurar em algum outro lugar para descobrir. Sendo assim, o pensamento existe na ação. Certo? Estão convencidos disso?

Agora eu lhes pergunto algo diferente. Proponho uma questão à qual vocês respondem, "Eu realmente não sei". O que significa isso? Vocês não estão procurando; o pensamento não está em movimento. O pensamento então diz: "Eu não sei, não posso responder-lhe." Percebem a diferença? A familiaridade e a resposta rápida — o intervalo de tempo enquanto o pensamento está buscando, procurando, perguntando, aguardando, e o pensamento diz, quando você faz uma pergunta que ele realmente não sabe, não pode responder a partir de livro algum: "Eu não sei." O pensamento pára aí. Vocês compreendem? Vejam a diferença. Uma resposta rápida, pois você está familiarizado; e um intervalo de tempo quando o pensamento está em ação; e uma pergunta que ninguém pode responder quando o pensamento diz: "Eu não sei." O pensamento então está bloqueado.

Então, o que é o pensamento? Eu já disse isso, vamos!

Q: O pensamento é a resposta da memória.

K: E a memória, o que é?

Q: Símbolos.

K: Símbolos, figuras, informação — certo? Retratos. Dissemos que o pensamento é a resposta da memória. O que é a memória?

Q: Conhecimento.

K: Conhecimento, experiência armazenada no cérebro. Portanto, o cérebro retém a experiência, o conhecimento de quantas milhas existem daqui até Londres, e responde. Certo? Então vocês acabam de descobrir uma coisa: o pensamento é uma resposta ou movimento da memória. Quando eu aprendo a dirigir um automóvel, isso é uma resposta do conhecimento, que fica armazenada, e eu dirijo. Dessa forma, o pensamento criou a imagem, e porque o pensamento é um fragmento, ele criou o "eu", acreditando que os dois são diferentes. O pensamento criou a imagem, e o pensamento diz: "A imagem é muito fugaz, está sempre mudando, mas existe um 'eu' que é permanente." O pensamento criou ambos. Certo? Sendo assim, quando o pensamento percebe isso, isto é, que criou ambos e que, portanto, ambos são a mesma coisa, o que acontece?

Q: O pensamento fica imobilizado.

K: O pensamento fica bloqueado, não é verdade? Ele diz: "Não posso fazer nada." Não? Então, o que há ali? Você compreende? Peço que compreendam essa coisa tremendamente importante na vida de vocês. Pelo amor de Deus, compreendam isso. Percebam o princípio disso, a verdade disso; vejam a realidade disso. O pensamento criou a imagem, o pensamento criou o "eu" e o pensamento agora diz: "Eu criei a luta entre os dois." Certo? E o pensamento subitamente diz: "Por Deus, eu vejo agora o que fiz." Então, o que acontece?

Q: O senhor não pensa a respeito.

K: Não existe imagem alguma. Quando o pensamento pára, o que sobra? Não há ilusão, não há imagem, não há um "eu"; portanto,

não há danos; portanto, disso resulta a ação adequada, que é inteligente. A inteligência diz: "Esta é a ação adequada." Vocês compreendem isso? A inteligência não *diz*; a inteligência *é* a ação adequada.

Q: E não é preciso o pensamento para a inteligência?

K: Ao contrário! Acabei de mostrar a vocês. Peço que ouçam com atenção. Ouçam, não as opiniões de vocês, as conclusões de vocês; não somente aquilo que vocês compreenderam; apenas ouçam, descubram. Dissemos que o pensamento é a resposta da memória. Certo? O pensamento criou a totalidade da estrutura psicológica, o "eu" e a imagem. A imagem que diz "Eu sou bom", "Eu sou mau", "Eu sou superior", e assim por diante. O pensamento criou também o "eu" e diz: "Eu sou muito mais duradouro; eu sobreviverei à morte", e assim por diante. Portanto, o pensamento criou ambos. Você chega e diz: "Olhe para isso cuidadosamente. O pensamento criou ambos; portanto, ambos são a mesma coisa. Não há divisão entre o 'Eu' e a imagem. Não há divisão entre o observador e o observado. Não há divisão entre o pensador e o pensamento. Não há divisão entre o experimentador e a experiência." Desculpem-me por estar forçando vocês a entender isso.

Então, de repente, o pensamento verifica como tudo isso é verdadeiro. É verdade; o pensamento não *verifica* isso. Isso *é* verdade. Certo? A percepção da verdade é inteligência, e essa inteligência diz: "O que quer que eu faça é ação adequada." Porque não há imagem, não há nenhum "eu", não há conteúdo psicológico; há apenas a inteligência em ação. Vocês conseguem entender isso?

Q: Se o pensamento parou ou está bloqueado, então é óbvio que o senhor não usa o pensamento para...

K: ... a não ser para dirigir um automóvel, para falar uma língua, para executar funções técnicas, e assim por diante. Não há conteúdo psicológico. Você compreende que se trata de algo tremendo descobrir isso por você mesmo. Portanto, você pode viver uma vida sem conflito, uma vida com grande compaixão e tudo o mais.

Q: Tenho a impressão de usar o pensamento para descobrir tudo isso.

K: Não, estamos usando as palavras para transmitir o significado que o pensamento criou. Veja! Eu descrevo algo a você; a descrição é o movimento do pensamento. Certo? A descrição é o movimento do pensamento, mas a descrição não é o descrito. O descrito não é pensamento. A árvore não é pensamento, mas eu a descrevi. Compreendeu?

Assim, o que fica é uma completa libertação da imagem e do "eu". Compreende? Isso é o que todos os santos, os santos sérios, e o que todos os grandes mestres procuraram, de forma a ficar num estado em que apenas a inteligência está em ação, e que é a inteligência de percepção da verdade. Compreenderam tudo isso? Tiveram uma compreensão interior de tudo isso? Não uma descrição verbal, compreendem?

Q: Isto é o que se chama "santidade"?

K: *Isto* é sagrado. Essa inteligência é sagrada, não as coisas criadas pela mão ou pela mente, as estátuas, os templos, as igrejas. Isso não é sagrado; é produto do pensamento. O arquiteto que tinha uma imagem que servia de modelo e a colocou no papel e então a construiu, tudo isso é pensamento. É uma realidade, vocês me acompanham? Este edifício foi construído por um arquiteto e ele é uma realidade; e assim, está aqui. Mas o "Eu", a imagem não está aqui.

Q: Qual é a diferença entre a realidade e o "Eu"?

K: Vejam o organismo; você é o corpo?

Q: Sou.

K: Você é? O que você quer dizer com isso?

Q: Duas pernas, dois braços.

K: Sim, e o nome Jean-Michel, a forma, o formato da cabeça, dos olhos, a curva do nariz, a altura e a largura, certo? Isso é uma rea-

lidade. O organismo é uma realidade, mas a coisa psicológica que o pensamento criou não é uma realidade. Espere, espere, vamos devagar. O corpo, o organismo, a estrutura biológica não são criações do pensamento. A árvore não é criação do pensamento. Certo? Mas o pensamento criou a estrutura psicológica. Isso também é uma realidade. Espere! Mas é uma ilusão.

Q: É ilusão o fato de que não se consegue verificar que ela é criada pelo pensamento?

K: Claro. Não só a ilusão é criada pelo pensamento, todas as ilusões: Eu acredito no Estado perfeito, no governo perfeito, que os comunistas têm a mais perfeita capacidade de organização, e assim por diante. Eu acredito. Isso é uma ilusão, mas o que eles fazem é uma realidade. Entendeu? Se eu discordo deles, eles me mandam para um hospital psiquiátrico. O hospital e eu no hospital é uma realidade, mas isso foi gerado por uma ilusão.

Então iremos descobrir. Isto é, o que quer que o pensamento tenha criado é uma realidade. O pensamento diz: "Eu sou Napoleão." Isso é uma ilusão, mas eu acredito que seja um fato. Compreende? Mas a árvore não é uma ilusão, é um fato; não é criada pelo pensamento. Portanto, a inteligência não é criada pelo pensamento.

Q: Era isso o que eu estava dizendo. Se o seu pensamento pára, como isso poderia ser.

K: Portanto, a inteligência é que opera quando existe um relacionamento não baseado em imagens. Certo? Então essa inteligência no relacionamento produz a ação adequada. Tudo bem? Entendeu um pouco? Segure a cauda do tigre, não deixe que ele se vá, pois você verá que, se se agarrar a isso, você entrará numa dimensão bastante diferente. Mas se o deixar ir, estará como que voltando a viver com a vida bestificada da luta, do conflito e da batalha de cada um contra o outro. Compreende?

Saanen, 20 de Julho de 1976

O problema da consciência é muito complexo. O conteúdo da consciência é toda a natureza e estrutura da consciência. Só se tem noção da própria consciência quando se tem um problema, uma discussão, uma contrariedade, raiva, ciúme, e assim por diante; só então a pessoa torna-se consciente de si mesma. De outra maneira não há a consciência do "eu".

Acho que é importante falar sobre a questão do sofrimento, e sobre a palavra *amor*, que tem sido tão mal-empregada e sobre qual o verdadeiro significado ou sentido desta palavra. Para entrar com profundidade nessas questões, é preciso partir do que chamamos de relacionamento, relacionamento humano. De outra forma, o amor se torna uma abstração sem muito sentido e permanece como algo impresso num livro, ou sobre o que se fala na igreja ou no templo, para depois ser completamente esquecido.

Para apresentar a questão de uma forma muito simples, seria preciso começar, penso eu, por apontar que o relacionamento é toda a estrutura da sociedade. Este é um problema muito complexo. Mas para investigar essa questão é preciso começar bem de perto; e perto quer dizer do relacionamento entre cada um de nós. A seguir, descobrir a partir daí o que vem a ser o relacionamento correto, se é que existe tal coisa, analisando a seguir a questão de qual é a natureza do amor, se pode haver amor enquanto existir o sofrimento dos seres humanos, e se pode se pôr um fim ao sofrimento, especialmente o psicológico. Vamos portanto partir para o exame deste problema, bastante complexo.

Como dissemos, é preciso começar bem de perto para descobrir realmente o que é o relacionamento entre os seres humanos. E é nisso que se baseia toda a nossa estrutura social, moral e ética. Isso é a sociedade, a sociedade que construímos, uma sociedade que atualmente é bastante imoral, degradada e destruidora. Se fôssemos mudar a estrutura social, deveríamos começar pelo seu interior e não apenas pelo exterior. Acredito que isso é bastante óbvio se examinarmos atentamente as tentativas feitas pelos comunistas e por outros reformadores; eles acreditam que alterando, reformulando a estrutura social e ambiental, os seres humanos mudarão radicalmente. E quando examinamos os vários experimentos feitos na Índia em tempos antigos, e na China em tempos mais recentes, conclui-se que os seres humanos basicamente não mudam mesmo que o ambiente mude. É muito importante, creio eu, compreender o nosso relacionamento com a sociedade, e se, ao transformar basicamente a mente humana e a consciência, uma nova ordem social pode se tornar realidade. Este é um dos nossos problemas, pois a ordem social deve mudar inevitavelmente. Ela precisa de uma transformação radical. Os terroristas, os revolucionários e os idealistas, alguns deles pelo menos, acreditam que, mudando-se o ambiente, atirando-se bombas e todo o resto da revolução física, de alguma forma se transformará a natureza e a estrutura da consciência humana. Pensamos que a transformação radical da sociedade só poderá acontecer quando houver ocorrido uma transformação radical na consciência humana. Penso que deixei isto muito claro desde o início.

Sendo assim, precisamos descobrir o que é o nosso relacionamento com a sociedade, o que é o relacionamento entre todos nós, o que é o relacionamento humano com a humanidade como um todo, um relacionamento global. Portanto, o que vem a ser, na verdade, na nossa vida diária, o nosso relacionamento com cada pessoa e no que ele se baseia? Como dissemos, a palavra não é a coisa, a descrição não é o descrito. O que estamos fazendo não é uma descrição verbal; mas, se ficarmos restritos à descrição e não formos ao que é descrito, ao fato, então estaremos meramente arranhando a superfície e perderemos todo o verdadeiro sentido. Assim é preciso estar consciente de cada palavra que se usa para não se ficar preso às palavras, para

não se ficar preso às descrições, às conclusões, mas sim olhar, observar o que é realmente o nosso relacionamento na vida diária, e se esse relacionamento pode ser transformado em alguma outra coisa que não "naquilo que existe". Este é o nosso problema. Para transformar o "o que existe" é imperioso estar preocupado e observar completamente "o que existe", e não imaginar "o que deveria existir". Certo?

Em que se baseia o nosso relacionamento? No conhecimento? Na experiência? Ou será que em inúmeras formas de conclusões intelectuais, emocionais e sentimentais? Por favor, enquanto estivermos falando, se não se importarem, observem os seus relacionamentos com os outros — o verdadeiro, não o que pensam que deveria ser, não um relacionamento ideal, mas um relacionamento do dia-a-dia, fatual, diário — pois é assim que vivemos e, se compreendermos isso poderemos ir muito mais adiante. Mas sem nos aprofundarmos nisso, simplesmente imaginar, ou ter um relacionamento fantasioso não tem nenhum sentido, pois estamos lidando com fatos, e não com abstrações idealistas que não nos levariam a lugar algum. Então, insisto, o que é, na verdade, o nosso relacionamento?

Relacionamento pressupõe uma resposta. O verdadeiro significado da palavra, segundo sua raiz, e não segundo o que a fizemos significar, é responder completamente ao outro, como responsabilidade. Será que respondemos de forma plena ao outro ou será que o fazemos de forma fragmentária, com respostas parciais? Se for uma resposta parcial, fragmentária, por que isso ocorre? Vocês compreendem a minha questão? Espero que estejamos nos comunicando, pois isso é realmente muito importante. Como tudo o mais sobre o que falamos, o relacionamento humano é das coisas básicas, essenciais e radicais que precisamos desvendar, pois a partir daí podemos descobrir por nós mesmos o que significa o amor, o que o amor é *realmente*, e não do que ele é feito. Assim, é da maior importância para cada um de nós descobrir o que nossos relacionamentos são realmente, se eles podem ser transformados, e se é possível transformá-los radicalmente.

E não é o nosso relacionamento baseado na memória, memória acumulada através de diversas respostas emocionais, irracionais ou sexuais? Ou seja, há desejo mais pensamento, e o pensamento cria

a imagem. Certo? Desejo, ou seja, sensação, mais pensamento, e o pensamento cria a imagem de mim mesmo e de você. Assim, existem duas imagens: eu mesmo e aquela que criei a partir de você. Certo? Mergulhem nisso comigo, por favor. Trata-se da vida de vocês e, por todos os deuses, pensem um pouco nisso, porque estamos nos destruindo uns aos outros; estamos destruindo a terra, o ar — tudo aquilo que tocamos está sendo destruído. E penso que não nos sentimos muito responsáveis por tudo isso. Assim peço que dediquem um pouco da sua atenção, ou seja, de seus cuidados, da sua afeição, para descobrir o que são, na realidade, os nossos relacionamentos.

Dissemos que nossos relacionamentos são sensação mais pensamento, isto é, desejo, e a imagem que o pensamento moldou a partir desse desejo. Assim, tenho uma imagem de mim mesmo, várias imagens, a imagem do homem de negócios, a imagem do intelectual, a imagem emocional, e várias imagens que a sociedade me ajudou a construir, que a educação me ajudou a construir. Eu tenho uma imagem, e meu relacionamento com *você* é outra imagem que estou fazendo de você. Certo? Isto é um fato absoluto. A imagem, ou a figura, ou a forma, isso é você, e eu me relaciono com você através dessa figura. Estou ligado a essa figura. Quer você seja a minha mulher, o meu amigo, a minha namorada ou namorado, ou qualquer outra coisa, estou ligado à imagem que fiz de você, e estou me prendendo a essa imagem. E essa imagem é projetada através dos vários incidentes do contato que mantivemos um com o outro. E você tem uma imagem sobre você mesmo, várias imagens, e você me acrescenta como mais uma imagem. Portanto, a sua imagem e a minha imagem de você se relacionam.

Mergulhem nisso, por favor, mergulhem. Olhem para vocês mesmos. Você está casado há cinco ou dez anos, ou você tem uma namorada ou um namorado, e lentamente as imagens se constroem, consciente ou inconscientemente, em geral inconscientemente. Assim, a imagem formou raízes através de aborrecimentos, de dominação, de suposições, de insultos, de possessividades, de apegos — estão me seguindo? Todos esses incidentes serviram para formar a imagem que eu tenho de você. E você faz o mesmo sobre mim. A isso chamamos relacionamento, e a isso chamamos amor. "Eu te amo", o

que significa, eu amo a imagem que construí de você. Isso parece cínico, mas não é; é um fato verdadeiro.

Então, para que o cérebro produz imagens? Entendem a minha pergunta? Eu formei uma a seu respeito, e você formou uma a meu respeito. Isso é um fato e eu estou perguntando: Por que o cérebro faz isso? Ou seja, o pensamento, por que o pensamento cria essa divisão entre você e eu através da imagem? Está claro? Por quê?

Como dissemos, o cérebro precisa de segurança. Desde a infância, as crianças necessitam de segurança, elas precisam ser protegidas. Nós não as protegemos, mas isso é outra história. Nós as destruímos. Isto é outra questão. Assim, o cérebro precisa de completa segurança. E pode encontrar segurança na ilusão, em Deus, em imagens fantásticas, em todos os tipos de coisas e, portanto, ficar neurótico. Ou ele pode encontrar a segurança na imagem que construiu como conhecimento. Estão acompanhando o que eu digo? Portanto, o cérebro construiu essa imagem através do pensamento, para ficar completamente seguro. Eu *conheço* a minha esposa — estão me acompanhando? — eu a *conheço*. Esta é uma afirmação positiva. Ou seja, a imagem que formei sobre ela me dá a sensação de que eu a possuo completamente, de que ela é minha. E o contrário também, e assim por diante. Portanto, as imagens são construídas pelo desejo de completa segurança. Este é um dos fatores.

E possuir uma imagem é muito conveniente, pois dessa forma você não precisa olhar para ele ou para ela; não precisa se preocupar. Você se sente bastante responsável perante essa imagem, não perante o ser humano. Observe você mesmo, por favor! E se um tiver uma imagem sobre o outro, você vive seu dia-a-dia num nível bastante superficial, no nível superficial sexual. E a pessoa sai para o escritório e volta; e você conhece essa vida muito superficial que a pessoa vive. Essa é uma das razões pelas quais a imagem se torna muito importante.

Agora, quando se percebe esse processo de formação de imagem, quando se toma consciência disso, então surge a pergunta: Esta formação de imagem pode terminar? Compreendem a minha pergunta? Isso é muito importante. Por favor, olhem para vocês mesmos, exa-

minem os seus relacionamentos. Vocês têm uma imagem e eu tenho uma imagem, e o nosso relacionamento baseia-se nisso.

A pergunta seguinte é: Por que o cérebro encontra motivos para fazer isso? E uma outra questão é: Será possível não formar imagem alguma? Se isso puder ser evitado, nosso relacionamento fica muito mais significativo. Estamos nos encontrando? Estamos perguntando: Será possível não construir essa imagem? O formador de imagem é, obviamente o pensamento. Certo? O pensamento é tempo, a lembrança de diversos incidentes de ontem, o que é tempo, e através do tempo a imagem se formou, dia após dia, dia após dia. O pensamento construiu a imagem através do desejo, da sensação, e assim por diante. Estamos agora perguntando se todo esse *momentum*, que é o *momentum* da tradição, pode ser interrompido.

Somos escravos da tradição. Podemos pensar que somos modernos, muito livres, mas lá no fundo somos bastante tradicionalistas, o que se pode observar quando aceitamos essa formação de imagens e estabelecemos o nosso relacionamento com cada pessoa baseando-nos nessas imagens. Isso é tão antigo quanto andar para a frente. Esta é uma das nossas tradições. Nós a aceitamos, vivemos com isso, nos torturamos uns aos outros com isso. Então, essa tradição pode ser interrompida? Isto é, quando ocorrer um incidente, um acontecimento no nosso relacionamento, não registrá-lo em absoluto? Compreendeu? Não.

No nosso relacionamento diário você diz alguma coisa quando está zangado, irritado, e o cérebro a registra e acrescenta à imagem que você formou sobre você. Esse insulto, essa irritação, essa raiva com algo que você disse, que me machuca, que machuca a imagem, isso pode ter um fim? Compreendem a minha pergunta? Isso só pode acabar quando você compreende todo o processo do registro feito pelo cérebro. O cérebro registra tudo. Agora mesmo ele está registrando tudo o que estou falando. E quando um incidente acontece, ele o registra. Agora estamos perguntando se esse registro pode ser interrompido. Compreendem a pergunta? Eu o insulto no nosso relacionamento e imediatamente há uma reação e o registrador põe-se a funcionar. Isso pode ser interrompido? Pois, de outra maneira, o nosso amor será apenas emocional, sentimental, sexual, e bastante

superficial. Apenas a mente que não foi magoada é capaz de amar, não é verdade? Vocês percebem o sentido disto? Vamos em frente. Então você me magoa, ou seja, você machuca a imagem que construí sobre mim mesmo. Esse insulto pode deixar de ser registrado se o meu cérebro não estiver magoado? Então saberei o significado total e a beleza de algo que eu sempre soube que existia mas que só agora eu verifico. Assim, vou descobrir se é possível impedir totalmente que essa dor seja registrada.

Isso só é possível quando a imagem *não existe*. Está claro? Quando não tenho imagem alguma sobre você e você não tem imagem alguma sobre mim, só então o que quer que você diga não deixa marcas. Isso não quer dizer que eu esteja isolado, ou que não tenha afeição, mas o registro de mágoas, de insultos, todos esses movimentos do pensamento chegaram ao fim. Ou seja, estar completamente atento no momento do insulto, com todos os seus sentidos. Vocês percebem? Nossos *cérebros* ficam magoados. Através de vários choques, de incidentes, uma sensação de tremendo dano está sendo feito contra o cérebro. Ele quer segurança, e ele encontra segurança nas coisas normais e anormais. Como uma nação, adorar uma nação é anormal, um instinto tribal, mas ele encontra segurança nisso, e assim por diante. O próprio desejo de segurança o está destruindo. Compreendem? Sinto-me seguro com a minha família. Com a minha família há uma batalha sendo travada o tempo todo, entre eu e você, com meus filhos, conflito constante, agonia, desespero, aborrecimentos. Você sabe que tudo isso está acontecendo dia após dia, continuamente. Isso é um grande choque para o cérebro. E então dizemos: enquanto houver um formador de imagens deve haver feridos, deve haver registros. Somente quando o formador de imagens deixar de existir cessarão os registros. O que implica dizer que não há o "eu", que é a imagem que se machuca. Compreende? Não existe o "eu". O "eu" é a imagem que tenho sobre mim mesmo como uma pessoa extraordinariamente capaz ou como um ser humano bem-sucedido; as coisas que o pensamento construiu em torno de si mesmo como o eu, a imagem profundamente consciente ou inconsciente que ele construiu.

No nosso relacionamento, a construção de imagens torna-se uma extraordinária atividade do dia-a-dia; portanto, não existe realmente relacionamento. O relacionamento só pode acontecer quando não há imagem. Você compreende o que estou dizendo? E você tem alguma coisa disso? Não verbalmente, mas *verdadeiramente*, no seu sangue! Então isso traz a verdade ao nosso relacionamento.

Então, o que vem a ser o nosso relacionamento se não existe imagem entre eu e você? Quando você não tem nenhuma imagem sobre mim, o que é o seu relacionamento comigo? Quando você não tem imagem, e eu não tenho imagem, o que acontece entre nós? Porque tenho uma imagem sobre mim mesmo entro em luta com você; você não tem imagem, então você não está em luta comigo. Você compreende? E você pode, no nosso relacionamento, provocar em mim um estado de espírito no qual a formação de imagem deixou de existir? Esta é a sua responsabilidade para comigo. Quando você não tem imagem, e eu tenho uma imagem sobre você, você tem a responsabilidade no nosso relacionamento de cuidar para que eu não forme imagens sobre você. Esta é responsabilidade sua. Então você fica atento, fica alerta, permanece plenamente vivo, e eu passo a minha vida toda semi-adormecido. Portanto, é responsabilidade sua o fato de eu não ter imagem.

Sendo assim, duas pessoas não terem imagem — se isso alguma vez ocorrer — é algo milagroso, maior que qualquer milagre na terra. Se isso acontecer, então há um tipo de comunhão totalmente diferente entre cada uma das pessoas. O que implica a não existência de brigas — compreendem? — nunca ser possessivo, nem dominador, nunca moldar o outro por palavras, ameaças, insinuações. Tem-se então um relacionamento dos mais extraordinários. Eu sei que isso pode acontecer. E já aconteceu; nós o fizemos. Não se trata apenas de um amontoado de palavras.

Estamos afirmando que quando não existe imagem existe amor. Precisamos, pois, descobrir o que é, na realidade, esse amor. O que vem a ser o que chamamos amor nas nossas vidas? Quando você diz que ama alguém, o que isso significa? Trata-se de amor sexual, algo biológico, a recordação disso, a exigência disso, a busca disso? Isso aparentemente tem um extraordinária significação na nossa vida;

é mostrado em todas as revistas, nos cinemas, e em tudo o mais. Trata-se de amor sexual? Trata-se de amor quando há ciúme? Compreendem? Existe amor quando — por favor, me escutem —, quando saio para ir para o escritório ou para a fábrica, ou me torno uma secretária, ou o que quer que seja, e você também se põe a fazer algo, pois quer se realizar. O marido quer se realizar, a mulher quer se realizar, os filhos querem se realizar; afinal, onde estamos? Vocês compreendem? E tudo isso recebe o nome de "amor", "responsabilidade". Sendo assim, para descobrir o que vem a ser o amor, não pode haver fragmentação, fragmentação no meu trabalho e nas implicações deste meu trabalho, e não pode haver divisão entre o meu trabalho, a minha família, a minha mulher, a minha garota. Compreendem o que estou dizendo? Não se trata de algo quebrado. Eu vou para o escritório; lá eu sou bastante ambicioso, cheio de cobiça e inveja, desejo sucesso, você sabe, empurrando, empurrando, levando, competindo, e então volto para casa e digo: "Oh, querida, eu te amo." Isto se torna muito pequeno. Essa é a nossa tradição.

Então, estamos perguntando: será possível viver uma vida totalmente harmoniosa, plena, de forma que, quando vou para o escritório, eu estou totalmente lá, e não alguém diferente da minha família? Você compreende? Será possível isso? Não diga que isso é uma idéia, uma utopia. É preciso tornar isso possível, é preciso trabalhar nisso, debruçar-se sobre isso, porque estamos nos destruindo.

O amor só se torna realidade quando há plena harmonia na pessoa, em qualquer coisa que esteja fazendo, de forma que não há conflito entre o exterior e o interior. Para descobrir a maneira de viver assim, para descobrir como viver uma vida que não seja contraditória, que não seja feita em pedaços, que não seja conveniente, confortável, que seja total, plena, harmoniosa, para descobrir isso é preciso que seja examinada a questão do sofrimento. Tudo está relacionado, compreendem? O relacionamento, o amor, o sofrimento; tudo está inter-relacionado.

O homem tem vivido com essa coisa que se chama sofrimento. Ele tem carregado esse fardo desde a antiguidade. E ainda estamos carregando esse fardo; somos muito sofisticados, altamente técnicos e assim por diante, mas no nosso íntimo existe esse desgosto, essa

dor, essa solidão, essa sensação de isolamento, essa sensação causada pelo grande fardo do sofrimento, não apenas o sofrimento que cada um sente pela sua própria vida, mas o sofrimento da humanidade. Estamos nos encontrando? O sofrimento da humanidade, senhores, eles estão sofrendo na Índia, na Ásia, no mundo árabe, no mundo judeu, na Rússia; os seres humanos estão sofrendo, há um sofrimento global. E nossos minúsculos eus também estão sofrendo. Por isso a nossa pergunta: Será possível dar um fim a este sofrimento? Se não houver fim para o sofrimento, então não existe compaixão, não existe amor, não existe relacionamento. Isso é o que verdadeiramente está ocorrendo na nossa sociedade: não existe relacionamento, não existe amor, compaixão, não há fim para o sofrimento; portanto, estamos fazendo da nossa vida uma confusão horripilante. Compreendem?

Perguntamos, então: Não existe fim para o sofrimento? Essa é uma pergunta que todo ser humano fez a si mesmo quando sério, quando olhou para o próprio sofrimento e para o sofrimento do outro. Ele faz a seguinte pergunta: "Isso pode ter um fim? Ou existirá uma desgraça interminável no homem?" Iremos descobrir, não de forma abstrata, não em teoria, mas descobrir na realidade se você, como ser humano que representa o mundo — e o mundo é você —, se você pode dar um fim a esse sofrimento. Vamos descobrir.

Este é um assunto muito sério, como tudo o mais na vida, e muito complexo. Para descobrir o que vem a ser o amor é preciso se despojar de todas as tradições, de qualquer sentido de emoção, de sentimento, de tudo aquilo de que a pessoa se cercou, deixar de lado tudo isso. Depois disso, para abordar algo que é pleno, total, harmonioso, é preciso trabalhar, olhar, observar. Iremos então fazer o mesmo com o sofrimento.

Existe uma dor biológica, uma dor física, e essa dor é registrada na mente, no cérebro. Há o medo de que ela possa reaparecer amanhã, e isso também provoca sofrimento. Há a solidão, o profundo isolamento, o sentir-se apartado de tudo na vida e a sensação de total retraimento, a sensação de não haver absolutamente nada com o que a mente possa se relacionar. E isso constitui um sofrimento atroz. Não sei se vocês já experimentaram isso. Com a maioria dos seres humanos isso já ocorreu. Depois há o sofrimento da morte. Você

perdeu a pessoa amada e foi deixado para trás; a solidão, o súbito desaparecimento daquele a quem você acreditava amar, com quem se preocupava, sentia companheirismo, em quem talvez você tenha investido toda a sua imortalidade, tudo isso. Também aí há sofrimento. E há o sofrimento de todas as pessoas do mundo que morreram nas assim chamadas guerras religiosas, guerras pela nacionalidade, guerras pela segurança, matando milhões e milhões pela sua nação em particular, pela sua própria segurança. Existe todo esse imenso sofrimento não revelado. Você compreende tudo isso? E somos responsáveis por tudo isso, não os americanos no Vietnã, ou os árabes em Beirute; seres humanos são responsáveis por isso, pois sua exigência primeira é: por favor, me dêem segurança. E a segurança toma a forma de nacionalidade, a forma de crenças religiosas que muito se aprofundam. Você se atém a isso: isso é a sua segurança, pela qual você está disposto a matar e a destruir. Tudo isso produziu milhares de anos de sofrimento. Certo? Estamos descrevendo isso; por favor, não faça nenhum drama a esse respeito, pois é o que temos que enfrentar e compreender.

Existe, portanto, o sofrimento do homem. Ele pode ter fim? Se não puder, estaremos acorrentados eternamente a essa desgraça. O sofrimento pode ser consciente ou inconsciente. Assim, precisamos examinar o inconsciente, as profundezas, o oculto, bem como o consciente. E isso significa que precisamos voltar à questão do que seja a consciência.

O mundo ocidental, através de Freud e de outros, dividiu a consciência em consciente ou inconsciente. O inconsciente é racial, comunitário, herdado; é a tradição, as lembranças, os motivos. E o consciente é a mente, altamente sofisticada, educada, técnica. Então existe uma divisão entre o consciente e o inconsciente. Certo? Essa é a sua tradição. Mas pode não ser nada disso. O que ocasionou essa divisão? O pensamento — certo? A menos que se compreenda o profundo significado do movimento do pensamento, cada movimento que ele faça deve ser tal a produzir divisão. Assim, nas camadas mais profundas da consciência de uma pessoa, existe sofrimento? Estará acumulado o sofrimento de milhares de anos de sofrimento humano, trazido do passado até o presente num ser humano, bem no fundo dos

mais profundos recessos da mente? Dissemos que isso faz parte do conteúdo da consciência. A parte faz o todo. O passado é consciência. Assim, existe em nós o sofrimento passado do homem, na nossa consciência. Isso pode ter um fim? Você percebe a importância do final disso, a essencialidade disto? Não concordem simplesmente, dizendo: "Bem, isso vem acontecendo há um milhão de anos. Qual a importância disso? Algumas pessoas a mais a sofrer, algumas pessoas a mais sem sofrer, que importância isso pode ter?" Mas tem uma importância tremenda, pois quando um ser humano se transforma totalmente, radicalmente, ele afeta o todo da consciência humana. Vocês compreendem? Vou mostrá-lo a vocês.

Não terá, por acaso, a sua consciência sido afetada por todos os acontecimentos do passado; por Hitler, por Stálin, por todas as tiranias, por todas as brutalidades? Tudo isso é o passado. O conteúdo dessa consciência é a consciência humana. Você é afetado, já que vive no Ocidente, pelo cristianismo. Esse cristianismo, organizado por padres, é parte da sua consciência.

Portanto, o sofrimento é parte dessa consciência, quer seja de forma oculta, quer se esteja consciente dela. Perguntamos agora se toda essa imensa carga de solidão, de desespero, de isolamento, de retirada através das mais variadas formas de ferimentos, de se construir uma resistência em torno de si mesmo, pode ter fim, não de forma gradual, não ao longo de anos, mas ter fim agora? Vocês compreendem a minha pergunta? Compreendem o que estou dizendo? Estamos acostumados, fomos treinados, educados. É nosso hábito dizer: "Bem, vou fazer isso gradualmente. Pode demorar, mas vou fazê-lo." Ou seja, estou sofrendo agora; aos poucos vou pôr um fim no sofrimento. Existe essa imensa lacuna entre o final e o começo. E nessa lacuna várias outras formas de incidentes ou de acidentes podem ocorrer; portanto, há sempre o adiamento. Estão me seguindo? Portanto, é preciso quebrar essa tradição de acontecimentos que sobrevêm como conseqüência.

Nossa pergunta é: pode este sofrimento, que é parte da condição humana, que é parte da nossa consciência, ter um fim, não em algum futuro distante, mas *agora*? O agora é o mais importante — vocês compreendem? Trata-se de descobrir o que é esse agora para que o

sofrimento possa ter um fim agora? O agora é o passado encontrando o presente e, se o passado encontrando o presente se modifica e vai para o futuro, então não existe o agora. Ou seja, o passado, minhas lembranças, minhas ansiedades, minhas esperanças, minhas recordações, prazeres, dores, isto tudo é um movimento com o presente. Isto é, eu encontro você, há o desafio do presente, e ele se modifica e parte para o futuro. O tempo é, pois, um movimento do passado através do presente para o futuro. É com isso que estamos acostumados; isso faz parte da nossa tradição. Os comunistas dizem, tese, antítese e síntese, o que é, pedaço a pedaço, pedaço a pedaço. Sendo assim, o passado encontrando o presente se modifica, e segue adiante para o futuro. Estamos dizendo que o agora ocorre quando o passado se encontra com o presente e encerra esse movimento. Ele só pode se encerrar quando você conhece toda a estrutura da memória, tal como a experiência, como o conhecimento, e a resposta a esse conhecimento, a essa experiência e memória, que é o pensamento; quando o pensamento traz o passado até o presente para que o pensamento termine com ele ali e não para levá-lo para o futuro. Fico me perguntando se vocês apreenderam tudo isso. Entendam isso, pois é muito importante para suas vidas que algo chegue a um fim o tempo todo.

Assim, quando você estiver se sentindo solitário, isolado, com grande sofrimento pela morte de algum outro, ou pela perda de um emprego, e assim por diante — os diferentes sofrimentos que os seres humanos criaram para eles mesmos —, encare essa solidão. Ela foi produzida pela atividade autocentrada da vida diária. Essa solidão é a síntese, a essência da nossa atividade diária autocentrada. Enfrente essa solidão e não dê a ela um futuro. Ou seja, olhe para ela, observe completamente, com todos os seus sentidos, com toda a atenção, e então você verá que o passado se encontra com o presente e pára aí, de forma que não há futuro para a solidão; ela terminou. Da mesma maneira, ponha um fim ao sofrimento com o qual você se familiarizou, pois a maioria de nós construiu vários mecanismos de fuga em relação a ele — fugas por meio de igrejas, da leitura de livros, você sabe, de uma dezena de modos. A própria fuga do sofrimento só faz reforçá-lo, obviamente. Portanto, esteja ciente das fugas; em

outras palavras, dê a elas tempo para florescer; esteja ciente das fugas e encontre o sofrimento completamente, sem nenhum senso de distorção provocado pelo pensamento. Desse modo, pode haver um fim para o sofrimento.

Somente quando o sofrimento tem fim é que ocorre a compaixão. A palavra *sofrimento* está relacionada com compaixão. Compaixão significa paixão por *todas* as coisas. Compreende? Por todas as coisas. Isso significa não matar. Mas os cristãos estão acostumados a matar. Eles provavelmente mataram mais gente do que qualquer outro povo. Portanto, não matar, o que significa que você tem que viver à base de coisas que você precisa matar como os vegetais — você *precisa* matar, compreende? —, mas não matar animais. Quando há esse senso de compaixão, você não mata, seja por um gesto, por uma palavra, por uma idéia.

Portanto, o que estamos dizendo é: Na compreensão do que seja o relacionamento, o amor torna-se realidade. E na compreensão do que seja amor, alteramos a estrutura da sociedade, e há um fim para o sofrimento. Só então há compaixão. Você sabe, a compaixão é a coisa mais extraordinária que existe na vida, pois não existe um "eu" compadecido. Existe apenas aquele estado de compaixão que não é minha nem sua.

Saanen, 31 de Julho de 1977

Estamos falando sobre algo muito importante, pelo menos assim creio. Estamos perguntando: O que vem a ser o amor no relacionamento de cada um com o outro, o amor que existe entre o homem e a mulher, o amor de uma mãe por seu bebê, o amor pelo próprio país, e assim por diante? Pode existir amor se não houver a plena compreensão ou autoconhecimento? E há também a seguinte questão: O que é o relacionamento entre seres humanos que têm autoconhecimento ou que compreendem a si mesmos?

♦

O que é o relacionamento entre seres humanos — homem, mulher, marido, esposa, mãe e filho, e assim por diante? Pois se o nosso relacionamento não for correto — estou usando a palavra *correto* no sentido de real, verdadeiro, certo — criamos então uma sociedade que está se desintegrando, se amedrontando, ou então um mundo de totalitarismo. Nós o criamos e aceitamos.

É muito importante compreender o relacionamento. O significado da palavra é estar relacionado, estar realmente relacionado, estar em contato, ter empatia, simpatia, uma sensitividade que permite compreender o outro completamente e não parcialmente. Como a maioria dos seres humanos não têm em absoluto esse tipo de relacionamento, seu relacionamento é baseado em conflito. Como surge esse conflito? Por favor, isso é muito importante. Vamos examinar isso juntos, pois nossa vida está envolvida. Não vamos desperdiçar nossas vidas. Nós só temos esta vida. O que quer que seja a nossa vida futura, se não

modificarmos aquilo que somos agora, continuaremos de forma diferente — não pretendo entrar nisso.

É muito importante compreender esta questão do relacionamento, pois isso é parte do autoconhecimento, parte do conhecer a si mesmo. Através da compreensão do que é um relacionamento, que é o exterior, você pode se dirigir para o interior. Estamos relacionados com alguma coisa? Com a natureza, com outra pessoa? No nosso relacionamento particular, íntimo, sexual, a mãe e o bebê, e assim por diante, em que esse relacionamento está baseado? Por favor, acompanhem isso por vocês mesmos. Você tem o seu marido, a sua namorada ou namorado, é uma mãe com o seu bebê: tudo isso é parte de sua vida. Assim, por favor, acompanhem, por uma vez na vida sejam sérios.

No que esse relacionamento está baseado? Trata-se de duas entidades, dois seres humanos profundamente preocupados com eles mesmos, profundamente ocupados com suas ambições, com seus assuntos, com suas ansiedades, incertezas, confusão, estas duas pessoas se encontrando — um rapaz e uma garota, e assim por diante. Em seguida, há também todo o problema do sexo, e porque nesse relacionamento cada um está separado interiormente surge o conflito. Obviamente. Certo? Podemos prosseguir?

O conflito torna-se então inevitável quando cada um de nós está ocupado inteiramente consigo mesmo, o que acontece conosco. Ao explorar isso, precisamos ser tremendamente honestos; casos contrário, não vale a pena jogar esse jogo. Então o problema é: Pode existir esse relacionamento sem esforço, sem essa constante luta entre os seres humanos? E o que então vem a ser esse relacionamento no qual não existe absolutamente nenhum conflito? Parece que esse conflito existe porque cada um está centrado em si mesmo. A partir dele, ele vai para fora; a partir dele, ele age; a partir dele, ele diz: "Eu te amo", mas o centro é o "eu", o si mesmo. Isto é claro, não é? Estamos descrevendo o óbvio.

A pergunta então é: Pode esse centro ser compreendido e dissolvido? Caso contrário, a vida, que é relacionamento, deverá ser inevitavelmente uma série de conflitos e incidentes. Isto é claro. Estamos, portanto, perguntando: Pode este centro ser compreendido, examinado? Pode a natureza, a estrutura dele ser vista, e ter fim, não

verbalmente, mas *realmente* ter fim? Esta é a nossa questão. Portanto, é preciso que se observe livremente a natureza e a estrutura da nossa personalidade.

Então, várias questões precisam ser analisadas: "O que eu sou; quem sou?", e, reparando no que afirmam os recentes psicólogos com suas idéias peculiares e novas formas de pensar, você diz: "Por Deus, vou aceitar isso." E estamos dizendo: não aceitem nada pois estarão meramente copiando o que os psicólogos disseram que você é. Assim sendo, não existe autoridade na observação de si mesmo. Livre-se de Freud e de Jung e de toda essa cambada, e parta do início, pois assim aquilo que você descobrir será original e não de segunda mão. Certo?

Ojai, 21 de Abril de 1979

Um excelente arquiteto adquiriu um grande cabedal de conhecimento, construiu diversas casas, catedrais, salões, e assim por diante. Esse conhecimento foi acumulado; ele leu, ele trabalhou nisso, fez experiências construindo vários tipos de casas, salões, e assim por diante. Sendo assim, com esse conhecimento é que ele constrói casas. Nesse caso, o conhecimento é necessário, é óbvio. Mas o conhecimento psicológico, o conhecimento que diz que eu quero isto, que eu já experimentei isto, que eu acredito nisto, isto é opinião minha, e tudo isso, o resíduo psicológico da experiência do indivíduo, e as experiências da humanidade armazenadas no cérebro, disso tudo resulta um pensamento e esse pensamento é sempre limitado. E qualquer ação nascida dele deve inevitavelmente ser limitada e, portanto, não harmoniosa, mas contraditória, divisora, conflitante, e assim por diante.

Portanto, psicologicamente, o próprio pensamento pode ser a raiz da desordem. Você compreende a beleza, a graça e também a lógica disso? Assim, pergunta-se: O pensamento pode ter algum lugar no relacionamento? Vocês compreendem? Ou será o nosso relacionamento com o outro, seja ele íntimo ou superficial, seja em contato físico, emocional ou intelectual, baseado no pensamento? Estamos fazendo esta pergunta, pesquisando isso em conjunto com a mesma mentalidade que é a de descobrir. Se o nosso relacionamento é baseado no pensamento, que se dá com as lembranças, então o nosso relacionamento deve ser limitado. Obviamente. Portanto, nessa limitação há contradição; há você e eu, eu e você, a minha opinião, a minha ambição. Você não está respondendo aos meus desejos sexuais,

mas se opondo a mim, e assim por diante. Por favor, isto é sério pois estamos inquirindo sobre a natureza do amor. Pois esta coisa básica precisa ser compreendida, ou seja, o desejo, o pensamento e, conseqüentemente, a ordem. A verdadeira essência do amor é a ordem. Veremos isso adiante.

Se o pensamento, sendo limitado, cria a desordem, como faz o desejo, então que lugar pode ter o pensamento no nosso relacionamento; não no andar, no falar, no dirigir o automóvel, na construção de uma casa, em ganhar dinheiro, abrigo, roupas, mas no nosso relacionamento, de homem e mulher, qual o lugar do pensamento? Por favor, interroguem, aprofundem-se nisso comigo, não esperem que eu o diga. Se o pensamento é o fator preponderante no nosso relacionamento, então, como o pensamento é limitado, nosso relacionamento deve ser muitíssimo limitado e, portanto, contraditório, antagônico, destrutivo. Então, nosso relacionamento é baseado no pensamento, nas lembranças? É claro que é, você responderá se for honesto. Então vem a pergunta: O amor é apenas uma lembrança, uma lembrança sexual? O amor é a lembrança de um prazer? Pelo amor de Deus, prestem atenção a tudo isso; trata-se da sua vida. A palavra *amor* neste país é usada de forma a não ter mais significado.

Estamos perguntando juntos porque temos a mesma mente para descobrir, porque isto pode trazer ordem à nossa vida; então, poderemos ser capazes de viver com extraordinário senso de felicidade. Felicidade não é prazer; felicidade é ordem. Com a ordem surge a liberdade, e com liberdade vem a responsabilidade. Então, perguntamos: O amor é uma lembrança, é um desejo, é prazer, é apego? E se for uma lembrança na qual há apego, então há ansiedade, conflito, ciúme, inveja, raiva, ódio. Certo? E a tudo isso você chama amor. Certo?

♦

Estamos perguntando juntos: O amor é meramente a satisfação do desejo? Você compreende? O desejo nós já o explicamos cuidadosamente. O amor é a busca do prazer? O que é o que vocês todos querem. E se se basear em recordações, então há contradição; é li-

mitado, portanto, é desastroso para o nosso relacionamento e, com isso, criaremos uma sociedade extremamente destrutiva. Vocês percebem? Estamos afirmando que amor não é desejo, que o amor não é a busca do prazer, não é uma recordação; é algo totalmente, inteiramente diferente. O sentimento de amor, que é um dos fatores de compaixão, surge apenas quando se começa a compreender todo o movimento do desejo, todo o movimento do pensamento. Então, a partir da profundidade dessa compreensão, desse sentimento, algo totalmente diferente chamado amor torna-se realidade. Não deverá ser aquilo que *nós* chamamos de amor. Trata-se de uma dimensão completamente diferente.

Brockwood Park, 2 de Setembro de 1979

Surge um problema quando nossos relacionamentos, sejam eles íntimos ou impessoais, não são compreendidos. Qual o motivo de não termos compreendido o relacionamento ou percebido a sua profundidade? Aparentemente, nunca resolveremos esse problema. Vocês sabem tudo sobre isso, não sabem? Por quê? Será que vocês amam mas não são amados? Será este um problema? Admitamos que isso seja um problema. Ou você não ama e o outro ama. Ou no seu relacionamento com o outro você é possessivo, é dominador, dependente; você quer algo dele ou dela, sexo, prazer, bem-estar. Alguém disse a este palestrista há alguns dias: "Se eu a deixar, quem irá lavar minhas roupas?" Você compreende? Eu gostaria de saber se vocês compreendem tudo isso.

Sendo assim, o que vem a ser o relacionamento, do qual fizemos um tremendo problema? O relacionamento significa estar relacionado com outro, com um ou com diversos ou com toda a humanidade. Oh, você não percebe isso! Por que não existe paz nesse relacionamento, uma profundidade de compreensão recíproca que produz o amor? Por que não existe? O relacionamento sexual entre duas pessoas, entre um homem e uma mulher, é chamado de amor. Certo? Pelo amor de Deus, não sejamos hipócritas, vamos enfrentar essas coisas! Isso é chamado amor. Mas é amor? Ou é a exigência de satisfação sensorial, a exigência de companheirismo, a exigência que é fruto da solidão, a exigência que diz: "Eu não posso ficar só. Eu não consigo suportar esta imensa solitude em mim mesmo, portanto,

eu preciso ter alguém de quem eu possa depender psicologicamente." Você precisa do carteiro, do carregador, e de todos os outros, mas por que existe essa tremenda divisão psicológica no relacionamento entre homem e mulher? A pessoa está ciente dessa grande divisão entre você e o outro, a quem você diz que ama? Precisamos discutir isso? Será necessário? Aparentemente, sim.

Você já observou que entre duas pessoas, seus pensamentos, seus sentimentos, não são nunca os mesmos? Um é ambicioso, o outro não é; um é agressivo, o outro não é; um é possessivo, o outro não; um é dominador e o outro é dócil. O que significa isso? Cada qual gira em torno da sua atividade. Certo? Estão me acompanhando? Observem a si mesmos. Você é autocentrado e o outro também é autocentrado; assim, há a divisão. Onde há divisão deve haver brigas, tem de haver antagonismos, tem de haver todo tipo de coisas que se passa entre nacionalidades diferentes. Quando há divisão, há o caos. E a essa divisão chamamos "amor". Vocês não o enfrentam.

Portanto, ao procurar algo além do tempo deve haver um completo senso de relacionamento, que só pode surgir quando existe amor. Certo? Amor não é prazer, obviamente. Isso o banaliza. Amor não é desejo; amor não é o preenchimento de suas exigências sensoriais. Estão me acompanhando?

Assim, sem amor, façam o que fizerem, apóiem a cabeça entre as mãos e sentem-se a meditar pelo resto da vida de pernas cruzadas, vistam roupas exóticas, façam o que quiserem, sem essa qualidade não há nada. Portanto, se uma pessoa quiser encontrar algo além do tempo deve haver um relacionamento completamente adequado de forma a não haver problemas. E essa qualidade de grande afeição, de amor, que não é resultado do pensamento, deve existir.

Então podemos seguir adiante tentando descobrir. Veja como é difícil. Porque a maioria de nós é indulgente consigo mesma, muitos de nós somos tão fúteis, tão pequenos na nossa perspectiva. Suas mentes, portanto, precisam se livrar de todos esses movimentos ansiosos autocentrados. Pois isso cria o problema, e quando a mente tem problemas ela não pode, em absoluto, ver claramente. A mente que vive eternamente a tagarelar não é serena.

Bombaim, 25 de Janeiro de 1981

Sociedade é uma abstração. Uma abstração não é uma realidade. O que é real é o relacionamento entre um homem e outro homem. O relacionamento entre homem e homem criou aquilo que denominamos sociedade. O homem é violento, o homem é autocentrado, o homem vive em busca de prazer, vive assustado, inseguro; por si mesmo, ele é corrupto e essa forma de relacionamento, seja ela íntima ou não, criou a assim chamada sociedade. Isso é claro, é óbvio. Mas nós sempre tentamos modificar a sociedade, não o homem que criou a sociedade na qual ele vive. Por favor, isto é simples, é lógico e claro. E os socialistas, os comunistas, os capitalistas, e assim por diante, têm sempre tentado modificar essa coisa amorfa e abstrata chamada sociedade. Mas eles nunca atacaram o problema do relacionamento do homem com o homem. Pergunto: isso pode ser mudado? Este é o ponto principal. Pode o seu relacionamento com outro, que é íntimo, sexual, que busca o prazer, baseado na idéia de que você é separado do outro e, portanto, existe uma batalha entre vocês, pode toda essa estrutura psicológica ser mudada? Compreendem? Estamos caminhando juntos? Ou vocês estão apenas acompanhando uma estrutura verbal?

O palestrista não é um reformador, um reformador social. Ele é essencialmente um homem religioso. Ele não pertence a nenhuma sociedade, a nenhum grupo religioso de crentes rabugentos. Ele não pertence a nenhum país; ele não tem crenças, ideologias, mas está apenas encarando o que está se passando e vendo se é possível mudar radicalmente tudo isso. Se você estiver agora sério o bastante para mergulhar nisso, vamos caminhar juntos, sabedores que a salvação

individual prometida por todas essas estruturas de religião não tem sentido. Este orador não está oferecendo salvação pessoal. Este orador está dizendo que pode existir um fim no conflito entre homem e homem; e, portanto, um novo tipo de sociedade pode ser produzido a partir disso. Vocês estão interessados em tudo isso?

Quem criou a estrutura social e quem criou o "eu", que é, essencialmente, a estrutura psicológica? Estamos perguntando, quem é responsável pelo atual estado do mundo? Certamente não foi Deus quem criou este nosso mundo atual, a presente estrutura da sociedade com suas guerras, crueldade espantosa, ação autocentrada, competição. Certamente Deus não criou esta sociedade, mas você, homem, criou Deus à sua própria imagem. Você está assustado, você quer bem-estar, você quer segurança, um senso de estabilidade; então você criou uma idéia, um conceito chamado Deus, a quem você adora. Você compreende a ironia, o absurdo? Deus foi criado pelo homem.

Qual a origem de tudo isso? A origem da natureza, do universo, o começo de tudo isso, quem é responsável? A maioria de nós, a maioria de vocês, pelo menos, acredita em algo que é confortador. Como a origem de um rio que começa lentamente com uns poucos fios de água na fonte, e ganha força à medida que desce a montanha, as colinas, até atingir o vale como uma enorme massa de água se dirigindo para o mar, qual a origem de tudo isso? O homem sempre buscou descobrir a origem e continua a buscá-la através de telescópios, indo para a Lua e para Saturno. O mundo do Ocidente vive indagando sobre tudo isso. Para descobrir isso, se você for sério, e não apenas aceitar o que está impresso nos livros, é preciso uma enorme investigação e energia. É preciso um cérebro extraordinariamente ativo, um cérebro não acorrentado a nenhum problema. Somente um cérebro livre de problemas pode resolver problemas. E para descobrir — não como um indivíduo —, para descobrir a verdade da origem, é preciso compreender a natureza da meditação, a cessação de todos os conflitos. Só então é possível encontrar a origem; só então pode ser visto o solo de onde parte tudo isso.

Quem criou a estrutura psicológica — vocês compreendem? —, a estrutura que é chamada de "eu", de "você", de "nós", de "eles"? Quem é responsável por isso, pela agonia, pela ansiedade, pelo enor-

me sofrimento da humanidade, não somente o sofrimento pessoal com todas as suas lágrimas, a depressão, a ansiedade e a solidão, mas também quem criou esse extraordinário mundo de tecnologia que está avançando a uma velocidade incrível? Quem criou esse sentimento interior, esse sentimento interior de desespero, de ansiedade, de sofrimento? Vocês compreendem tudo isso? Quem criou tudo isso? Se vocês disserem que foi Deus, esse deve ser um Deus muito estranho. Se vocês disserem que foi o karma, a vida passada, o que novamente indica que vocês acreditam, vocês estão presos à idéia de individualidade — que é não-existente. Então, se vocês se puserem a indagar, a investigar ceticamente, jamais aceitando uma autoridade, o Gita, os Upanishads, a Bíblia, o Corão, e todo o resto, vocês terão um cérebro que é livre para examinar.

Estamos, pois, perguntando: Quem foi o responsável por esses dois estados, pela estrutura psicológica e também pelo mundo tecnológico no qual estão vivendo — o computador, o robô, a comunicação extraordinariamente rápida, as cirurgias, a medicina — e o estado interior — a cobiça, a inveja, o ódio, a brutalidade, a violência? Esses dois existem juntos. Quem é responsável por tudo isso? Por favor, perguntem isso a vocês mesmos.

Com certeza, o pensamento é o responsável. O pensamento criou o mundo tecnológico. O pensamento concentrou grande energia para ir até a Lua. O pensamento criou a comunicação rápida, criou o computador e o robô. O pensamento, portanto, criou o mundo tecnológico. O pensamento criou também as figuras, os quadros, os poemas, a linguagem que falamos. O pensamento criou a maravilhosa arquitetura — talvez não em Bombaim —, as grandes catedrais, as mesquitas maravilhosas, os grandes templos da Índia, as esculturas. O pensamento fez tudo isso. O pensamento criou também a guerra. Ele desuniu povos como os hindus e os muçulmanos. Espero que estejam acompanhando o que digo. Essa divisão em nacionalidades, que é um veneno, foi criada pelo pensamento. O muçulmano com sua crença, com seus dogmas, com sua eterna repetição de uma coisa ou outra, e o hindu com seu condicionamento, com sua repetição do Gita e tudo aquilo, ambos estão sendo programados. Ambos foram condicionados, o mundo islâmico talvez pelos últimos mil anos aproxima-

damente, mas os hindus talvez por três mil anos. Eles foram condicionados dessa maneira. Portanto, o pensamento criou o mundo exterior a nós, o mundo tecnológico, mas não a natureza. O pensamento não criou a árvore, graças a Deus. O pensamento não criou o tigre, esse maravilhoso animal, nem a gazela, nem o rio, nem o oceano, nem os céus. Mas o pensamento criou o nosso mundo psicológico com o seu medo, sua ansiedade, sua eterna busca de segurança. Isso é um fato. O templo foi construído pelo pensamento e a coisa que está dentro do templo é arregimentada pelo pensamento; os rituais são criados pelo pensamento, e tudo o que os padres dizem é criado pelo pensamento. Certo? Isto é um fato. Vocês gostariam de dizer que isso é sagrado, porque vem sendo transmitido de geração a geração, mas ainda assim trata-se de um movimento do pensamento. O pensamento não é sagrado; o pensamento é um processo material. Eis onde está a nossa dificuldade. O pensamento é um movimento no tempo.

Vou tratar disso; vocês verão por si mesmos. O pensamento é o resultado ou a resposta da memória. A memória é armazenada no cérebro; memória é conhecimento, conhecimento é experiência. Assim, experiência, conhecimento, memória, ação, e a partir dessa ação você aprende, resultando então maior conhecimento. Portanto, o homem, o cérebro, é preso por esse processo: experiência, conhecimento, memória, pensamento, ação. Esse é o processo segundo o qual todos nós vivemos. Certo? Não há nada ilógico nisso. O pensamento criou o mundo tecnológico e o pensamento criou o mundo psicológico, o mundo do "eu": minha mulher, meu marido, minha filha, minha ambição, minha cobiça, minha inveja, minha solidão; meu desespero, meu apetite sexual, tudo isso é produzido pelo pensamento. Não há como negar isso; seria absurdo negar isso. O guru que vocês criaram é o resultado do pensamento de vocês; então, vocês seguem o que o pensamento de vocês criou. Vejam o absurdo, a imaturidade, a criancice disso tudo. Eu sei que é óbvio que vocês ouvirão mas prosseguirão à sua própria maneira, pois essa é a maneira mais conveniente, irracional e impensada, e se é cômoda, ela indica que vocês realmente não se importam com o que acontece no mundo; vocês realmente não têm nenhuma afeição, nenhum amor pela humanidade.

Tudo com que se preocupam é com o seu próprio pequeno bem-estar. Certo?

Mas, se quiserem mergulhar fundo nisso será preciso que investiguemos o tipo de relacionamento que o pensamento estabeleceu. Esse relacionamento criou a sociedade em que vivemos, a sociedade que é tão contraditória — alguns acumulando fortunas enormes e outros vivendo na pobreza; as guerras, a selvageria que está ocorrendo, e assim por diante. Portanto, para produzir uma mudança radical na sociedade, essa sociedade, que é uma abstração do relacionamento entre homem e homem, o que deve mudar é o relacionamento de vocês com o outro, uma vez que ele criou este mundo monstruoso. Eu gostaria de saber se vocês percebem isso, não o aceitando apenas como uma idéia mas enxergando a verdade que há nisso, o que há no interior disso. Como tudo está se tornando perigoso no mundo: superpopulação, divisões nacionais e comunitárias, tudo o que está se passando no mundo! Esse problema não pode ser solucionado por nenhum político ou cientista ou burocracia; e nenhum guru poderá jamais resolvê-lo. Apenas se *você* enxergar esta extraordinária coisa vital: que você, como ser humano, é a totalidade da humanidade, e que quando você está vivendo apenas para você mesmo como um indivíduo, *essa* é a coisa mais destrutiva, pois nisso deve residir o conflito mais duradouro. Se vocês realmente verificarem — não como uma idéia, não como uma teoria — a verdade que é o fato de vocês serem psicologicamente a totalidade do mundo, a totalidade do ser humano, então vocês perceberão o que acontece. Isso lhe dá uma enorme vitalidade e energia. Mas o condicionamento é tão forte — ele já vem de milhares de anos — a dizer que você é um ser humano separado. A religião, os livros de vocês, tudo diz isso, e se vocês aceitam isso e vivem com isso, vocês estão fadados a ser eternamente infelizes, eternamente em conflito.

Assim, para ir diretamente ao que interessa: Por que os seres humanos nunca mudam? Esta é uma pergunta importante. Por que vocês vivem em conflito, em desgraça, em confusão, na incerteza, discutindo com a mulher, com o marido, tudo isso se passando na família; por que aceitam isso, vivem com isso? Por quê? Compreendem a minha questão? E é porque estamos tão acostumados a um

determinado padrão de pensamento, a um determinado padrão de vida que somos incapazes de romper esse padrão? E será preguiça, será medo do desconhecido, aceitar "o que existe" em vez de sair "do que existe"? Será que seus cérebros ficaram tão obtusos por causa da nossa educação? Vocês todos são doutores, mestres em finanças, em administração, e assim por diante; estará essa educação condicionando vocês a serem engenheiros pelo resto da vida de forma a se tornarem incapazes de pensar em outra coisa que não sejam pontes ou estradas de ferro? Estará a nossa educação destruindo a humanidade?

Por favor, examinem tudo isso, pelo amor de Deus! O que provocará uma mudança no homem, ou seja, o que mudará o seu relacionamento com outra pessoa? Compreendem? Esta é a questão básica. Nós todos estamos preocupados com a sociedade em mudança, com a fealdade, a brutalidade, o horror que está ocorrendo e nunca nos perguntamos por que cada um de nós não muda, por que não muda o nosso relacionamento.

Assim, o que vem a ser o seu relacionamento? O que é o seu relacionamento com a mulher, o marido, a irmã, a filha, ou com quem quer que seja? O que é esse relacionamento? Vamos. Será esse relacionamento baseado numa busca egotista, cada um desejando à sua maneira? Compreendem tudo isso? Precisamos indagar cuidadosamente e, é claro, ceticamente, o que é o relacionamento. Se não compreendermos o relacionamento jamais seremos capazes de produzir a necessária revolução na sociedade.

O que é então o nosso relacionamento? Estamos em algum momento relacionados um com o outro de alguma forma? Você pode ter uma esposa, ou uma namorada, o que é a fantasia atual. Você pode ter um marido ou pode ter diversas garotas ou senhoras, mas qual é a base desse relacionamento? Trata-se meramente de prazer sexual, trata-se meramente de uma sensação de bem-estar, de conveniência, de contato social? Por favor, interroguem-se sobre isso. Será que nos atrevemos a examinar esse relacionamento? Estaremos assustados demais para examiná-lo? Compreendem a minha pergunta? Estamos com medo de examinar o nosso relacionamento — a mulher, a filha, a namorada, o marido, toda a estrutura do relacio-

namento na família? Não deveríamos descobrir por nós mesmos o que é o verdadeiro relacionamento? Vamos então inquirir; por favor, não aceitem o que o orador está dizendo. Isso seria muito absurdo, não teria validade alguma. Não terá significado algum na sua vida se você simplesmente disser: "Sim, alguém disse isso." Mas se você examinar o assunto, se se aprofundar na questão do relacionamento e observá-lo sem nenhuma orientação, sem nenhum motivo, se apenas o observar, do que se trata? Olhem inicialmente para o que na verdade está se passando. É prazer sexual ou prazer da companhia, prazer de ter alguém com quem você possa conversar, gracejar, brigar, ou venerar, adorar? Nesse relacionamento, existe algum amor, ou essa palavra, esse sentimento, está totalmente ausente? E nesse relacionamento com o outro você tem uma imagem sobre ele e ele tem uma imagem de você. Certo? O relacionamento se dá entre essas duas imagens que o pensamento criou. Eu gostaria de saber se vocês vêem tudo isso por vocês mesmos. Posso ter uma mulher ou um marido. Vivemos um com o outro por vários anos, e eu formei uma imagem sobre ela, uma imagem sexual, imagem de bem-estar, de encorajamento, de alguém em quem eu posso confiar, que irá amparar meus filhos, e ela tem uma imagem sobre mim. Não sou casado, não se preocupem. Graças a Deus! Vocês riem, mas não percebem a tragédia que há em tudo isso.

Assim, o que é o seu relacionamento verdadeiro? Você não tem nenhum. Certo? Você pode ter uma casa, uma mulher, filhos. Você trabalha no escritório todos os dias das 9 às 5 ou 6 da tarde pelos próximos cinqüenta anos, volta para a sua casa, para a sua cama, para suas brigas, não tem tempo para nada a não ser para o dinheiro. Se você está em busca de poder, de posição, de *status*, esta é a sua vida — conflito — e você chama a isso de relacionamento. Certo? Não concordem. Olhem bem para a situação e pensem se essa construção de imagens pode ter fim. Compreendem? Pois a maioria de nós vive com imagens, a respeito de nós mesmos e dos outros. A imagem do político, a imagem do cientista, a imagem do guru, as imagens feitas pela mente e pela mão — vivemos com imagens. As imagens passam a assumir uma importância incrível, e não o viver.

A questão é saber se o mecanismo que cria a imagem pode chegar a um fim. Vocês compreendem o que estou dizendo? Por favor, me acompanhem. Estamos fazendo juntos esta jornada. Vocês não estão sendo hipnotizados pelo orador; então, por favor, não durmam. Estamos percorrendo juntos o caminho, um caminho bastante tortuoso, bastante complexo, com muitas voltas, curvas perigosas, e juntos precisamos compreender uma forma de viver que seja totalmente diferente, para ter uma sociedade que seja totalmente diferente, e essa sociedade só pode ser diferente se vocês, como seres humanos, forem diferentes. Trata-se de uma equação muito simples. Portanto, podemos nós viver sem uma única imagem? Você tem uma imagem de você mesmo como advogado, como engenheiro, como santo, como guru, como um seguidor, você tem uma imagem de você mesmo. Por quê? Existirá segurança nessa imagem? Porque nossas mentes, nossos cérebros estão sempre buscando segurança, e vocês acreditam que existe segurança num conceito, numa crença, até que alguém surja e a faça balançar.

Pergunto então: há segurança na imagem que vocês construíram sobre vocês mesmos? Porque não há segurança numa coisa viva, ativa, que se move, mas nós acreditamos que há segurança na imagem que criamos. Sabem, acreditamos que há uma tremenda segurança no conhecimento. Se você é professor, mestre, se você é um guru, se você é qualquer tipo de arrivista, você tem um certo conhecimento. Esse conhecimento lhe proporciona um trabalho, uma habilidade, e você acredita que há grande segurança nisso. Você jamais questionou o que vem a ser o conhecimento, o conhecimento que não seja o conhecimento tecnológico. O conhecimento invariavelmente é incompleto. Você não pode ter completo conhecimento sobre coisa alguma. Isso é um fato. O conhecimento, portanto, vive sempre à sombra da ignorância. Acreditem nisso! Ele vive à sombra da ignorância. Então qualquer ação nascida do conhecimento terá de ser incompleta. Portanto, sendo incompleta, deve invariavelmente produzir conflito. Então o conhecimento que você tem sobre o outro no seu relacionamento é incompleto, e portanto qualquer ação baseada nesse conhecimento, que é a imagem que você tem sobre o outro no seu relacionamento, terá de produzir conflito. Isso é óbvio. Existirá um relacionamento

que não se baseie no conhecimento? Ou seja, eu a conheço como minha mulher, eu vivi com você durante vinte anos e sei tudo sobre você, o que é bobagem, é claro. Mas o conhecimento que tenho é a imagem de você que o meu pensamento criou. Vocês compreendem isso?

O mecanismo que é o movimento do pensamento no relacionamento cria a imagem e portanto a divisão. Onde há divisão deve haver conflito: entre os hindus e os muçulmanos, entre a Índia e o Paquistão, entre árabes e judeus, entre socialistas e católicos. Será possível pôr um fim ao conflito no relacionamento? Indaguem comigo sobre a possibilidade de terminar completamente o conflito. Vamos indagar o porquê de a humanidade, de você, um ser humano que é o resto da humanidade, por que você vive em conflito no seu relacionamento. O conflito deve existir sempre que houver divisão. Certo? Esta é a lei e, se você percebe o fato de que você não é um indivíduo, mas o resto da humanidade, incluindo sua mulher, cujo rosto você tem olhado nos últimos vinte anos e com a qual se aborreceu — pode o conflito ter fim? Isto é: por que entra o pensamento no relacionamento? Percebe o que digo? O pensamento invariavelmente divide, o pensamento invariavelmente cria a imagem: você e o outro. Por que o pensamento entra no relacionamento? O que significa dizer que o pensamento é amor? O pensamento é desejo, o pensamento é prazer no relacionamento?

Estamos perguntando por que, afinal, o pensamento entra no relacionamento. Por favor, mergulhem nisso, indaguem sobre isso. Não é o pensamento que está nos dividindo: você um hindu, eu um muçulmano; eu um comunista, você um socialista? Vocês conhecem tudo isso. E especialmente no nosso relacionamento, por que entraria o pensamento? Por favor, façam essa pergunta, não de forma superficial, não verbalmente apenas ou como um idéia abstrata que vocês estão examinando; mas por que entraria o pensamento no meu relacionamento com outra pessoa? Que lugar ocupa o pensamento fora do mundo tecnológico? Compreendem o que quero saber? No mundo tecnológico preciso do pensamento para poder construir um computador, ou um robô; para construir o que quer que seja, uma cadeira, para plantar uma árvore, preciso do pensamento. Para aprender uma

língua, preciso do pensamento. Mas por que entraria o pensamento no nosso relacionamento? Por favor, olhem para isso! Será que é porque ele construiu uma imagem sobre o outro, tal como ele criou a imagem sobre você mesmo e essa imagem tornou-se mais importante do que o relacionamento real? Será verdade que gostamos mais de viver na ilusão do que na realidade? Será a realidade tão desagradável que preferimos não olhar para ela?

Você pode olhar para o seu relacionamento diário com a sua mulher, com seu patrão? Nesse relacionamento, você, como entidade autocentrada, torna-se a coisa importante e, em conseqüência, inevitavelmente deve haver conflito. E você pode olhar para a sua mulher, para o seu marido, e não permitir que a palavra interfira? A palavra é o pensamento — compreende? —, a palavra é o símbolo. Quando você diz, "minha mulher", veja o que você fez. A palavra tornou-se importante. Nessa palavra existe a totalidade da estrutura da possessão, da dominação, do apego, e quando existe apego deve haver corrupção.

Você ouve tudo isso. E será que ao ouvi-lo surge uma abstração denominada idéia, ou no próprio ato de ouvir você vê a verdade de tudo isso? O que na verdade está se passando no seu cérebro: enxergando a verdade real, ou ouvindo e fazendo uma abstração disso, formando uma idéia e, portanto, a idéia torna-se importante e não o fato? Você está realmente observando o que é o fato e você pode — isto é importante, se posso apontá-lo —, você pode permanecer com o fato sem nenhum movimento do pensamento? Se eu criei uma imagem sobre mim mesmo, sentado nesta cátedra diante de uma grande platéia, com uma reputação, aquela conversa fiada de que escrevi diversos livros, de que fui homenageado, insultado, e tudo isso, essa imagem pode ser apagada, pode ser ferida. Surge alguém e me diz: "Meu amigo, você é muito pequeno em comparação com alguém que conheço", e eu me ofendo porque a imagem foi arranhada. Se eu não tiver nenhuma imagem sobre mim mesmo — o que no meu caso é um fato — ninguém pode arranhá-la. Portanto, um relacionamento com essa pessoa não se baseia no pensamento e há um relacionamento de um tipo inteiramente diferente. Isto é para o orador e não tem importância alguma. O que é importante é você no seu relaciona-

mento. Você pode enxergar esse fato e permanecer com o fato; não inventar desculpas, justificativas, suprimir e fugir do fato, mas, ao contrário, permanecer verdadeiramente com o fato de que você é uma imagem, o que é o fator que produz conflito com o outro?

Se você permanecer assim solidamente, sem nenhum tipo de movimento, então essa energia que foi dissipada através da supressão dissolve o fato. Faça isso, teste e você verá que tem um tipo de relacionamento totalmente diferente com o outro e, portanto, uma sociedade diferente na qual esse terrível conceito de um indivíduo com suas próprias buscas, com sua ambição falsa e todo o resto chega a um fim. Você passa a viver de um modo totalmente diferente. Isso significa que você vive com amor. Temo que neste país, e em outros países, essa palavra tenha perdido o sentido mas, sem a beleza do amor, o relacionamento torna-se um horror.

De Comentários sobre o Viver Segunda série: *Conformismo e Liberdade*

Viver sozinho requer grande inteligência; viver sozinho e ainda assim ser dócil é algo árduo. Viver sozinho, sem os muros das gratificações em que nos enclausuramos requer que sejamos extremamente alertas; pois uma vida solitária estimula a preguiça, hábitos que são confortadores e difíceis de romper. Uma vida a sós encoraja o isolamento, e apenas os sábios podem viver a sós sem causar mal a eles próprios ou aos outros. A sabedoria é solitária, mas um caminho solitário não leva necessariamente à sabedoria. O isolamento é morte, e a sabedoria não se atinge pelo fato de você se retirar. Não existe caminho para a sabedoria pois todos os caminhos são separadores, exclusivos. Pela sua própria natureza, os caminhos podem apenas conduzir ao isolamento, embora esses isolamentos sejam chamados de unidade, de totalidade, de uno, e assim por diante. Um caminho é um processo exclusivo; os meios são exclusivos e os fins são como os meios. Os meios não são separados do objetivo, daquilo "que deveria ser". A sabedoria chega com a compreensão do relacionamento com o campo, com o passante, com o pensamento fugaz. Retirar-se, isolar-se de modo a poder descobrir, significa pôr um fim à descoberta. O relacionamento leva a uma solidão que não é de isolamento. É preciso que haja solidão, não da mente que se fecha em si mesma, mas da liberdade. O completo é o sozinho, e a incompletude busca o caminho do isolamento.

Bombaim, 24 de Janeiro de 1982

Queremos transformar a sociedade. Os comunistas já o tentaram, houve revoluções físicas, sempre físicas, derramando grandes quantidades de sangue, e assim por diante. Nós todos queremos mudar a sociedade, pois ela é imoral, corrupta, sem nenhum senso de contato humano, e você não pode certamente mudá-la a menos que cada relacionamento nosso com o outro seja completa e radicalmente mudado. Isso é muito óbvio. Mas nós sempre queremos mudar o que está fora sem alterar a estrutura interior da mente humana. Estamos juntos examinando, olhando, sendo sensíveis, de forma a estar cientes daquilo que estamos fazendo. Esta é uma conversa bastante séria, não algo intelectual ou emocional. Um homem realmente sério é um homem religioso. Estamos considerando seriamente o relacionamento humano. No relacionamento humano existe conflito, dor, desgraça, e existe também o assim chamado prazer, e iremos examinar todos esses problemas e descobrir se é possível mudar radicalmente um relacionamento no qual dificilmente se encontra algo de amor.

Estamos perguntando o que é o relacionamento. O que significa estar relacionado com alguém? Por favor, o orador está fazendo a pergunta, mas estamos pensando juntos sobre isso. Bem, o relacionamento humano tornou-se um problema. O significado dessa palavra *problema* é o de ter algo atirado sobre você; é um desafio, algo lançado sobre você; alguma coisa que você precisa encarar, que você precisa compreender. E um desafio requer uma abordagem adequada. Precisamos então compreender o que vem a ser a nossa abordagem a um problema. Há esse problema do relacionamento humano, que é um problema na vida de todos; quer vocês estejam cientes dele ou

não, ele ainda assim está presente. Como vocês abordam esse problema? Vocês compreendem a minha pergunta? O problema existe. Como vocês se acercam dele, com que mente, com quais motivos? Como vocês fazem para estabelecer contato bem próximo com o problema? Será que o problema é diferente do observador que está examinando o problema? Vocês estão me acompanhando? Provavelmente a maioria de nós achará isso extremamente difícil, porque vocês jamais pensaram sobre esses assuntos em absoluto; portanto, por favor, sejam pacientes e vamos mergulhar juntos na questão.

Suponham que eu tenha um problema. Como eu o encaro, como eu o examino, como respondo a ele? Então, o importante não é o problema, mas sim como ele é abordado. Isso está claro? Tenho medo do problema? Ou prefiro fugir dele, suprimi-lo, racionalizá-lo? Ou tenho uma razão pela qual preciso antes achar uma resposta para ele? Assim, aproximo-me do problema com toda a minha confusão, com toda a minha incerteza, com todo o meu medo. Precisamos descobrir qual é a sua abordagem, como você chegou a ela. Qual a sua motivação? Seu objetivo é resolver, se você está plenamente ciente desse problema. Você quer resolvê-lo porque ele é doloroso. Se o problema for prazeroso, não é um problema. Mas quando o problema se torna doloroso, produz confusão, insegurança; então você precisa examiná-lo,. investigá-lo. O importante, pois, é o modo como você aborda o problema.

Como você ouve o que ele está dizendo? Como você recebe isso? É claro que você ouve através do seu órgão auditivo. Você compreende inglês e o orador está falando nessa língua; você compreende as palavras que ouve, mas existe também uma audição para além da palavra, além da interpretação verbal. Escutar de forma que você imediatamente compreenda o que ele está falando é a arte de escutar. Estamos, portanto, perguntando agora: Como você aborda o problema? Sua abordagem irá determinar ou solucionar o problema; então, descubra como você aborda qualquer problema. É muito simples se se tratar de um problema científico; você o aborda com todo o conhecimento de que dispõe e tenta obter maiores informações — sobre a matéria, sobre o átomo, e assim por diante. Se você tem um problema, você o aborda com as suas lembranças ou você o aborda como

se o fizesse pela primeira vez? Compreendem a minha pergunta? Estão me acompanhando?

Vamos fazer uma abordagem diferente. O que é exatamente o nosso relacionamento entre homem e mulher? Deixando de lado o relacionamento sexual, existe algum outro tipo de relacionamento? Ou estará cada um seguindo seu próprio caminho, separadamente, nunca se encontrando a não ser sexualmente? Como dois trilhos de estrada de ferro que nunca se encontram, assim é o nosso relacionamento, não é verdade? Sendo assim, nosso relacionamento é puramente sensorial, um relacionamento sexual, e o relacionamento entre cada um de nós baseia-se nas imagens que formamos sobre cada um. Vocês estão conscientes disso? O que é realmente o seu relacionamento com o outro? Ou será que você não tem relacionamento algum a não ser sexual? Se não tem relacionamento um com o outro, o que suponho ser exatamente o caso, então o que é sua vida? Vida *é* relacionamento. Sem relacionamento você não pode existir. Mas nós reduzimos o relacionamento a meras respostas sensoriais. Fico imaginando para saber se estão cientes dessa complexidade do relacionamento. Você não poderá escapar dele tornando-se um eremita, um saniasi, um monge; você não conseguirá escapar de ter relacionamentos humanos.

Precisamos então examinar com atenção o porquê de os seres humanos terem perdido não apenas o relacionamento com a natureza mas também com o outro. Vocês compreendem? Por quê? Como dissemos, procurar apenas a causa não trará a solução do problema. Você pode encontrar a causa, eu lhes mostrarei a causa, mas a compreensão da causa, o exame da causa, não solucionará o problema. Sei, por exemplo, que somos egoístas, totalmente centrados em nós mesmos, e somos centrados em nós mesmos porque esse é um hábito nosso, a nossa tradição, a nossa formação religiosa: "Você é uma alma separada, você precisa buscar a sua salvação", e assim por diante. Essa ênfase no egoísmo, no girar em torno de si mesmo, através da educação, através da pressão, vem existindo desde tempos imemoriais. Essa é a causa de toda essa desgraça. Compreendemos isso intelectualmente, mas descobrir a causa não nos torna menos egoístas. Dissemos então que o mais importante não é o processo analítico de

descobrir a causa, mas o fato de permanecermos com o problema, que é exatamente o de sermos egoístas. Isso é um fato; portanto, não há relacionamento de uns com os outros. Cada um segue o seu próprio caminho. Os divórcios se multiplicam, na Europa e na América, e vêm crescendo paulatinamente também aqui na Índia; quando as mulheres podem prover seu sustento elas abandonam os homens. Assim, gradativamente, temos um mundo onde o relacionamento dificilmente existe. Então nos tornamos insensíveis, autocentrados, buscando nossos próprios caminhos. Ou seja, nosso caminho é o de nos tornarmos alguém, de enriquecer, de chegar a ser o executivo principal, ou o padre principal, o arcebispo, e assim por diante. Existe toda essa luta por tornar-se alguma coisa, o que é essencialmente egoísta.

Vocês agora ouviram isso, que de alguma forma todos sabemos. Quando ouvem essa afirmação, qual a reação de vocês? Vocês a aceitam e dizem: "Sim, o que o senhor diz é absolutamente verdadeiro", e seguem em frente? Ou vocês ouvem, percebem a verdade do que digo e permanecem com essa verdade de forma que ela possa agir, sem que *vocês* façam alguma coisa, de forma egoísta? Compreendem o que estou dizendo?

Vamos examinar o assunto. Suponham que eu sou egoísta e diga que não devo ser egoísta. Isto é, o pensamento produziu o egoísmo. Ele estruturou o egoísmo. Então, o pensamento diz: "Não devo ser egoísta." Há portanto um conflito entre o fato e o que o pensamento quer que seja. Certo? Vamos, me acompanhem. Suponham que eu seja violento. Isto é um fato. É assim. Mas eu invento a não-violência, o que é um não-fato. Certo? Eu sou violento; não sei como lidar com isso, o que fazer com isso. Então, ou eu me conformo com isso, ou tento compreender isso, tento enfrentar isso. E acredito que me ajudará se eu tiver a idéia de não-violência, que tem sido pregada incessantemente neste país sem resultado algum. O conflito, portanto, surge entre o "o que existe" e o "o que deveria existir". O "o que existe" é um fato, o "o que deveria existir" é não-fatual. Pode-se então abandonar o não-fatual, o ideal, "o que deveria existir" e considerar apenas o "o que existe", ou seja, a violência? Certo? Este é um problema. Vocês têm o problema humano: queremos paz, mas somos violentos. Então o fato é que somos violentos. Como abordar

esse fato? Como vocês olham para esse fato? Qual é a sua intenção quando vocês olham para esse fato? Ou vocês querem suprimi-lo ou fugir dele, ou querem transcendê-lo, o que significa que vocês não estão realmente enfrentando o fato; vocês estão tentando fugir dele. Estão acompanhando o que digo? Estamos pois dizendo, permaneçam com o fato, sem traduzir o fato, sem tentar fugir do fato. Olhem para ele, convivam com ele. Quando estiverem com ele, dêem a ele toda a sua atenção; mas quando disserem, "preciso transcendê-lo", "preciso fugir dele", "preciso buscar a não-violência", estarão desperdiçando sua energia. Estão me acompanhando? Estamos, portanto, dizendo, permaneçam com o fato que vocês chamam de violência. Tratem de compreendê-lo, aprendam sobre ele. E só podem aprender se observarem. Certo?

Agora, esperem um minuto: existe uma diferença entre aprender e memorizar. Todos temos sido treinados para memorizar, o que não é o mesmo que aprender. Aprender é observar e deixar aquilo que observa contar a sua história.

Estamos, pois, perguntando: O que vem a ser o seu relacionamento humano? Se você é casado ou tem uma namorada, ou o que quer que você tenha, como você olha para ela, ou para ele? Qual é a sua reação quando você olha para o seu marido ou para a sua mulher? Ou será que vocês são totalmente indiferentes? Ou dizem: "Tenho responsabilidade em relação a ela e às crianças." Estão acompanhando tudo isso? Qual a sua verdadeira resposta interior? Você está seguindo o seu caminho e ela seguindo o dela, e assim vocês jamais se encontram, porque são ambiciosos, competitivos, querem mais dinheiro, um trabalho melhor, e assim por diante, e ela também tem as suas ambições, os seus ideais. Não existe relacionamento algum quando duas pessoas seguem caminhos paralelos. Compreendem isso? Claro! É tão simples quando você olha para isso.

Portanto, o que é o relacionamento no qual só existe o prazer sexual? E o prazer é amor? Estou propondo uma questão. Por favor, descubram. O amor é prazer sexual? O prazer é amor? Não vamos entrar na questão do que é amor. Isso requer uma grande dose de compreensão, grande sensibilidade, apreciação da natureza como beleza, beleza da forma, beleza de uma face, beleza do céu. E sem

toda essa sensibilidade na apreciação da natureza você jamais descobrirá o que é o amor. Mas se você reduziu a vida, o viver em relacionamento, ao prazer sexual, e ao fato de cada pessoa perseguir seus próprios caminhos, então você terá um tremendo conflito, uma rebelião insuportável, que deverá se desenvolver na sua vida entre homem e mulher.

Sendo assim, ao examinar o relacionamento de um com o outro, íntimo ou não, começamos a compreender, ou a aprender e a descobrir se é possível ou não viver juntos como duas pessoas, homem e mulher, sem nenhum tipo de conflito. Cada qual ser sensível ao outro e não ter nenhum tipo de conflito: será isso possível? Pois a nossa vida, a nossa contínua vida diária, dia após dia, é uma série de conflitos, de infindáveis conflitos até a nossa morte. Jamais conhecemos uma vida sem um único momento de conflito. Será o conflito necessário ao relacionamento? Ou seja, enquanto você tiver uma imagem dela, e ela tiver uma imagem de você, tem de haver conflito. Correto? Você constrói uma imagem dela, ou ela de você, através do hábito, através das discussões, através das implicâncias, através do encorajamento. Vocês estão fortalecendo um ao outro através das palavras, das lisonjas, dos insultos, e tudo isto está ajudando você a formar uma imagem sobre ela e a ela sobre você. É isso o que fazemos. Certo, senhores? Agora, será possível viver com outra pessoa sem que uma pessoa tenha uma imagem sobre a outra? Por favor, aprendam sobre isso! Ou seja, eu tenho uma imagem da minha mulher — não sou casado, mas imaginem que eu tenha uma imagem sobre a minha mulher. (Risos.) Por que vocês riem quando digo que não sou casado? Por que riem? Estão rindo porque sou um homem de sorte? Estão rindo porque para vocês rir é uma forma de fugir do fato? Por favor, estamos falando sobre coisas muito, muito sérias, sobre a vida, sobre a nossa vida diária. Não se distraiam com risadas. Temos que enfrentar essa terrível existência em que não há felicidade, não há amor.

Vejam, o orador está muito preocupado em produzir uma transformação na mente humana. Ele está preocupado. Ele sente que isso é uma tremenda responsabilidade e está, portanto, falando sobre isso. Tal como vivemos atualmente, com tanto egoísmo, insensibilidade,

indiferença, brutalidade, estamos nos destruindo uns aos outros. E perguntamos: será possível viver sem um único conflito no nosso relacionamento? Eu digo, o orador diz, é possível, é perfeitamente possível. Embora não seja casado, o orador viveu com inúmeras pessoas, em suas casas, com amigos e assim por diante, sem construir uma imagem sobre ninguém. Sabem o que é preciso para isso? Uma mente bastante ágil, não uma mente entupida de conhecimentos, de recordações, entupida de experiências; mas uma mente muito ágil, alerta, observadora. Quando são observadores do que está se passando à sua volta, na rua, quando você entra num ônibus, ou num trem, num avião, ou quando você está andando por uma rua, observe, olhe, seja sensível a tudo o que está acontecendo à sua volta. Então você se torna muito sensível ao seu relacionamento. Será possível viver uma vida em que não há nenhum tipo de conflito?

Em primeiro lugar, compreendam a questão, a beleza da questão: viver uma vida, não idealmente, não como um ideal que você deve atingir, mas examinar a possibilidade de viver sem um único conflito. A questão tem grande beleza nela mesma. Você cuida de analisar essa questão por ser muito sensível; você está ciente desse enorme conflito entre os seres humanos, que termina em guerra, em divórcio, em negligência total do outro, em insensibilidade e tudo o mais. Mas se você se propõe a analisar a questão de se se pode viver uma vida em que as lutas e os conflitos podem ter fim, se você faz isso seriamente, então essa questão começa a evoluir. Ela própria trará à tona uma infinidade de problemas e você terá de enfrentar esses problemas. E ao enfrentá-los não deve haver razões, não deve haver luta para compreendê-los. Encare-os.

Vocês já foram a museus, alguns de vocês? Tenho a certeza de que sim. E vocês certamente olharam para um quadro, sem comparar um quadro de Rembrandt com uma pintura moderna, mas simplesmente olhando para o quadro sem compará-lo com nenhum outro? Alguma vez vocês já fizeram isso: escolheram um quadro, sentaram-se à sua frente e ficaram olhando para ele? Então o quadro lhes contará sua história, o que o artista quis que vocês compreendessem. Mas se você abordar esse quadro comparando-o com o quadro de outro artista, você não estará olhando para ele.

Do mesmo modo, você é a história da humanidade. Em você está o resíduo de todo o empenho do homem, de todo o sofrimento do homem, da sua ansiedade. Olhe! Vocês como seres humanos não estão sozinhos; vocês são como o resto da humanidade: sofrem, sentem dores, estão buscando segurança, estão incertos, confusos, em agonia, e assim está o homem na Europa, ou na América, ou na Rússia, ou na China. Existe, portanto, uma continuidade no sofrimento humano da qual você é parte. Vocês são parte da humanidade. Vocês *são* a humanidade. Logo, vocês não estão sozinhos; vocês não são na sua consciência algo separado; vocês são parte da humanidade. Não são um indivíduo. São a totalidade da humanidade, porque a humanidade passou por dores intermináveis, por sofrimentos incomensuráveis, com lampejos ocasionais de alegria e de amor. Isso é o que vocês são. Então, é preciso que vocês compreendam isso. E a história da humanidade são vocês. Vocês precisam aprender a ler o livro da humanidade, que são vocês. Compreendam tudo isso! Vocês são a história da humanidade e precisam ler esse livro. Quer você o leia página por página, o que significa conhecer todo o conteúdo do sofrimento, da dor, da alegria, do prazer, a terrível ansiedade e agonia, ou você salta as páginas e diz: "Eu sei tudo isso." Ou basta ler o primeiro capítulo e você já sabe o livro todo.

Conhecer a si mesmo, o que é autoconhecimento, é importante para o relacionamento. Se você não se conhece a si mesmo, o que você é, seus problemas, suas ansiedades, suas incertezas, seu desejo de segurança, se você não compreende tudo isso, como pode compreender sua mulher ou seu marido? Eles permanecerão duas entidades separadas. Então relacionamento significa não apenas contato físico, que é sexual, mas o não ter imagem alguma sobre o outro. Haverá, portanto, um relacionamento imediato e sensitivo no qual existe amor. Amor não é recordação. Amor não é a figura que o pensamento cria a respeito do outro. Isso não é amor. Amor não é prazer. Será que vocês estão compreendendo bem?

Assim, é importante compreender a natureza e a estrutura do relacionamento. Para transformar esta sociedade corrupta você precisa transformar a si mesmo radicalmente. Estamos preocupados exclusivamente com isso: produzir uma mudança na própria mente, nas

próprias células do cérebro. O orador discutiu este problema com cientistas, com especialistas do cérebro, se o cérebro, que foi condicionado através do tempo a funcionar dentro da área do conhecimento, se esse cérebro pode ser mudado radicalmente quando há uma *compreensão interior* total na totalidade do problema humano. Uma *compreensão interior* não é lembrança. Não vou entrar nisso agora porque é muito complexo. Assim, por favor compreendam sobre o que é nossa conversa, ou seja, o relacionamento de cada um com o outro. Tal como dois amigos caminhando juntos por uma bonita alameda cheia de árvores e pássaros, e sombras incontáveis, estamos investigando a natureza do cérebro, a mente, a natureza do nosso coração, se nessa estrutura pode haver uma total mudança de forma que sejamos seres humanos diferentes, com mentes diferentes, com compaixão.

Portanto, tornem-se sérios algum dia, não apenas por esse momento, mas sejam sérios através da vida. Ser realmente, profundamente sério é ser religioso; não a religião de ir a templos, igrejas, e todo esse tipo de coisa — isso não é religião. O homem que é diligente na sua seriedade, esse homem é um verdadeiro homem religioso.

Fontes e Agradecimentos

Do Relatório Autêntico da quarta palestra pública em 16 de julho de 1940 em Ojai, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 1-4.

Da transcrição do terceiro encontro público de perguntas e respostas em 31 de julho de 1981 em Saanen, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 5-9.

Do Relatório Verbatim da sétima palestra pública em 15 de agosto de 1948 em Bangalore, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 10-15.

Do Relatório Verbatim da segunda palestra pública em 17 de julho de 1949 em Ojai, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 16-19.

Do Relatório Verbatim da terceira palestra pública em 4 de dezembro de 1949 em Rajahmundry, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 20-24.

Do Relatório Verbatim da primeira palestra pública em 25 de dezembro de 1949 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 25-27.

Do Relatório Verbatim da primeira palestra radiofônica em 28 de dezembro de 1949 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 28-30.

Do Relatório Verbatim da segunda palestra pública em 1 de janeiro de 1950 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 31-35.

Do Relatório Verbatim da terceira palestra pública em 8 de janeiro de 1950 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 36-39.

Do Relatório Verbatim da quinta palestra pública em 22 de janeiro de 1950 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 40-41.

Do Relatório Verbatim da segunda palestra radiofônica em 22 de janeiro de 1950 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 42-47.

Do Relatório Verbatim da sétima palestra radiofônica em 9 de março de 1955 em Bombaim, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 48-51.

Do Relatório Verbatim da primeira palestra pública em 13 de janeiro de 1957 em Colombo, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1991, Fundação Krishnamurti da América, pp. 52-53.

Do Relatório Verbatim da oitava palestra pública em 18 de maio de 1961 em Londres, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1992, Fundação Krishnamurti da América, pp. 54-57.

Do Relatório Autêntico da sexta palestra pública em 9 de janeiro de 1966 em Madras, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1992, Fundação Krishnamurti da América, pp. 58-67.

Do Relatório Autêntico da segunda palestra pública de 8 de novembro de 1967 em Rishi Valley, em *Collected Works of Krishnamurti*, copyright © 1992, Fundação Krishnamurti da América, pp. 68-73.

Da transcrição da terceira palestra pública de 17 de novembro de 1968 no Claremont College, Califórnia, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 74-75.

Do diálogo 23 em *Tradition and Revolution* em 28 de janeiro de 1971 em Rishi Valley, copyright © 1972, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 76-85.

Da transcrição da primeira palestra pública em 10 de março de 1973 em San Francisco, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 87-92.

Da transcrição do primeiro diálogo público em 1 de agosto de 1973 em Saanen, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 93-95.

Da transcrição do segundo diálogo público em 2 de agosto de 1973 em Saanen, copyright © 1992 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.,pp. 96-100.

Da transcrição da terceira palestra pública em 8 de setembro de 1973 em Brockwood Park, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 101-103.

Da sexta palestra pública em 25 de julho em *Talks in Saanen 1974*, copyright © 1975, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 104-109.

Da transcrição de uma conversa com estudantes e equipe em Brockwood Park em 30 de maio de 1976, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 110-120.

Da transcrição da quinta palestra pública em 20 de julho de 1976 em Saanen, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 121-133.

Da transcrição do quinto diálogo público em 31 de julho de 1977 em Saanen, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 134-136.

Da transcrição da quinta palestra pública em 21 de abril de 1979 em Ojai, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 137-139.

Da transcrição da quarta palestra pública em 2 de setembro de 1979 em Brockwood Park, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 140-141.

Da transcrição da primeira palestra pública em 25 de janeiro de 1981 em Bombaim, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 142-151.

De "Conformity and Freedom" em *Commentaries on Living Second Series*, copyright © 1958, Krishnamurti Writings Inc., pp. 152.

Da transcrição da segunda palestra pública em 24 de janeiro de 1982 em Bombaim, copyright © 1992, Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., pp. 153-161.

SOBRE DEUS

J. Krishnamurti

"Às vezes, achamos que a vida é algo mecânico, e outras vezes, quando há tristeza e confusão, recorremos à fé, voltando-nos para um ser supremo em busca de ajuda e de orientação" — diz Krishnamurti nas primeiras páginas deste livro.

Nas palestras enfeixadas neste volume, Krishnamurti discorre sobre a incoerência dessa atitude, fala sobre a futilidade que é a procura do conhecimento do "incognoscível" e mostra que só quando cessamos a nossa busca intelectual é que podemos estar "radicalmente livres" para experimentar a realidade, a verdade e a bem-aventurança.

Neste livro, Krishnamurti nos apresenta "a mente religiosa" como aquela que percebe diretamente o sagrado, em vez de aderir a dogmas religiosos.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986), o renomado mestre espiritual, divulgou sua mensagem em conferências e em livros como *Reflexões sobre a Vida*, *A Rede do Pensamento*, *Diálogos sobre a Visão Intuitiva* e outros publicados pela Editora Cultrix.

Nesta nova série serão publicados os seguintes títulos:

- *Sobre Deus*
- *Sobre relacionamentos*
- *Sobre a vida e a morte*
- *Sobre o modo correto de ganhar a vida*
- *Sobre conflitos*
- *Sobre aprendizagem e conhecimento*
- *Sobre amor e solidão*
- *Sobre a mente e o pensamento*

EDITORA CULTRIX

KRISHNAMURTI

Recolhendo, na íntegra, o texto das palestras feitas por Krishnamurti na Europa em 1965, O Descobrimento do Amor traz-nos de volta a sua palavra viva, palavra na qual as ressonâncias poéticas como que dão maior força à verdade das idéias expostas. Mais uma vez aborda Krishnamurti, com a sua lucidez e a sua profundeza habituais, alguns temas diretamente vinculados à vida de todos os dias e nos quais o eterno e o contigente se encontram na perene novidade e na perene identidade da experiência humana. Entre esses temas destacam-se: a transformação fundamental; prazer e desejo; sanidade mental e meditação; viver sem contradição; a totalidade da existência; os problemas humanos; mudança individual; a transformação da mente; o tempo; o processo de ajustamento; a paz interior; o amor e a morte; a questão da deterioração; a essência da vida.

O FUTURO É AGORA

Últimas Palestras na Índia

J. Krishnamurti

A visão e a influência de Krishnamurti tem perdurado por muito tempo nas mentes e nos corações de inúmeras pessoas por todo o mundo.

Sua mensagem revolucionária é de uma abrangência imensurável e jamais poderá ser ignorada.

Este livro é a sua mensagem final, transmitida na forma de palestras públicas e de conversas diretas com o público, quando de sua última visita à Índia em 1985.

Em *O Futuro é Agora*, Krishnamurti propõe uma mudança radical no modo de pensar humano, convidando o leitor a buscar o *insight* profundo que o libertará das fragmentações da mente inferior e revelará a unidade subjacente em tudo o que existe.

EDITORA CULTRIX

DIÁRIO DE KRISHNAMURTI

J. Krishnamurti

O *Diário de Krishnamurti* constitui-se numa dessas obras privilegiadas das quais o público leitor pode dizer que há muito tempo vem aguardando com certa ansiedade. Trata-se, na realidade, de um livro encantador, o qual Krishnamurti redige, a um só tempo, como pensador dotado de profundidade e grande poeta da Natureza.

* * *

Nasceu Krishnamurti no ano de 1895, em Madanapalle, Madrasta, Índia. Conforme o costume entre os Brâmanes do Sul da Índia, chamaram-no pelo nome de família Jiddu. E assim o fizeram por ter sido ele o oitavo filho. Com isso, seus familiares manifestavam o desejo de que, quando adulto, consagrasse a sua existência a Krishna, a encarnação divina, e que fora também oitavo filho. Em 1909, a Dra. Annie Besant e C. W. Leadbeater notaram em Krishnamurti faculdades latentes de inestimável valor moral e espiritual, acabando por admitir que, devidamente desenvolvidas, fariam do jovem um grande mestre. Todavia, os leitores dos inúmeros livros de Krishnamurti sabem que esse pensador não se erige como mestre da Humanidade nem tenciona ser o fundador de uma nova religião. Com freqüência, repete que o desenvolvimento espiritual decorre da conquista puramente individual e que jamais pode ser obtido pela submissão a qualquer mestre ou religião. Repudia toda autoridade que pretenda impingir-nos valores espirituais ministrados a um fechadíssimo grupo de crentes. A verdade, diz ele, confina com os limites da evolução humana, achando-se oculta na consciência de todos os seres humanos. Para atingi-la, temos de romper todas as barreiras e todos os laços que nos prendem à materialidade, pesada carga que faz de nós meros escravos mecanizados. Somente a Vida, conclui Krishnamurti, pode criar a Vida.

EDITORA CULTRIX

O VERDADEIRO OBJETIVO DA VIDA

J. Krishnamurti

Durante grande parte de sua vida, Krishnamurti viajou muito e, em todos os lugares por onde andou, centenas de homens e mulheres tiveram a oportunidade de conversar com ele, quer particularmente, quer durante as palestras que ele era chamado a realizar. Essas pessoas apresentaram-lhe suas dúvidas, revelaram-lhe seus ideais e, da forma mais espontânea e livre, discutiram com ele os grandes problemas inerentes à existência humana.

Nessas conversas, que nunca se limitaram a meras investigações filosóficas ou a uma simples busca intelectual de respostas e soluções, foram feitas descobertas valiosas e analisados temas que, por mais que sejam discutidos, sempre voltam à mente do homem por constituírem a base de todas as suas crenças e, contraditoriamente, a causa de todas as suas hesitações.

O verdadeiro objetivo da vida é o registro fiel de várias dessas palestras, tanto mais vivo pelo fato de não transcrever apenas as idéias de Krishnamurti, mas também a reação do auditório à análise das diversas questões propostas à sua consideração.

EDITORA CULTRIX